



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ÓRGÃO BISSEMANAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO 33 - Nº 649 - DE 17 A 31 DE OUTUBRO DE 2021 - R\$ 5,00



Viva os 104 anos da Revolução Russa!

**Lutemos pela superação da crise de direção revolucionária
Reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista**

Traição à greve da GM

**Direção sindical submete
o movimento à arbitrariedade
da Justiça burguesa do Trabalho**

**Construir direções
sindicais classistas
e revolucionárias!**



Viva os 104 anos da Revolução Russa!

Um século depois, e o capitalismo se desintegra e mergulha a humanidade na barbárie

Lênin, no quarto aniversário da Revolução de Outubro de 1917, previu que, se a revolução em escala internacional não avançasse, uma nova guerra viria, e seria ainda mais destrutiva e sangrenta. Dezoito anos depois, a Segunda Guerra voltou a assombrar a Europa, e projetou-se mundialmente. Desta vez, a guerra imperialista esteve envolta pela política e ideologia do fascismo. Na Primeira Guerra, estimam-se mais de 10 milhões de mortos. Até hoje, o número de mortos na Segunda Guerra é controverso, tamanha a atrocidade e as particularidades da matança. A contagem mais convincente é de 75 a 85 milhões de mortos; civis, 50 a 55 milhões; soldados, 21 a 25 milhões. Mais da metade das mortes se deu na República da China e na União Soviética. Especialmente na Polônia, foram mortos entre 1,8 a 1,9 milhão de não judeus, e 3 milhões de judeus. Calcula-se que os assassinatos de judeus, ciganos, outras nacionalidades, deficientes, opositores políticos, pelos nazistas, atingiram entre 11 a 17 milhões. Somente no campo de Auschwitz, foram executados 1,1 milhão de judeus, no total de cerca 6 milhões. A prática do genocídio compôs o quadro assombroso da Segunda Guerra. O teste da bomba atômica, no Japão, pelos Estados Unidos, praticamente dizimou Hiroshima e Nagasaki. A guerra já estava vencida pela aliança norte-americana, quando, em 6 e 9 de agosto de 1945, o governo Harry Truman aproveitou para mostrar o poderio da bomba atômica.

A fase última do capitalismo imperialista é de desintegração, de guerras, revoluções e contrarrevoluções. Essa caracterização histórica conserva seus fundamentos e sua vigência. A Segunda Guerra Mundial reorganizou as forças do imperialismo, realizando uma nova partilha do mundo, e preparou o caminho para a derrocada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A crise econômica dos anos de 1930, o fortalecimento do nazifascismo, o esgotamento da partilha do mundo, aprovada pelo Tratado de Versalhes, e a nova ofensiva militar da Alemanha seriam um teste ao governo de Stalin, às conquistas da revolução e à III Internacional.

A política de Stalin se encontrava em franco processo de revisão das teses leninistas sobre a dependência da Revolução de Outubro do avanço da revolução mundial, do desenvolvimento das formas socialistas de produção, e da III Internacional se firmar como partido mundial centralizado pelo programa dos seus Primeiros Quatro Congressos. Os erros cometidos, logo no início da conflagração, com o Pacto Germano-Soviético, indicaram que Stalin não tinha como seguir os fundamentos leninistas da guerra imperialista, e de sua transformação em guerra civil revolucionária. Não vinha preparando a URSS para uma nova guerra, como Lênin havia previsto, principalmente desde o momento em que Hitler chegou ao poder, em 1933.

A III Internacional, sob o comando estalinista, mergulhou fundo no revisionismo. Desorientou a luta dos partidos comunistas no mundo, principalmente na Alemanha, com a bandeira de defesa da democracia contra o fascismo, como se fossem na essência opostos, como se o fascismo não tivesse sido gestado nas entranhas da democracia burguesa em decomposição. Essa

linha foi a forma de se desviar da tarefa de organizar a luta da classe operária, com seu programa próprio, para a guerra imperialista, e se preparar a guerra civil. O heroísmo da URSS foi decisivo para a vitória na batalha de Stalingrado, em um combate sangrento, de junho de 1942 a fevereiro de 1943, e para a finalização da guerra. Esse lugar nos confrontos projetou a URSS, como aliada dos Estados Unidos e da Inglaterra. No Acordo de Potsdam, em meados 1945, confirmou a nova partilha do mundo. Poucos dias depois do seu encerramento, com o conhecimento dos aliados, os Estados Unidos despejariam as bombas atômicas sobre o Japão, que, apesar de derrotado, se negou a aceitar o acordo de encerramento da guerra.

Como parte da política de aliança com o imperialismo, Stalin ordenou a extinção da III Internacional, em maio de 1943. A ilusão de que a participação na partilha representava o avanço do comunismo não demorou a se esgotar, com a impotência do estalinismo diante da ascensão do imperialismo norte-americano e da “guerra fria”. O desmoronamento da URSS nos anos de 1990, sob a brutal pressão do restauracionismo, expressa o resultado histórico do abandono do leninismo, e do revisionismo contrarrevolucionário. Os retrocessos nas conquistas mundiais do proletariado abriram caminho para as contrarreformas em todo o mundo.

Há 104 anos da Revolução Russa, o capitalismo sobrevive, à custa da pobreza, miséria e fome das massas; à custa do recrudescimento da opressão nacional; à custa de intervencionismos militares e de guerras regionais. A reconstrução do pós-guerra há muito se esgotou. As forças produtivas voltaram a se chocar com as relações capitalistas de produção, precipitando crise sobre crise econômica, que recaem sobre os explorados, na forma de desemprego, subemprego, baixos salários, miséria e fome. A crise sanitária, que se precipitou em todo o mundo, com milhões de mortos, expôs a profundidade da desintegração do capitalismo, a incapacidade da burguesia de proteger os oprimidos, e o criminoso controle monopolista da vacina. Tudo indica que o próximo período será de avanço das conflagrações militares, impulsionadas pelo esgotamento da partilha do mundo e pela guerra comercial.

Os 104 anos devem ser compreendidos à luz da restauração capitalista, e da destruição das conquistas mundiais do proletariado, portanto, à luz da crise mundial de direção. Compreendido, sobretudo, à luz da desintegração do capitalismo, e da necessidade histórica da revolução mundial. Os ensinamentos da Revolução Russa, da degeneração estalinista; da resistência da Oposição de Esquerda, liderada por Trotsky; do processo de restauração capitalista e do revisionismo, que estilhou a IV Internacional; de conjunto, esses ensinamentos estão na base da luta da vanguarda com consciência de classe para construir os partidos revolucionários, reerguer o Partido Mundial da Revolução Socialista, e solucionar a crise mundial de direção

Nossa comemoração dos 104 anos da Revolução Russa se assenta no objetivo de derrubar o capitalismo pela revolução proletária, e construir a sociedade comunista!

Campanha do POR dos 104 anos da Revolução Russa

Este pronunciamento de Lênin, no quarto ano da Revolução Russa, tem três particularidades que merecem ser destacadas.

A primeira, diz respeito às tarefas democráticas que a revolução proletária deu início ao seu cumprimento. Neste ponto, Lênin fundamenta sua explicação no que Trotsky denominou de revolução permanente. Eis: *“Resolvemos os problemas da revolução democrática ao passar, como um ‘subproduto’ de nossas atividades fundamentais e genuinamente proletárias, revolucionárias, socialistas”*. *“(…) Temos sempre afirmado que as reformas são um subproduto da luta de classes, revolucionária. As reformas democrático-burguesas (...) são um subproduto da revolução proletária, isto é, socialista (...) A primeira se transforma na segunda”*.

A segunda, refere-se à guerra imperialista e a paz. Lênin indica que os acordos de

paz da primeira guerra mundial não garantiam que novas guerras imperialistas viriam a ocorrer, a não ser que a revolução mundial as impossibilitassem. E que se houvesse uma nova guerra seria ainda mais destrutiva. Essa previsão se realizou. O fundamental estava no acerto da política dos bolcheviques de transformar a guerra imperialista em guerra civil. Lênin afirma: *“(…) pela primeira vez, em vários séculos e milênios, a promessa de ‘responder’ à guerra entre os escravistas com um revolução dos escravos, dirigida contra todos os escravistas, foi cumprida até o fim, e se cumpre apesar de todas as dificuldades”*. Eis por que continuava em pé a luta contra os pacifistas burgueses e pequeno-burgueses.

A terceira, corresponde à difícil tarefa da construção econômica, nas condições de atraso da Rússia e da ruína deixada pela guerra imperialista e civil. Lênin dedica

uma parte de seu pronunciamento para mostrar que muitos erros foram cometidos, em função dos novos problemas que se apresentaram após a tomada do poder. Assinala a importância da tática, que corresponde às condições objetivas. Eis a essência de sua formulação: *“A experiência mostrou nosso erro, nos fez ver que são necessárias uma série de etapas de transição: o capitalismo de Estado e o socialismo, para preparar, com muitos anos de esforço, a transição ao comunismo”*.

Essas três particularidades que entrelaçam a política geral do proletariado diante da guerra imperialista e a política particular diante das condições concretas em que se realizava a transição do capitalismo ao socialismo, apesar de sintéticas, têm enorme valor para a formação marxista da vanguarda e a construção do partido revolucionário.

Diante do Quarto Aniversário da Revolução de Outubro

18 de outubro de 1921

Aproxima-se o quarto aniversário de 25 de outubro (7 de novembro).

Quanto mais se afasta de nós esta grande jornada, mais claro se torna o significado da revolução proletária na Rússia e mais profundamente refletimos também sobre a experiência prática do nosso trabalho, tomada no seu conjunto.

Esse significado e essa experiência poderiam expor-se muito brevemente - e, naturalmente, de forma muito incompleta e imprecisa - da seguinte maneira.

A tarefa imediata e direta da revolução na Rússia era uma tarefa democrático-burguesa: derrubar os restos do medievalismo, varrê-los definitivamente, limpar a Rússia dessa barbárie, dessa vergonha, desse enorme entrave para toda a cultura e todo o progresso de nosso país. Orgulhamo-nos justamente de ter feito essa limpeza com muito mais decisão, rapidez, audácia, êxito, amplitude e profundidade, do ponto de vista da influência sobre as massas do povo, sobre o grosso dessas massas, do que a grande revolução francesa, ocorrida há mais de 125 anos.

Tanto os anarquistas como os democratas pequeno-burgueses (isto é, os mencheviques e os socialistas-revolucionários, como representantes russos deste tipo social internacional) disseram e dizem uma incrível quantidade de ideias confusas sobre a questão da relação entre a revolução democrático-burguesa e a socialista (isto é, proletária). Os quatro últimos anos confirmaram plenamente a justeza de nossa interpretação do marxismo sobre este ponto, do nosso modo de aproveitar a experiência das revoluções anteriores. Levamos, como ninguém, a revolu-

ção democrático-burguesa até o fim. De modo perfeitamente consciente, firme e inflexível, avançamos para a revolução socialista, sabendo que ela não está separada da revolução democrático-burguesa por uma muralha da China, sabendo que só a luta decidirá em que medida conseguiremos (em última análise) avançar, que parte da nossa tarefa infinitamente grande cumpriremos, que parte das nossas vitórias consolidaremos. O tempo o dirá. Mas vemos, já agora, que fizemos uma obra gigantesca - levando em conta que se trata de um país arruinado e atrasado - na transformação socialista da sociedade.

Mas terminemos com o que se refere ao conteúdo democrático-burguês da nossa revolução. Os marxistas devem compreender o que isto significa. Para explicá-lo, tomemos alguns exemplos eloquentes.

O conteúdo democrático-burguês da revolução significa depuração das relações (ordem, instituições) sociais de um país marcado pelo medievalismo, servidão, feudalismo.

Quais eram as principais manifestações, sobrevivências e vestígios do regime de servidão na Rússia até 1917? A monarquia, os estamentos, a propriedade latifundiária e o usufruto da terra, a situação da mulher, a religião, a opressão das nacionalidades. Tomem qualquer destes “estábulo de Augias” - que, diga-se de passagem, deixaram em grande parte sem limpar todos os Estados avançados ao levar a cabo suas revoluções democrático-burguesas, há 125, 250 ou mais anos (Inglaterra em 1649) -, tomem qualquer destes “estábulo de Augias”, e verão que limpamos a fundo. Em cerca de dez semanas, de 25 de outubro (7 de novembro) de 1917 até a dis-



Mas, para consolidar aos povos da Rússia as conquistas da revolução democrático-burguesa, nós devíamos ir mais longe, e fomos. Resolvemos as questões da revolução democrático-burguesa de passagem, como um “subproduto” do nosso trabalho principal e verdadeiro, proletário, revolucionário, socialista.

discutir-se» (no estrangeiro há muitos literatos, democratas-constitucionalistas, mencheviques e socialistas revolucionários, para se dedicarem a essas discussões) o que resultará «ao fim e ao cabo» das transformações agrárias da Grande Revolução de Outubro. Não estamos dispostos a perder tempo com essas discussões, porque é pela luta que resolvemos esta discussão e toda a quantidade de discussões que dela derivam. Mas o que não se pode contestar é o fato de que os democratas pequeno-burgueses estiveram oito meses “entendendo-se” com os latifundiários, que conservavam as tradições da servidão, enquanto nós, em algumas semanas, varremos por completo da face da terra russa esses latifundiários e todas as suas tradições.

Tomai a religião, ou a falta de direitos da mulher, ou a opressão e a desigualdade de direitos das nacionalidades não russas. Tudo isso são questões da revolução democrático-burguesa. Os democratas pequeno-burgueses vulgares passaram oito meses falando disso; não há nem um dos países mais avançados do mundo onde estas questões tenham sido resolvidas até o fim, no sentido democrático-burguês. Em nosso país, a legislação da Revolução de Outubro resolveu-os até o fim. Lutamos e continuamos a lutar seriamente contra a religião. Demos a todas as nacionalidades não russas as suas próprias repúblicas ou regiões autónomas. Na Rússia, não existe já essa vileza, essa infâmia e ignomínia, que é a falta de direitos ou a restrição dos direitos da mulher, sobrevivência indigna da servidão e do medievalismo, renovada em todos os países do globo terrestre, sem uma só exceção, pela burguesia egoísta e pela pequena-burguesia obtusa e assustada.

Tudo isto é o conteúdo da revolução democrático-burguesa. Há cento e cinquenta ou duzentos e cinquenta anos os dirigentes mais avançados dessa revolução (ou dessas revoluções, se falarmos de cada variedade nacional em relação ao tipo ge-

104 anos da Revolução Russa

ral) prometeram aos povos libertar a humanidade dos privilégios medievais, da desigualdade da mulher, das vantagens concedidas pelo Estado a uma ou outra religião (ou à “ideia de religião”, à “religiosidade” em geral), da desigualdade de direitos das nacionalidades. Prometeram, mas não cumpriram. E não podiam cumprir, porque os impedia o “respeito”... pela “sagrada propriedade privada”. Na nossa revolução proletária, não houve esse maldito “respeito” por esse maldito medievalismo e por essa “sagrada propriedade privada».

Mas, para consolidar aos povos da Rússia as conquistas da revolução democrático-burguesa, nós devíamos ir mais longe, e fomos. Resolvemos as questões da revolução democrático-burguesa de passagem, como um “subproduto” do nosso trabalho principal e verdadeiro, proletário, revolucionário, socialista. Sempre dissemos que as reformas são um subproduto da luta revolucionária de classe. As transformações democrático-burguesas - dissemos, e demonstramos com factos - são um suproduto da revolução proletária, isto é, socialista. Afirmamos de passagem que todos os Kautskys, os Hilferdings, os Martovs, os Tchernovs, os Hillquits, os Longuets, os MacDonalds, os Turatis e outros heróis desse marxismo da “II 1/2” não souberam compreender a relação entre a revolução democrático-burguesa e a revolução proletária socialista. A primeira transforma-se na segunda. A segunda resolve de passagem os problemas da primeira. A segunda consolida a obra da primeira. A luta, e só a luta, determina até que ponto a segunda consegue ultrapassar a primeira.

O regime soviético é precisamente uma das confirmações, ou manifestações, evidentes dessa transformação de uma revolução em outra. O regime soviético é o máximo de democracia para os operários e os camponeses e, ao mesmo tempo, a ruptura com a democracia burguesa e o surgimento de um novo tipo de democracia de importância histórica mundial: a democracia proletária ou ditadura do proletariado.

Deixem que os canalhas e vilões da moribunda burguesia e da democracia pequeno-burguesa que se arrasta atrás dela nos cubram de maldições, de injúrias e de escárnios pelos insucessos e erros que cometemos ao construir o nosso regime soviético. Nem por um momento, esquecemos que cometemos e ainda estamos cometendo inúmeros erros, e sofremos muitos reveses. E como haveríamos de evitar os erros e reveses em uma obra tão nova, nova para toda a história mundial, como é a criação de um novo tipo de regime estatal ainda desconhecido! Lutaremos sem descanso para corrigir os erros e superar os reveses, para melhorar a forma como aplicamos os princípios soviéticos, que está ainda longe, muito longe, de ser perfeita. Mas temos o direito de nos orgulhar, e nos orgulhamos de ter a felicidade de iniciar a construção do Estado Soviético, de iniciar assim uma nova época da história universal, a época do domínio de uma nova classe, oprimida em todos os países capitalistas, e que avança em toda a parte para uma vida nova, para a vitória sobre a burguesia, para a ditadura do proletariado, para a libertação da humanidade do jugo do capital e das guerras imperialistas.

A questão das guerras imperialistas, da política internacional do capital financeiro, política que hoje domina em todo o mundo e que gera inevitavelmente novas guerras imperialistas, que gera inevitavelmente uma intensificação sem pre-

cedentes do jugo nacional, da pilhagem, da exploração, do estrangulamento das pequenas nacionalidades, fracas e atrasadas, por um punhado de potências “avançadas”, é uma questão que desde 1914 se tornou a pedra angular de toda a política em todos os países do globo terrestre. É uma questão de vida ou de morte para dezenas de milhões de pessoas. Trata-se da questão de saber se na próxima guerra imperialista, que a burguesia prepara diante dos nossos olhos, que vai surgindo do capitalismo diante dos nossos olhos, morrerão vinte milhões de homens (em vez dos dez milhões que morreram na guerra de 1914-1918 e nas “pequenas” guerras que vieram a completá-la, e que ainda não terminaram), de saber se nessa futura guerra inevitável (se o capitalismo se mantiver) ficarão mutilados 60 milhões de pessoas (em vez dos 30 milhões de mutilados de 1914-1918). Também nesta questão a nossa Revolução de Outubro abriu uma nova época da história universal. Os lacaios da burguesia e os seus bajuladores - os socialistas revolucionários e mencheviques -, bem como toda a democracia pequeno-burguesa pretensamente “socialista” de todo o mundo, zombam da palavra de ordem de “transformação da guerra imperialista em guerra civil”. Mas essa palavra de ordem revelou-se a única verdade - desagradável, brutal, nua e cruel, certamente -, a única verdade em contraste diante de uma grande quantidade das mais sutis mentiras chauvinistas e pacifistas. Essas mentiras vão desmoronando-se. A paz de Brest foi desmascarada. A cada dia, desmascaram-se mais implacavelmente o significado e as consequências de uma paz ainda pior que a de Brest, a Paz de Versalhes. Fica cada vez mais nítida e inquestionável, para milhões de pessoas que pensam acerca das causas da recente guerra e da que se aproxima, a monstruosa e inexorável verdade: não é possível escapar da guerra imperialista, nem da paz imperialista (se usássemos ainda a antiga ortografia, eu empregaria a palavra “mir” em suas duas acepções) (1), a qual engendra inevitavelmente a guerra imperialista; não é possível escapar desse inferno de outra maneira que não seja o da luta bolchevique, e por meio da revolução bolchevique.

Deixemos que a burguesia e os pacifistas, os generais, os pequenos burgueses, os capitalistas e os filisteus, todos os cristãos crentes e todos os cavaleiros das Internacionais II e II 1/2 insultem furiosamente a revolução. Nenhuma torrente de injúria, calúnias e mentiras poderá ocultar o fato histórico universal de que, pela primeira vez, desde há séculos e milênios, os escravos responderam à guerra entre escravistas

proclamando abertamente esta palavra de ordem: transformemos essa guerra entre escravistas pela partilha do saque em uma guerra dos escravos de todas as nações contra os escravistas de todas as nações.

Pela primeira vez, depois de séculos e milênios, esta palavra de ordem transformou-se de esperança vaga e impotente em um programa político claro e preciso, em uma luta efetiva de milhões de oprimidos sob a direção do proletariado; transformou-se na primeira vitória do proletariado, na primeira vitória da luta pelo fim das guerras, e pela

união dos operários de todos os países contra a aliança da burguesia das diversas nações, contra a burguesia que faz a paz e a guerra à custa dos escravos do capital, à custa dos operários assalariados, à custa dos camponeses, à custa dos operários, dos camponeses, dos trabalhadores.

Esta primeira vitória não é ainda a vitória definitiva. Nossa Revolução de Outubro alcançou-a com privações e dificuldades inauditas, com sofrimentos sem precedentes, com uma série de muitos reveses e graves erros de nossa parte. Como poderia um povo atrasado conseguir impedir sem reveses e erros as guerras imperialistas dos países mais poderosos e avançados do globo terrestre? Não receamos reconhecer os nossos erros e os encaramos serenamente para aprender e corrigi-los. Mas os fatos continuam a ser fatos: pela primeira vez, depois de séculos e milênios, a promessa de “responder” à guerra entre escravistas com a revolução dos escravos contra toda a espécie de escravistas foi cumprida até ao fim, e se está cumprindo, apesar de todas as dificuldades.

Nós começamos esta obra. Pouco importa saber quando precisamente, em que data e em que momento os proletários de qual nação culminarão esta obra - é uma questão não essencial. O essencial é que se quebrou o gelo, que se abriu caminho, que se indicou a via.

Continuem com sua hipocrisia, senhores capitalistas de todos os países, que “defendam a pátria”, a pátria ja-

ponesa da americana, a americana da japonesa, a francesa da inglesa, etc! Continuem a “escamotear” a questão dos meios de luta contra as guerras imperialistas com novos “manifestos de Basileia” (segundo o modelo do Manifesto de Basileia, de 1912), senhores cavaleiros das Internacionais II e II 1/2 e todos os pequenos burgueses e filisteus pacifistas de todo o mundo! A primeira revolução bolchevique tirado da guerra imperialista, do mundo imperialista, a primeira centena de milhões de homens da terra. As revoluções seguintes livrarão dessas guerras e desse mundo toda a humanidade.



A questão das guerras imperialistas, da política internacional do capital financeiro, política que hoje domina em todo o mundo e que gera, inevitavelmente, novas guerras imperialistas, que gera inevitavelmente uma intensificação sem precedentes do jugo nacional, da pilhagem, da exploração, do estrangulamento das pequenas nacionalidades, fracas e atrasadas, por um punhado de potências “avançadas”, é uma questão que desde 1914 se tornou a pedra angular de toda a política em todos os países do globo terrestre.

A última tarefa - e a mais importante, e a mais difícil e a menos acabada - é a construção econômica, o lançamento dos alicerces econômicos do edifício novo, socialista, em lugar do edifício feudal destruído e do edifício capitalista semidestruído. É nessa tarefa, a mais importante e a mais difícil, que temos sofrido mais reveses e cometido mais erros. Como se poderia começar sem reveses e sem erros uma obra tão nova para todo o mundo? Mas a começamos, e a continuaremos. Precisamente agora, com a nossa «nova política econômica», corrigimos toda uma série de nossos erros e aprendemos a prosseguir, sem esses erros, a construção do edifício socialista em um país de pequenos camponeses.

A última tarefa - e a mais importante, e a mais difícil e a menos acabada - é a construção econômica, o lançamento dos alicerces econômicos do edifício novo, socialista, em lugar do edifício feudal destruído e do edifício capitalista semidestruído. É nessa tarefa, a mais importante e a mais difícil, que temos sofrido mais reveses e cometido mais erros. Como se poderia começar sem reveses e sem erros uma obra tão nova para todo o mundo? Mas a começamos, e a continuaremos.

As dificuldades são imensas. Estamos habituados a lutar contra dificuldades imensas. Por alguma razão, os nossos inimigos nos consideram “firmes como a rocha”, e representantes de uma política de inflexível. Aprendemos também - pelo menos aprendemos até certo ponto - outra arte necessária na revolução: a flexibilidade, saber mudar de tática rápida e bruscamente, partindo das mudanças verificadas nas condições objetivas, e escolhendo outro caminho para os nossos objetivos, se o caminho anterior se revelou inconveniente ou impossível para um período de tempo determinado.

Contávamos, levados por uma onda de entusiasmo, depois de despertar no povo um entusiasmo a princípio político e depois militar, contávamos realizar diretamente, na base desse entusiasmo, tarefas econômicas tão grandes (como as políticas, como as militares). Contávamos - ou talvez seja mais justo dizer: supúnhamos, sem ter calculado o suficiente - que, com imposições diretas do Estado proletário, poderíamos organizar de maneira comunista, em um país de pequenos camponeses, a produção estatal e a distribuição estatal, dos produtos. A experiência mostrou o nosso erro, nos fez ver que são necessárias uma série de etapas de transição; o capitalismo de Estado e o socialismo, para preparar - preparar com o trabalho de longos anos - a passagem ao comunismo. Não diretamente na base do entusiasmo, mas com a ajuda do entusiasmo, entusiasmo gerado pela grande revolução, na base do interesse pessoal, na base do incentivo pessoal, na base do cálculo econômico, devemos começar a construir pri-

104 anos da Revolução Russa

meiro sólidas pontes, que conduzam, em um país de pequenos camponeses, ao socialismo, passando do capitalismo de Estado ao socialismo. De outro modo, não chegaremos jamais ao comunismo, de outro modo não levaremos o comunismo a dezenas e dezenas de milhões de seres humanos. Eis o que nos ensinou a experiência, e o curso objetivo do desenvolvimento da revolução.

E nós que, em três ou quatro anos, aprendemos um pouco a fazer mudanças bruscas (quando se exige uma mudança brusca), pusemo-nos com zelo, atenção e afinco (embora ainda com insuficiente zelo, insuficiente atenção e insuficiente afinco) a estudar uma nova mudança, a “nova política econômica”. O Estado proletário deve tornar-se um “patrão” prudente, diligente e hábil, um bom comerciante majoritário - de outro modo não se pode pôr economicamente de pé um país de pequenos camponeses; nas condições atuais, vivendo ao lado do Ocidente capitalista (ainda capitalista), não há outro caminho para o comunismo. O comerciante majoritário nos parece

um protótipo econômico tão afastado do comunismo como o céu da terra. Mas, esta é precisamente uma das contradições que, na vida real, conduzem da pequena exploração camponesa ao socialismo, por meio do capitalismo de Estado. O incentivo pessoal eleva a produção; nós precisamos, antes de mais nada e a todo o custo, de aumentar a produção. O comércio une economicamente milhões de pequenos camponeses, incentivando-os, ligando-os, conduzindo-os à etapa seguinte: às diversas formas de ligação e de união na própria produção. Iniciamos já a necessária transformação de nossa política econômica. Neste novo campo de “aprendizagem”, estamos concluindo nosso curso preparatório. Se estudamos com firmeza e perseverança, e comprovamos por meio da experiência prática cada um dos nossos passos, se não tememos modificar, uma e outra vez, o que começamos, nem corrigir os nossos erros, e se analisamos mais atentamente o seu significado, passaremos para o curso superior. Terminaremos todo o “curso”, ainda que a situação atual da economia e da política mundiais a tenham tornado muito mais longo e difícil do que nós tínhamos desejado. Custe o que custar, por muito penoso que sejam os sofrimentos da época de transição, apesae das calamidades, da fome, da ruína, não nos deixaremos abater e levaremos a nossa obra até a vitoriosa final.

Lênin, 18 de outubro de 1921

(Extraído das Obras Completas, Lênin, tomo XXXV, Akal Editor)

Escute o Massas,
podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**



Nestes 104 anos da Revolução Russa, publicamos um livro que expõe o percurso das formulações de Lênin, denominado “Lênin estrategista. Apontamentos sobre a história do Partido Bolchevique”. Decidimos, também, rever a série de comemorações realizada pelo POR. Neste jornal Massas, reeditamos uma parte do material, seguindo a ordem cronológica, que se inicia com a homenagem aos 75 anos da Revolução Russa de outubro de 1917. Um destaque nesse caminho foi a publicação do livro “100 anos da Revolução Russa”.

Esse rico material faz parte do programa e da construção do POR. Não se pode assumir plenamente o socialismo científico de Marx e Engels, sem incorporar no programa as conquistas programáticas, teóricas, ideológicas e práticas do bolchevismo. Notamos que quase a totalidade das correntes que se reivindicam do socialismo tem abandonado ou minimizado a importância da revolução russa, principalmente depois da desintegração da burocracia estalinista, da falência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e do avanço geral da restauração capitalista em todas as revoluções do século XX.

As vitórias do imperialismo contra o movimento mundial do proletariado, principalmente a partir da década de 1970, possibilitaram uma gigantesca campanha da burguesia, em torno à falsa ideia de que o comunismo se mostrou inviável. Nessas condições desfavoráveis ao marxismo, o reformismo pequeno-burguês e burguês procurou retomar seu lugar de destaque na história. No

Brasil, temos o exemplo do PT, que influenciou a esquerda reformista e centrista latino-americana. É por meio da política de conciliação de classes, que a burguesia e o imperialismo realizaram uma ofensiva contra os fundamentos da revolução proletária, o princípio estratégico da ditadura do proletariado, a tática da ação direta, e as diretrizes do internacionalismo comunista. As deformações e os desfiguramentos dos partidos comunistas pelo estalinismo, bem como importantes situações em que puderam trair o proletariado, jogaram água no moinho da contrarrevolução. Na América Latina, realça o exemplo da frente popular no Chile.

O fato de a IV Internacional não ter tido tempo de se afirmar no seio das massas possibilitou que essas pressões penetrassem em suas fileiras, gestassem o revisionismo e a dilacerassem. Mas, o seu Programa de Transição, os documentos da Oposição de Esquerda, dirigida por Trotsky, a exemplo do programa constituído nos Primeiros Quatro Congressos da III Internacional, sob a liderança de Lênin, estão plenamente de acordo com as condições objetivas para a transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. Essas conquistas do proletariado não puderam e não podem ser destruídas pela burguesia. São os pilares da retomada da luta pela reconquista do terreno perdido, e conquistas de novos avanços.

Esse é o sentido do POR reunir, neste jornal Massas, seu esforço de cumprir essa tarefa, como parte do objetivo de superar a crise de direção.

75 anos da Revolução Russa

outubro de 1992

A imprensa burguesa e os reformistas petistas procuram impor a ideia de que os princípios leninistas da revolução socialista são os mesmos do estalinismo. Identificam a estratégia da ditadura do proletariado e a natureza do Estado Operário com a ditadura burocrática estalinista e com o Estado Operário degenerado, fruto do fim do poder dos soviets, da eliminação física da Oposição de Esquerda, destruição do programa bolchevique e do aparecimento e fortalecimento de uma casta de parasitas do Estado.

Opostamente a essa farsa armada contra a vigência da Revolução de 1917, os verdadeiros revolucionários leninistas e trotskista levantam e comprovam a validade da análise marxista, ou seja, que a luta de classe conduz à ditadura do proletariado através da via insurreccional. E a maturidade das forças produtivas (que necessitam crescer), que se choca com as relações de produção burguesa, o que faz a revolução ser uma necessidade histórica.

A vitória da Revolução Russa, protagonizada pela classe operária e apoiada na maioria nacional oprimida, e a criação do governo operário e camponês possibilitaram a estatização dos meios

de produção e a implantação da economia planificada, responsáveis por um grande salto no desenvolvimento das forças produtivas. O que lhe permitiu, por um período, impor-se perante aos grandes países capitalistas.

As experiências advindas da Comuna de Paris, Marx e Engels assinalaram que a revolução não poderia se limitar à tomada do poder do Estado, mas teria de necessariamente destruí-lo, para estruturar um novo Estado, baseado nos órgãos de poder das massas em sua luta contra a burguesia. Isto se concretizou, na Rússia, com o surgimento dos soviets e da ditadura do proletariado. Estas lições, longe de serem dogmáticas, como dizem os vendidos petistas, constituem na mais rica experiência da luta revolucionária.

A bandeira da esquerda apodrecida e dos reformistas é a de combater a ideia da revolução proletária e disseminar o pensamento burguês de que o comunismo acabou com o desmoronamento econômico e político da Rússia. Procuram identificar o atual estágio de decadência da economia russa com a propriedade estatizada dos meios de produção, ou seja, com a ausência da

economia de mercado (capitalistas). Por outro lado, confundem os princípios marxista-leninistas com os de caráter totalitário da burocracia estalinista.

A revolução russa e a ditadura do proletariado não avançaram, mas se estancaram e degeneraram, particularmente porque ficaram isolados. As tendências reacionárias mundiais, impulsionadas pelo imperialismo, atuaram sobre o Partido Comunista. A burocracia encarnou essas tendências ao extirpar o bolchevismo e as ideias revolucionárias do movimento operário. O estalinismo destruiu os soviets e a democracia operária, permitindo tirar o controle da economia das mãos das massas. Se o regime soviético deu um grande impulso à economia, através da nacionalização dos meios de produção e planificação econômica, a burocracia foi passo a passo destruindo essas conquistas. A Perestroika e a Glas-

104 anos da Revolução Russa

nost são provas da face contrarrevolucionária do estalinismo.

A ditadura estalinista colocou-se a serviço de transformar o Estado operário degenerado em Estado capitalista. Pretende-se transformar a Rússia em capitalista, quando este regime está em plena desintegração em todo o mundo. Por isso, as convulsões sociais internas colocarão a necessidade da reconquista do poder, através da revolução política e a estruturação da ditadura proletária, sobre bases soviéticas (conselhos).

Na atualidade, a estruturação da IV Internacional, cujo programa se comprovou com a derrocada do estalinismo, constitui numa tarefa impostergável. Contribuiremos com a revolução política na URSS, construindo o partido revolucionário no Brasil e trabalhando por estruturar o Partido Mundial da Revolução Socialista.

77 anos da Revolução Russa

Defender a Revolução Russa, defendendo a Revolução Socialista Mundial, a começar pelo nosso próprio país

novembro de 1994

No dia 25 de outubro de 1917, no calendário russo (7 de novembro no nosso), a classe operária, apoiada nos camponeses pobres, tomou o poder na Rússia, através da insurreição. Em outubro de 1994, faz 77 anos a primeira revolução proletária vitoriosa, que abriu caminho para um amplo movimento revolucionário mundial. Há 46 anos antes de 1917, e distante de nossos dias 123 anos, o proletariado francês inaugurava a era das revoluções anticapitalistas, com a tomada do poder pela insurreição e instalação da Comuna de Paris.

A sua derrota não foi em vão, deixou importantes lições, que seriam assimiladas pelo proletariado russo, através do partido bolchevique. Convém-nos estabelecer o elo histórico entre a revolução proletária de março de 1871 derrotada pela reação burguesa e a primeira revolução vitoriosa de 1917. As primeiras lições foram tiradas por Marx e Engels, dois revolucionários que viveram neste período e assentaram toda a base do socialismo científico.

Analisando os fatores da derrota, Karl Marx e Friedrich Engels dirão, na obra "A Guerra Civil na França", "que não basta a classe operária apoderar-se da máquina do Estado para adaptá-la aos seus próprios fins". Concluem que é preciso destruir a máquina estatal burguesa, por corresponder à ditadura de classe dos capitalistas contra a maioria explorada. Desta forma, a derrotada Comuna de Paris "permitiria desvendar definitivamente a natureza do Estado na sociedade de classes". E ajudaria Marx e Engels

a compreenderem a essência da estratégia da revolução social anticapitalista. Ou seja, a necessidade de destruir a ditadura de classe da burguesia, desintegrando seu Estado, e de estabelecer a ditadura de classe do proletariado, como condição transitória para realizar as transformações econômicas e sociais em direção ao comunismo, sociedade sem classes. A extinção da ditadura do proletariado se dará com a extinção das classes, numa sociedade altamente avançada sem exploradores e explorados, sem fome e miséria, enfim, sem luta de classes.

O Partido Bolchevique, surgido de uma cisão do Partido Social-Democrata Russo, que foi fundado em 1898, teve o mérito histórico de encarnar plenamente os ensinamentos da revolução proletária de 1871 através da doutrina do socialismo científico de Marx e Engels. O partido dirigido por Lênin, e mais tarde por Trotsky, para nos referirmos apenas aos dois maiores dirigentes, elaborou o programa da estratégia da revolução e ditadura proletárias. Esse programa, forjado na mais intensa luta de classes - como comprovam os acontecimentos sangrentos da revolução democrática de 1905 e, depois, com a insurreição de fevereiro de 1917 - permitiu a fusão do movimento revolucionário socialista com o movimento instintivo do proletariado, que pôde nestas condições dirigir o movimento camponês contra os latifundiários e nacionalizar as terras.

Assim como Marx e Engels, Lênin e Trotsky sempre tiraram as ideias revolu-

cionárias das experiências vivas da luta de classes. Militando no interior do movimento das massas proletárias, se verifica que estas são os semeeiros da teoria e do programa da revolução. Da mesma forma que a tomada do poder na França de 1871 expôs todo o problema da transformação da classe operária em dirigente do Estado e das transformações revolucionárias, a criação dos conselhos de operários, camponeses e soldados, os soviets, pelas massas em luta, possibilitaram aos bolcheviques materializar a revolução e ditadura proletárias.

Explicando a importância dos "soviets" (conselhos), Lênin dirá, em abril de 1917: "O traço mais notável de nossa revolução é que tem dado origem a um duplo poder. Antes de tudo, é necessário entender este fato, pois sem compreendê-lo não será possível avançar. Devemos saber como completar e corrigir as velhas 'fórmulas', por exemplo, as do bolchevismo, pois, se bem demonstraram ser corretas em geral, sua realização concreta resultou ser diferente. Ninguém pensou previamente, e não poderia pensar, em um duplo poder. O que é esse duplo poder? Junto ao governo provisório, o governo da burguesia, surgiu outro governo, débil e incipiente, mas sem dúvida um governo que existe realmente e se desenvolve: os soviets de deputados operários e soldados".

Lênin mostrará que a composição de classe desse governo é de proletários e camponeses, e que seu caráter político é de uma ditadura revolucionária, que significa "um poder diretamente baseado na tomada revolucionária do poder, na iniciativa direta do

povo deste abaixo, e não em uma lei promulgada por um poder político centralizado". Essa observação concreta, de por onde passará a revolução, lhe permite estabelecer elos de ligação com a Comuna de Paris. Conclui: "Este poder é do mesmo tipo da Comuna de Paris de 1871".

Eis o resumo das características citadas por Lênin: 1) A fonte do poder não está nas leis previamente aprovadas no parlamento, mas sim na iniciativa direta do povo desde as bases: 2) Substituição da polícia e exército pelo armamento de todo o povo: 3) A burocracia estatal é substituída pelo governo direto do povo, os empregados do Estado são eleitos, e podem ser destituídos diante do descontentamento do povo e sua remuneração não excederá o salário de um operário qualificado.

Estão aí algumas condições essenciais para se destruir o Estado burguês e substituí-lo pelo Estado Operário. Seis meses depois de Lênin ter defendido a importância dos soviets para a revolução, os bolcheviques levaram as massas a tomarem o poder, estabelecendo a República dos Sovietes.

Esta obra, entretanto, passou a ser destruída por uma fração, dirigida por Stalin, do próprio partido bolchevique (nome mudado para partido comunista russo). A partir de 1924, a fração de Stalin ganhou força no interior do partido e do Estado Operário, expressando as pressões da pequena-burguesia ainda vigente na Rússia revolucionária e da burguesia internacional.

Uma das características fundamentais da degenerescência do Estado Operário, ou seja, da ditadura de classe do proletariado, foi o restabelecimento de uma burocracia estatal privilegiada, assentada em interesses pequeno-burgueses e burgueses. Esta casta foi emancipando cada vez mais o Estado Soviético da influência da classe operária, cedendo lugar à influência da pequena burguesia e da burguesia internacional, mesmo que indiretamente.

A quebra das características soviéticas, citadas por Lênin, deu lugar ao fenômeno da ditadura burocrática estalinista, que abria caminho para a restauração capitalista. Porém, a burocratização e afastamento do Estado do controle operário não se deu sem que a política desenvolvida por Stalin fosse produto da revisão dos princípios fundamentais do marxismo-leninismo. Leon Trotsky, que organizou a Oposição de Esquerda, combateu de conjunto as revisões, sendo um de seus pontos mais



Lênin mostrará que a composição de classe desse governo é de proletários e camponeses, e que seu caráter político é de uma ditadura revolucionária, que significa "um poder diretamente baseado na tomada revolucionária do poder, na iniciativa direta do povo deste abaixo, e não em uma lei promulgada por um poder político centralizado".

importantes a concepção estalinista do "socialismo em um só país". Por essa tese, a burocracia estalinista renegou o postulado internacionalista da impossibilidade da construção do socialismo em um só país, isolando a Rússia do processo da revolução mundial e auxiliando o imperialismo a destruir os avanços revolucionários em outros países. Desta concepção se desprende a política de "coexistência pacífica" com o imperialismo e, finalmente, a dissolução da III Internacional, em maio de 1943, em plena guerra imperialista. Stalin e sua fração se afastarão completamente dos fundamentos, dos princípios e da tática marxista-leninista diante da guerra imperialista.

Com o tempo, se evidenciou que as forças produtivas na União Soviética estavam encarceradas pelo controle mundial capitalista e que as diferenças de classe aumentavam, enquanto o proletariado era cada vez mais sacrificado pela ditadura burocrática. O isolamento cada vez maior da União Soviética e a desativação do movimento internacional iriam dar lugar à grande crise, a partir de 1985. Mikhail Gorbachev elaborará a sua Glasnost-Prestróika, que significa restabelecer o capitalismo e destruir de vez as conquistas da revolução de Outubro.

Leon Trotsky previu a possibilidade, já em 1938, na obra "A Revolução Traída", de retrocesso, caso o proletariado russo não realizasse a tempo a revolução política, que

restituiria a ditadura do proletariado e o internacionalismo marxista. Para isso, lutou pela construção da IV Internacional. A vitória definitiva de Stalin deu lugar à Perestroika e à própria desagregação da burocracia, que procura se adaptar e se transformar em beneficiária do capitalismo.

Os esquerdistas céticos foram arrastados pelos últimos acontecimentos e pela propaganda de que definitivamente o comunismo se mostra inviável. O PT, para se mostrar adepto do capitalismo, apesar de vez em quando pronunciar a palavra socialismo, condenou, no seu Primeiro Congresso de 1992, a estratégia da ditadura do proletariado. Assim, apodrecerá com o capitalismo.

O fato é que o programa estalinista inviabilizou a União Soviética como parte da revolução mundial. O capitalismo está mergulhado numa crise mais profunda que a de 1919 e 1945, tratasse de reconstruir construir o Partido Mundial da Revolução Socialista (IV Internacional), deitando suas raízes na Comuna de Paris e na Revolução de Outubro de 1917.

***Viva a Revolução Russa!
Defendamos suas conquistas!
Pela revolução política contra a
burocracia estalinista!
Pela Revolução Socialista Mundial!
Pela Reconstrução do Partido
Mundial da Revolução Socialista, a
IV Internacional!***

82 anos da Revolução Russa

A luta de Trotsky contra a teoria do “socialismo em um só país”

outubro de 1999

Publicamos extratos da crítica de Trotsky à teoria do “socialismo em um só país” de Stalin-Bukarin, que comparece no livro a III Internacional depois de Lênin, também conhecido pelo subtítulo “Stalin Organizador de Derrotas”.

A marcha da restauração capitalista, acelerada em fins de 1980, na verdade, tem suas raízes no período de ascensão da burocracia estalinista, que fez uma revisão completa do marxismo-leninismo.

Materialmente, Stalin dirigiu um movimento favorável ao isolamento da URSS do proletariado internacional, e ao fortalecimento das pressões do imperialismo no sentido da destruição das conquistas da Revolução de Outubro. Trotsky se levantou, terminantemente, contra a teoria do “socialismo em um só país”, substitutiva da doutrina internacionalista de Marx-Engels-Lênin. Previu que a vitória da burocracia estalinista contra a Oposição de Esquerda levaria à restauração capitalista, mais cedo ou mais tarde.

Em 25 de outubro (7 de novembro), a Revolução Russa fez 82 anos. Aniversá-

rio esse que ocorre numa situação de crise capitalista, barbárie social e de trágica restauração capitalista na Rússia. Nesse momento, o governo soviético realiza uma guerra contra o direito de separação da Chechênia e Daguestão, expressão da estratégia de reconstrução do capitalismo, onde os interesses econômicos obrigam países a submeterem países (opressão nacional). Por mais distante que esteja a direção de Stalin do Estado soviético, em relação aos atuais sintomas de decomposição da Rússia, não se pode esconder que a presente situação é apenas a culminação do processo revisionista e restauracionista, iniciado pelo estalinismo.

Frente à desintegração do capitalismo mundial e ao retrocesso da ex-URSS, as teses da Oposição de Esquerda, liderada por Trotsky, se mostram corretas e constituem o caminho para o proletariado internacional enfrentar a barbárie. O rechaço à teoria do “socialismo em um só país”, e toda fundamentação de Trotsky em torno do internacionalismo marxista, passaram a fazer parte do programa re-

volucionário. Essa posição histórica está assinalada nos principais documentos de crítica ao estalinismo e de constituição da IV Internacional.

Colocar-se, hoje, pela construção do partido marxista, obrigatoriamente, significa assumir as ideias de Trotsky, contra o revisionismo estalinista e a restauração capitalista. Depois que a URSS, o Leste Europeu etc. sucumbiram frente às pressões do imperialismo, inúmeros esquerdistas procuraram não se identificar com as ideias de Stalin, mas, ao mesmo tempo, continuaram adversários, silenciosos ou não, do trotskismo. Isso quer dizer que permanecem estalinistas, e continuam carregando a responsabilidade das posições contrarrevolucionárias de Stalin. O texto abaixo comprova com exatidão essa conclusão.

Viva a Revolução de Outubro!

Viva o internacionalismo proletário!

Viva a IV Internacional!

Extratos do livro “A III Internacional depois de Lênin”

“Unindo, em um sistema de dependências e de contradições mútuas, países e continentes que alcançaram graus distintos de desenvolvimento, aproximando os diversos níveis de seu desenvolvimento e, ao mesmo tempo, depois, distanciando-os imediatamente, opondo implacavelmente todas as nações entre si, a economia mundial se converteu em uma poderosa realidade, que domina a vida econômica dos diversos países e continentes individuais. Este fato fundamental, por si só, dá um caráter profundamente realista à ideia do partido comunista mundial. Levando a economia mundial, no seu conjunto, à fase de desenvolvimento que, em geral, se pode alcançar sobre a base da propriedade privada, o imperialismo, como diz, corretamente o projeto na sua introdução, “agudiza extremamente a contradição que existe entre o crescimento das forças produtivas da economia mundial e as fronteiras que separam nações e Estados”.

Não é possível dar um só passo para a solução dos principais problemas da política mundial e da luta revolucionária, se não se assimila bem o significado desta tese, que apareceu, pela primeira vez, com toda clareza, no curso da última guerra imperialista.

“(…) A revolução internacional deve conceber-se como um processo interrelacionado, que não se pode prever em sua totalidade concreta, e na ordem de sucessão de todas as fases em que acontece, mas que é perfeitamente claro, em seus delineamentos históricos gerais. Se não se compreende isto, é absolutamente im-

possível orientar-se conscientemente em política.

Mas, as coisas se modificam radicalmente, se se toma como ponto de partida a ideia de um desenvolvimento socialista que está realizando-se e, inclusive, se está completando em um só país. Existe hoje em dia uma “teoria”, segundo a qual é possível construir integralmente o socialismo em um só país, e as relações entre este e o mundo capitalista podem basear-se na “neutralização” da burguesia mundial (Stalin). Se se adota este ponto de vista que é, no fundo, nacionalista e reformista, e não revolucionário e internacionalista, desaparece, ou ao menos se atenua, a necessidade da bandeira dos Estados Unidos Socialistas da Europa. Do nosso ponto de vista, entretanto, esta bandeira nos parece justamente importante e vitalmente necessária, já que contém a condenação da ideia do desenvolvimento socialista limitado a um só país. Para o proletariado de cada país europeu, em um grau muito mais pronunciado ainda que para URSS (...) a extensão da revolução aos países vizinhos, o apoio que se lhe dará nestes, pela força da armas, é a necessidade mais urgente, e não só por considerações de solidariedade internacional abstrata, que por si só não pode pôr em movimento as classes, mas sim por considerações vitais, centenas de vezes formulada por Lênin: não podemos nos manter, se revolução internacional não nos ajuda em tempo oportuno. A bandeira dos Estados Unidos Soviéticos da Europa corresponde a esta dinâmica da revolução proletária, que não surge simultaneamente em todos os países, mas

que se estende de um a outro, e exige que exista o contato mais íntimo entre eles, em primeiro lugar no território europeu, tanto para se defender contra os poderosos inimigos exteriores, como pelas necessidades da organização da economia (...).

(...) Não há dificuldade em entender que (...), já em Marx e Engels, ainda antes da época imperialista, tinham chegado à conclusão de que, por um lado, a “irregularidade”, isto é, os abalos do desenvolvimento histórico estenderão a revolução proletária a toda uma época, durante a qual, as nações entrarão umas após outras na torrente revolucionária, enquanto, por outro lado, a interdependência orgânica dos diversos países, sucedendo para uma divisão internacional do trabalho, exclui a possibilidade de estabelecer o regime socialista em um só país (...). A doutrina marxista, que assinala que a revolução socialista só pode começar sob limites nacionais, enquanto a realização do socialismo em um país é impossível, é duas e três vezes verdadeira (...) neste aspecto, Lênin não fez mais que desenvolver e concretizar tanto a maneira como Marx colocou a questão, como a solução que lhe deu (...).

(...) Stalin, a este respeito, disse, em novembro de 1926: “o Partido admitiu sempre como ponto de partida a ideia de que a vitória do “socialismo em um só país” significa a possibilidade de construir o socialismo em dito país, e que esta obra pode realizar-se com as próprias forças desse próprio país” (Pravda, 12 de novembro de 1926).

Já sabemos que o partido jamais admitiu isso como ponto de partida. Pelo contrário, em “toda uma série de obras, em todos os nossos discursos, em toda a imprensa”, como diz Lênin, o partido se baseou na posição contrária, que justamente encontrou sua expressão fundamental no programa do partido comunista da URSS. Mas, pelo menos, se poderia imaginar que o próprio Stalin “sempre” partiu da falsa ideia de que “o socialismo pode construir-se como as forças de um só país”. Vejamos se é certo.

Não há nenhum meio de conhecer quais eram os pontos de vista de Stalin sobre esse problema, em 1905 ou em 1915, pois, sobre isso, carecemos completamente de dados baseados em documentos. Mas em 1924, Stalin expôs de seguinte maneira as concepções de Lênin sobre a construção do socialismo:

“Derrubar em um país o poder da burguesia e instaurar o do proletariado não significa assegurar o triunfo completo do socialismo. Permanece ainda por realizar a missão principal deste: a organização socialista da produção. Pode-se resolver este problema, pode-se obter a vitória definitiva do socialismo em um só país, sem que se conjuguem os esforços dos proletários de vários países avançados? Não; é impossível. Para derrubar a burguesia, bastam os esforços de um só país, como prova a história de nossa revolução. Para que o socialismo triunfe definitivamente, para organizar a produção socialista, os esforços de um só país, sobretudo de um país tão camponês como a Rússia, já não bastam; são precisos,

para isso, os dos proletários de vários países avançados...

“Esses são em geral, os traços característicos da teoria leninista da revolução proletária”. (J.Stalin, sobre Lênin e o leninismo, edições do Estado, seção de Moscou, 1924, páginas 40/41).

É preciso reconhecer: “os traços característicos da teoria leninista” estão expostos aqui com bastante exatidão. Entretanto, nas edições posteriores do livro de Stalin, essa frase foi corrigida em um sentido diretamente oposto e “os traços característicos da teoria leninista” foram denunciados um ano depois como (...) trotskismo.

A teoria do “socialismo em um só país” conduz inevitavelmente a menosprezar as dificuldades que se têm de vencer, e a exagerar as realizações conseguidas. Não se poderia encontrar afirmação mais antissocialista e antirrevolucionária do que a declaração de Stalin de que “a nona décima parte do socialismo está já realizada em nosso país”. Isso é produto da imaginação de um burocrata vaidoso. Deste modo, se pode comprometer irremediavelmente a ideia da sociedade socialista diante das massas trabalhadoras. Os êxitos obtidos pelo proletariado soviético são grandiosos, se se leva em conta as condições em que foram obtidos, assim como o baixo nível da cultura herdado do passado; mas estas realizações pesam pouco na balança do ideal socialista. Para fortalecer os ânimos do operário, do trabalhador agrícola, do camponês pobre, que no décimo primeiro ano da revolução veem, em torno de si, a miséria, a pobreza, o desemprego, as filas diante das padarias, o analfabetismo, os meninos de rua, o alcoolismo, a prostituição, é preciso dizer a verdade rigorosa, e não mentir elegantemente. Em lugar de mentir, assegurando-lhes que a nona décima parte do socialismo está já realizada, é preciso dizer-lhes que atualmente nosso nível econômico e nossas condições sociais e culturais estão muito mais perto do capitalismo, e ainda do capitalismo atrasado e inculto, que da sociedade socialista. É preciso dizer-lhes que só começaremos a verdadeira construção do socialismo, depois que o proletariado dos países mais avançados tenha conquistado o poder; que é preciso trabalhar sem descanso por instaurar o socialismo, servindo-nos das duas alavancas: uma curta, para nossos esforços econômicos no interior; a outra longa, para a luta internacional do proletariado.

Em outras palavras, em lugar das frases de Stalin sobre a já realizada nona décima parte do socialismo, é preciso citar-lhe essas palavras de Lênin.

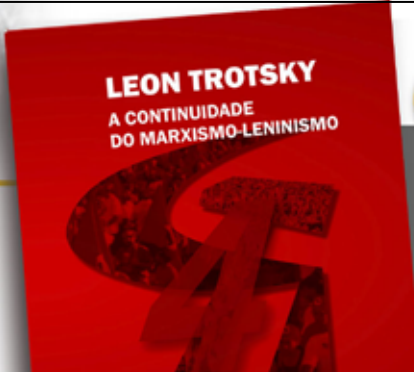
“Rússia (o país da pobreza) só se converterá no país da abundância, se rechaçarmos todo o desalento e toda fraseologia, se, apertando os dentes, concentrarmos todos os nossos esforços, e tensionarmos nossos nervos e músculos, se compreendemos que só é possível o êxito por meio da revolução socialista internacional, em cuja época temos entrado”. (Lênin, Obras completas, volume XV, página 165).”

Publicado o livro:

LEON TROTSKY

A CONTINUIDADE DO MARXISMO-LENINISMO

“ Este livro objetiva expor essa dialética do combate de Trotsky ao estalinismo. Não há como continuar o marxismo-leninismo sem assimilar esse processo, que se desencadeou já em 1923, quando Lênin ainda vivia e sentia o peso da enfermidade, que o levaria à morte em 1924, e concluiu com o assassinato de Trotsky em 20 de agosto de 1940. Este livro, portanto, é uma homenagem militante, prática, proletária e marxista aos 80 anos de seu assassinato.”



R\$ 35

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR**

83 anos da Revolução Russa

Uma das grandes lições de Outubro de 1917

outubro de 2000

Estamos distantes há 83 anos da Revolução Russa. Sob o clima da restauração capitalista, procura-se “esquecer” o significado histórico do proletariado ter triunfado contra a burguesia pela primeira vez. Ou seja, diferentemente da Comuna de Paris (1871), em que a revolução proletária não pôde se estender a toda França e ser conservada, a de Outubro, da Rússia, além de tomar o poder, assentou as premissas da revolução socialista mundial.

Muitas foram as lições da Comuna de Paris e da revolução de Outubro de 1917. Os ensinamentos do proletariado francês serviram para a Rússia insurgente. Trotsky, que militou desde cedo para educar o proletariado para a revolução, e que foi um dos dirigentes mais importantes ao lado de Lênin, escreveu, em 1924, um pequeno livro chamado “As lições de Outubro”, que serviu de primeiro passo para sua mais acabada obra, que é “História da Revolução Russa”, de 1930.

Nas “Lições de Outubro”, analisa o lugar fundamental que ocupa o partido marxista para a vitória do proletariado. Descreve e teoriza sobre a viva luta interna ocorrida no interior do Partido Bolchevique, no período decisivo da insurreição e da tomada do

poder, que foi de fevereiro a outubro. Procura expor as divergências entre os principais dirigentes bolcheviques, em que uma ala se mostrava adaptada à revolução democrática burguesa (Kamenev, Zinoviev, Stalin), suscetível, portanto, às pressões da esquerda capituladora (menchevismo e socialismo revolucionário), e outra encabeçada por Lênin, que aplicava rigorosamente o programa e a tática revolucionárias, correspondendo assim à situação insurrecional do período de fevereiro a outubro.

Trotsky deixa claro que, se não triunfassem as posições de Lênin no interior do partido, com toda certeza, o proletariado russo seria esmagado pela contrarrevolução. Eis uma das passagens: “A tarefa da conquista do poder só se pôs ao Partido em 4 de abril, quer dizer, depois da chegada de Lênin a Petrogrado. Mas, ainda mesmo a partir dessa altura, a linha do partido não se reveste de um caráter contínuo, indiscutível para todos. Apesar das decisões da Conferência de Abril, uma resistência, ora surda, ora declarada, manifesta-se durante todo o período preparatório da revolução”.

Trotsky analisará as divergências, para mostrar a importância estratégica do partido. Daí o valor teórico e prático das lições deixadas pela luta interna no bolchevismo.

O lugar estratégico do partido na revolução

Expomos abaixo algumas passagens do livro “As lições de Outubro”, em que Trotsky revela a importância do bolchevismo para a revolução.

“(…) O proletariado não pode conquistar o poder através de uma insurreição espontânea: mesmo num país industrialmente muito desenvolvido e altamente culto, como a Alemanha, a insurreição espontânea dos trabalhadores (em novembro de 1918) apenas conseguiu transferir o poder para as mãos da burguesia”.

“O partido é o instrumento essencial da Revolução proletária. A nossa experiência de um ano (de fevereiro de 1917 a fevereiro de 1918) e as experiências complementares da Finlândia, Hungria, Itália, Bulgária e Alemanha, quase permitem erigir-se em lei a inevitabilidade de uma crise no Partido, quando este passa do trabalho de preparação revolucionária à luta direta pelo poder. Como regra geral, as crises do Partido surgem a cada virada importante, como prelúdio ou consequência. É que cada período de desenvolvimento do Partido tem os seus traços especiais, exigindo determinados hábitos e métodos de trabalho. Uma virada tática acarreta uma ruptura mais ou menos importante nestes hábitos e métodos: nela reside a causa direta dos choques e das crises: “A uma virada brusca da história – escrevia Lênin em julho de 1917 – acontece muito frequentemente, até nos partidos avançados, se não chegarem a se habituar à nova situação, num maior ou menor espaço de tempo, repetindo as palavras de ordem que, embora justas ontem, hoje, perdem todo o seu sentido; coisa que sucede tão subitamente como a virada histórica”.

“Um partido revolucionário está submetido à pressão de outras forças políticas. Em cada período do seu desenvolvimento, elabora os meios para lhes resistir e as recalcar. Nas viradas táticas, que comportam reagrupamentos e conflitos interiores, a sua força de resistência diminui. Daí a possibilidade constante de desenvolverem consideravelmente os reagrupamentos do partido, formados pela necessidade de virada tática, e se tornarem uma base de diferentes tendências de classes”.

“Se, a cada virada tática importante, a observação que acabamos de fazer é justa, é o tanto mais no que toca às grandes viradas estratégicas. Em política, entende-se por tática, por analo-

gia com a ciência da guerra, a arte de vencer, isto é, conquistar o poder. Não fazíamos vulgarmente esta distinção antes da guerra, na época da II Internacional, limitando-nos à concepção da tática social-democrata. E não era obra do acaso: a social-democracia tinha uma tática parlamentar, sindical, municipal, etc. A questão da combinação de todas as forças e recursos, de todas as armas para alcançar a vitória sobre o inimigo, não se levantava na época da II Internacional, pois, esta não fixava como tarefa prática a luta pelo poder. Depois de um longo intervalo, a Revolução de 1905 pôs novamente, na ordem do dia, as questões essenciais, as questões estratégicas da luta proletária, garantindo, com isto, enormes vantagens aos social-democratas russos, quer dizer, aos bolcheviques. Em 1917, começa a grande época da estratégia revolucionária, primeiro para a Rússia, depois para toda a Europa. É evidente que a estratégia não impede a tática: as questões do movimento sindical, da atividade parlamentar, etc., longe de desaparecerem do nosso campo visual, adquirem uma importância diferente, como métodos subordinados da luta combinada pelo poder. A tática está subordinada à estratégia”.

Essas passagens das “As Lições de Outubro” demonstram o lugar imprescindível do partido para dirigir a revolução proletária. A Revolução Russa constituiu um marco, depois da Comuna de Paris, que também nos deixou lições insubstituíveis, entre elas a de que o proletariado não pode vencer, sem impor sua ditadura revolucionária contra a burguesia derrotada, e, para isso, é necessário o partido que encarne esse objetivo histórico. O partido bolchevique, mais tarde modificado para Partido Comunista da Rússia, nos deixou os ensinamentos da revolução através do programa, dos métodos, da tática, da teoria e do materialismo histórico.

A militância tem o dever de estudar, assimilar criticamente as experiências do bolchevismo e trabalhar pela construção do partido revolucionário em nossos dias.

Viva a Revolução Proletária de Outubro! Viva o Bolchevismo!

85 anos da Revolução Russa de Outubro de 1917

outubro de 2002

Nesses 85 anos da Revolução Russa, o Partido Operário Revolucionário (POR) reafirma sua posição de que nenhuma corrente poderá construir uma política revolucionária, sem ter no seu programa a defesa integral das conquistas e princípios da Revolução de Outubro de 1917.

A destruição do partido bolchevique, a degeneração do Estado Soviético,

co, a consolidação de uma burocracia estatal, e a dissolução da Internacional Comunista, pelo estalinismo, levaram ao processo de desintegração da URSS, e de restauração do capitalismo. A derrocada da Revolução vem no sentido de dar fôlego ao capitalismo imperialista em decomposição. O que significa impor, às massas exploradas e às nações oprimidas, a barbárie.

As conquistas da revolução só serão mantidas se se pôr em pé o partido revolucionário marxista-leninista. E, para isso, é essencial assimilação dessa experiência como parte de constituição do programa da revolução e ditadura proletárias, do programa internacionalista.

Como resposta a essa exigência, o POR publica o documento escrito por Lênin, um dia após o início da revolução.

Reunião do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado

25 de outubro (7 de novembro) de 1917

A reunião (extraordinária) do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado começou no dia 25 de outubro (7 de novembro), às 14h35min, ouvindo o informe do Comitê Militar revolucionário sobre a derrubada do governo provisório e o triunfo da revolução. Lênin interveio com um informe sobre as tarefas do poder soviético. Por maioria dos votos, foi aprovada a resolução escrita por Lênin.

1

Informe sobre as Tarefas do Poder Soviético (comunicado à imprensa)

Camaradas! A revolução operária e camponesa, de cuja necessidade falaram sempre os bolcheviques, foi realizada.

Qual é o significado dessa revolução operária e camponesa? Primeiramente, o significado dessa revolução consiste em que teremos um governo soviético, nosso próprio órgão de poder, no qual a burguesia não terá nenhuma participação. As próprias massas oprimidas criarão um poder. Será destruído pela raiz, o velho aparato do Estado, será criado um novo aparato de direção, através das organizações dos sovietes.

Inicia-se hoje uma nova etapa na história da Rússia, e esta, a terceira revolução russa, deve conduzir, finalmente, a vitória do socialismo.

Uma de nossas tarefas mais urgentes é pôr fim imediato à guerra. Está claro para todos que, para terminar esta guerra, diretamente vinculada ao regime capitalista, há que combater o próprio capital.

Nisso, nos ajudará o movimento operário mundial, que começa já a desenvolver-se na Itália, Inglaterra e Alemanha.

A paz justa e imediata, que proporemos à democracia internacional, encontrará em todas as partes uma ardente acolhida entre as massas proletárias internacionais. Para reforçar esta confiança do proletariado, devem publicar-se imediatamente todos os tratados secretos.

Dentro da Rússia, um imenso setor do campesinato tem dito: basta de jogar com os capitalistas, nós marcharemos com os operários. Conquistaremos a confiança dos camponeses com um só decreto, que porá fim à propriedade privada latifundiária. Os camponeses compreenderão que a salvação do campesinato está unicamente na aliança com os operários. Estabeleceremos um verdadeiro controle operário sobre a produção.

Agora, aprendemos a trabalhar fraternalmente. Testemunho dele é a revolução, que acaba de ter lugar. Dispomos da força de organização de massas, que tudo vencerá, e conduzirá o proletariado à revolução mundial.

Agora, devemos dedicar a edificar, na Rússia, um Estado socialista proletário.

Viva a revolução socialista mundial!

2

Resolução

O Soviete de Deputados e Soldados de Petrogrado saúda a vitoriosa revolução do proletariado e da guarnição de Petrogrado. O Soviete destaca, em particular, a coesão, a organização, a disciplina e a plena unanimidade que foi prontamente colocada pelas massas nessa insurreição, excepcionalmente incruenta e excepcionalmente esperançosa.

O Soviete expressa a firme segurança de que o governo operário e camponês, que será criado pela revolução, como um governo soviético, e que assegurará, ao proletariado urbano, o apoio de toda massa do campesinato pobre, marchará firmemente para o socialismo, único meio para salvar o país das monstruosas calamidades e horrores da guerra.

O novo governo operário e camponês proporá imediatamente uma paz justa e democrática a todas as nações beligerantes.

Abolirá imediatamente a propriedade latifundiária, e entregará a terra aos camponeses. Estabelecerá o controle operário sobre a produção e a distribuição dos produtos, e estabelecerá o controle nacional sobre os bancos, ao mesmo tempo que transformará em uma única empresa estatal.

O Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado chama todos os operários e todos os camponeses a apoiarem abnegadamente, e com a maior energia, a revolução operária e camponesa. O Soviete expressa a segurança de que os operários urbanos, em aliança com o campesinato pobre, darão provas de inflexível disciplina fraternal, e implantarão a mais severa ordem revolucionária, indispensável para o triunfo do socialismo.

O Soviete está convencido de que o proletariado dos países da Europa ocidental nos ajudará a conquistar, para a causa do socialismo, uma vitória completa e segura.

Publicado no Izvestia do CEC, n. 207, de 26 de outubro de 1917

89 anos da Revolução Russa

Manifesto “Todo Poder aos Sovietes”, escrito por Lênin, 13 de outubro de 1917, segundo o nosso calendário.

Aos Operários, Camponeses e Soldados



Teremos na Rússia um governo de operários e camponeses, que imediatamente, sem perder um só dia, proporá uma paz justa a todos os povos beligerantes. E então saberá, o povo, quem deseja uma guerra injusta. Então, o povo decidirá na Assembleia Constituinte.

Camaradas! O partido dos “socialistas revolucionários”, ao qual pertence Kerenski, os exorta, em seu jornal Dielo Naroda (de 30 de setembro) a “aguentar”.

“É necessário aguentar”, escreve, e exorta deixar o poder ao governo de Kerenski, exorta a não entregá-lo aos Sovietes de Deputados Operários e Soldados. Que Kerenski se apoie nos proprietários de terras, nos capitalistas e nos Kulaks; que os soviets, que fizeram a revolução e derrotaram os generais de Kornilov, “aguentem”, nos diz. Que “aguentem” até a Assembleia Constituinte, que de pronto será convocada.

Camaradas! Olhem ao redor de vocês, observem o que está ocorrendo no campo, observem o que está ocorrendo no exército, e compreenderão que os camponeses e soldados não podem mais tolerá-lo. Por toda a Rússia, transborda como um largo rio um levante de camponeses, aqueles que até agora lhes têm negado a terra com mentiras. Os camponeses não podem mais tolerá-lo. Kerenski fez um novo acordo com os generais e oficiais kornilovistas, que apoiam os proprietários de terra.

Nem os operários das cidades, nem os soldados da frente, podem tolerar essa repressão militar da justa luta dos camponeses pela terra.

Pelo que ocorre no exército na frente, o oficial apartidário, Dubásov, declarou, diante de todo o país: “Os soldados não continuarão lutando”. Os soldados estão extenuados, os soldados estão descalços, os soldados têm fome, os soldados não querem lutar pelos interesses dos capitalistas, não querem “aguentar”, quando os convida com formosas frases sobre a paz, entretanto, vem postergando há meses (como faz

Kerenski) a concessão da paz, a oferta de uma paz justa sem anexações a todos os povos beligerantes.

Camaradas! Saibam vocês que Kerenski está, de novo, negociando com os generais e oficiais kornilovistas, para que dirijam tropas contra os Sovietes de Deputados Operários e Soldados, para que impeçam que os soviets conquistem o poder. “Kerenski não se submeterá aos soviets sob nenhum conceito”, o reconhece abertamente Dielo Naroda.

Vão, pois, aos quartéis, às unidades de cossacos, aos trabalhadores, e expliquem a verdade:

Se o poder está em mãos dos soviets, então, o mais tardar em 25 de outubro (se o Congresso dos Sovietes se inaugura em 20 de outubro), se oferecerá a todos os povos beligerantes uma paz justa. Teremos na Rússia um governo de operários e camponeses, que imediatamente, sem perder um só dia, proporá uma paz justa a todos os povos beligerantes. E então saberá, o povo, quem deseja uma guerra injusta. Então, o povo decidirá na Assembleia Constituinte.

Se o poder está em mãos dos soviets, as terras dos grandes proprietários serão declaradas, imediatamente, propriedade e patrimônio de todo o povo.

Contra isso, lutam Kerenski e seu governo, apoiando-se nos kulaks, nos capitalistas e nos grandes proprietários rurais.

Eis aqui para quem e quais interesses pedem vocês que “aguentem”.

Estão dispostos a “aguentar”, para que Kerenski possa empregar a força das armas para reprimir os camponeses que se levantaram pela terra?

Estão dispostos a “aguentar”, para que a guerra possa prolongar-se, para que possam postergar-se a oferta de paz, e a anulação de todos os tratados secretos do ex-czar com os capitalistas russos e anglofranceses?

Camaradas! Recordem que Kerenski já enganou uma vez o povo, quando prometeu convocar a Assembleia Constituinte! Em 8 de julho, prometeu somente convocá-la, no mais tardar, em 17 de setembro, e enganou o povo. Camaradas! Aqueles que acreditam no governo de Kerenski traem seus irmãos, os camponeses e soldados!

Não, o povo não está disposto a tolerar, nem um só dia, mais os retardamentos!

Não podemos tolerar, nem mais um dia, que os camponeses sejam reprimidos pela força das armas, que milhares e milhares de homens morram na guerra, quando se pode e se deve oferecer imediatamente uma paz justa.

Abaixo o governo de Kerenski, que se alia com os generais proprietários de Kornilov para reprimir os camponeses, para metralhar os camponeses, para prolongar a guerra!

Todo o poder aos Sovietes de Deputados Operários e Soldados”

90 anos da Revolução Russa

O texto abaixo publicado foi extraído do livro “A luta pelo poder”, e trata do tema mais central na discussão programática que antecedeu a revolução de 1917: o caráter da revolução e o papel do proletariado.

outubro de 2007

O caráter da revolução russa

Leon Trotsky

Os escribas e políticos liberais, socialistas-revolucionários e mencheviques preocupam-se muito com a significação sociológica da Revolução Russa. Será uma revolução burguesa ou qualquer outro tipo de revolução? À primeira vista, esta teorização acadêmica pode parecer um tanto enigmática. Os liberais não têm nada a ganhar ao revelarem os interesses de classe que estão por detrás da “sua” revolução. Quanto aos “socialistas” pequeno-burgueses, em geral, eles não utilizam a análise teórica na sua atividade política, mas preferem invocar o “senso comum”, ou seja, a mediocridade e a ausência de princípios. A verdade é que a opinião de Milioukov-Dan, inspirada por Plekhanov, sobre o caráter burguês da Revolução Russa não contém uma única pitada de teoria. Nem Yedinstvo, nem Rietch, nem Dien, nem a Rabotchaia Gazeta quebram a cabeça para definir bem o que entendem por revolução burguesa. O objetivo das suas manobras é puramente prático, trata-se de demonstrar o “direito” da revolução burguesa para exercer o poder. Mesmo se os soviets representam a maioria da população politicamente formada, mesmo se em todas as eleições democráticas, na cidade e no campo, os partidos capitalistas foram ultrapassados por larga margem, “dado que a revolução tem um caráter burguês”, é necessário preservar os privilégios da-burguesia e dar-lhe no governo um papel que a configuração dos grupos políticos no país não lhe dá absolutamente direito. Se devemos agir de acordo com os princípios do parlamentarismo democrático, é evidente que o poder pertence aos social-revolucionários, quer estejam sozinhos ou aliados com os mencheviques. Mas, como “a nossa revolução é uma revolução burguesa”, os princípios da democracia estão suspensos e os representantes da esmagadora maioria do povo recebem cinco pastas no governo, enquanto os representantes de uma ínfima minoria obtêm duas vezes mais. Que vá para o diabo a democracia! E viva a sociologia de Plekhanov!

“Suponho que vocês queriam uma revolução burguesa sem a burguesia?”, pergunta sutilmente Plekhanov, fazendo apelo às ideias de Engels e mesmo à própria dialética.

“É exatamente isso”, interrompe Milioukov. “Nós, os cadetes, estaremos dispostos a abandonar o poder que o povo, com toda a evidência, não nos quer dar. Mas não podemos escapar-nos perante a ciência”. E ele refere-se, claro, ao “marxismo” de Plekhanov como autoridade.

Dado que a nossa revolução é uma revolução burguesa, explicam Plekhanov, Dan e Potressov, devemos definir uma aliança política entre os trabalhadores e os exploradores. E, à luz desta sociologia, a fantochada das ameaças físicas entre Boublikov e Tseretelli revela-se em toda a sua significação histórica.

Denota-se um certo dissabor, que é mesmo próprio do caráter burguês da revolução, que serve agora para justificar a coligação entre os socialistas e os capitalistas, a qual, durante um bom par de anos, foi considerada por esses mesmos mencheviques como con-



duzindo a conclusões diametralmente opostas. Dado que numa revolução burguesa, gostavam eles de dizer, o governo no poder não deve ter outra função que não seja a de salvaguardar a dominação da burguesia, é claro que o socialismo nada tem a ver com isso, o seu lugar não é no governo, mas no seio da oposição. Plekhanov considerava que os socialistas não podiam *sob nenhuma condição* participar num governo burguês e atacou violentamente Kautsky, cuja firmeza admitia, neste ponto, certas exceções. “*Tempora legesque mutantur*”, diziam os políticos saudosos do antigo regime. E parece que será também o caso para as “leis” da sociologia de Plekhanov.

Pouco importa a contradição entre as opiniões dos mencheviques e do seu líder Plekhanov, porque, quando se comparam as suas declarações antes da revolução com as de hoje, um único pensamento domina as duas fórmulas: não se pode fazer uma revolução burguesa “sem a burguesia”. À primeira vista, isto pode parecer muito evidente, mas trata-se apenas de um grande disparate.

A história da Humanidade não começou com a Conferência de Moscou. Houve algumas revoluções antes. No fim do século XVIII, houve na França uma revolução, que se designa, com toda a razão, como a “Grande Revolução” e que era uma revolução burguesa. No decurso de uma das suas fases, o poder caiu nas mãos dos jacobinos, que eram apoiados pelos “sans-culottes”, ou seja, pelos trabalhadores semiproletários das cidades e que interpuseram entre si e os girondinos o evidente retângulo da guilhotina. Mas apenas a ditadura dos jacobinos deu à Revolução Francesa a sua importância histórica, fazendo dela a “Grande Revolução”. E, no entanto, essa ditadura foi instaurada não apenas *sem* a burguesia, mas ainda *contra* ela e contra a sua própria vontade. Robespierre, que não pôde iniciar-se nas ideias de Plekhanov, substituiu todas as leis da sociologia e, em vez de apertar a mão aos girondinos, cortou-lhes a cabeça. Isso era cruel, sem dúvida, mas essa crueldade não impediu que a Revolução Francesa se tornasse

a “Grande Revolução”, dentro dos limites do seu caráter burguês. Marx, em nome de quem se cometem hoje no nosso país tantos disparates, disse que *“o terrorismo francês no seu conjunto não foi mais que uma forma plebeia de acabar com os inimigos da burguesia”*. E, como essa burguesia tinha muito medo desses métodos plebeus para acabar com os inimigos do povo, os jacobinos não privaram a burguesia apenas do poder, mas aplicaram-lhe ainda uma lei de ferro e de sangue cada vez que ela fazia qualquer tentativa para deter ou “moderar” o trabalho dos jacobinos. É claro, portanto, que os jacobinos cumpriram e realizaram uma revolução burguesa sem a burguesia.

A propósito da revolução inglesa de 1648, Engels escreveu. *“Para que a burguesia pudesse recolher todos os frutos chegados à maturidade, bastava que a revolução ultrapassasse de longe os seus primeiros objetivos, como foi novamente o caso da França em 1793 e da Alemanha em 1848. Reside aí certamente uma das leis da evolução da sociedade burguesa”*. Vemos que a lei de Engels é diametralmente oposta à da construção engenhosa de Plekhanov adotada pelos mencheviques e espalhada por toda a parte como sendo do marxismo.

Claro, pode objetar-se que os jacobinos pertenciam eles mesmos à burguesia e à pequena burguesia. Isso é realmente verdade. Mas não será também o caso da pretensa “democracia revolucionária” dirigida pelos socialistas-revolucionários e mencheviques? Entre o partido cadete, que representa os interesses dos maiores ou menores proprietários, e os socialistas-revolucionários, não houve nenhum partido intermediário, em nenhuma eleição, fosse na cidade ou no campo. Deduziu-se daí, com uma certeza matemática, que a pequena burguesia teria encontrado a sua representação política nas fileiras dos socialistas-revolucionários.

Os mencheviques, cuja política não difere em nada dos socialistas-revolucionários, refletem os mesmos interesses de classe, mas isto não está em contradição com o fato de serem também apoiados por uma fração dos trabalhadores mais atrasados e mais conservadores e privilegiados. Por que é que os socialistas-revolucionários se mostraram incapazes de assumir o poder? Em que sentido e por que é que o caráter “burguês” da Revolução Russa (se se supõe que é esse o caso) obrigaria os socialistas-revolucionários e os mencheviques a substituir os métodos plebeus dos jacobinos pelo processo bem elevado de um acordo com a burguesia contrarrevolucionária? Claro, é preciso procurar essa razão não no caráter “burguês” da nossa revolução, mas no caráter lamentável da nossa democracia pequeno-burguesa. Em vez de utilizar o poder que tem na mão como órgão da realização das exigências essenciais da História, a nossa democracia fraudulenta tem passado respeitosamente todo o poder real para a “claque” contrarrevolucionária e militar-imperialista, e Tseretelli, na conferência de Moscou, pôde mesmo vangloriar-se pelo fato de os soviets não abandonarem o poder à força, após a sua derrota numa luta corajosa, mas por sua plena vontade, como prova de auto-apagamento político. Porém, não é com a docilidade do veado que estende o pescoço para o cutelo do carrasco que se podem conquistar novos mundos.

A diferença entre os terroristas da Convenção e os capitulados de Moscou é a diferença que existe entre os tigres e os veados: apenas uma diferença de coragem. Mas tal diferença não é funda-

104 anos da Revolução Russa

mental, não faz mais que disfarçar uma outra diferença decisiva no plano da própria democracia. Os jacobinos encontravam a sua base nas classes dos pequenos proprietários ou não-proprietários, incluindo o embrião de proletariado que então já existia. No nosso caso, o proletariado industrial saiu da democracia imprecisa para ocupar na História uma posição em que exerce uma influência de primordial importância. A democracia pequeno-burguesa perdia as suas qualidades revolucionárias mais importantes à medida que essas qualidades se desenvolviam no proletariado, ao libertar-se da tutela pequeno-burguesa. Este fenômeno foi por sua vez devido ao grau incomparavelmente mais elevado de desenvolvimento capitalista na Rússia em relação à França dos fins do século XVIII. O poder revolucionário do proletariado russo, que não pode de nenhuma forma ser avaliado segundo a sua importância numérica, fundamentou-se sobre o seu poder produtivo imenso que aparece mais claramente que nunca em tempo de guerra. A ameaça de uma greve dos caminhos de ferro lembra-nos novamente, hoje, como todo o país depende do trabalho organizado do proletariado. O partido pequeno-burguês e camponês, logo desde

o início da revolução, estava submetido ao fogo cruzado dos grupos poderosos, formados pelas classes imperialistas, de um lado, e o proletariado revolucionário e internacionalista, do outro lado. Na sua luta para exercer uma influência própria sobre os trabalhadores, a pequena burguesia não deixou de se orgulhar do seu “talento para gerir o Estado”, mesmo do seu “patriotismo” e mergulhou assim numa dependência servil em relação aos grupos

capitalistas contrarrevolucionários. Ao mesmo tempo, perdeu toda a possibilidade de liquidar a antiga barbárie que impregnava os setores da população que lhe eram ainda afetos. A luta dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques para influenciar o proletariado cedia cada vez mais o lugar a uma luta do partido proletário para obter a direção das massas semiproletárias das cidades e das aldeias. Dado que eles transmitiram “de plena vontade” o seu poder para as claque burguesas, os socialistas-revolucionários e os mencheviques foram obrigados a transmitir integralmente a missão revolucionária para o partido do proletariado. E isso bastou logo para demonstrar que a tentativa para abordar as questões táticas fundamentais por uma simples referência ao caráter “burguês” da nossa revolução pode simplesmente conseguir espalhar a confusão no espírito dos trabalhadores atrasados e iludir os camponeses.

No decurso da Revolução de 1848, na França, o proletariado tinha feito já esforços heroicos para agir de forma independente. Mas não revelava ainda uma teoria revolucionária clara nem uma organização de classe reconhecida. A sua importância na produção é infinitamente menor que a atual função econômica do proletariado russo. De resto, antes de 1848 havia uma outra revolução, que resolveu à sua maneira a questão agrária e daí resultou um isolamento muito nítido do proletariado, sobretudo em Paris, em relação às massas camponesas. A nossa situação a este respeito é infinitamente mais favorável. As hipotecas sobre a terra, as obrigações vexatórias de todo o gênero e a exploração agressiva da Igreja impõem-se à revolução como problemas inelutáveis, que exigem medidas corajosas e sem compromisso. O “isolamento”

O poder revolucionário do proletariado russo, que não pode de nenhuma forma ser avaliado segundo a sua importância numérica, fundamentou-se sobre o seu poder produtivo imenso que aparece mais claramente que nunca em tempo de guerra.

do nosso partido em relação aos socialistas-revolucionários e aos mencheviques não significaria de modo nenhum um isolamento do proletariado em relação às massas oprimidas das cidades e dos campos. Pelo contrário, uma oposição política resoluta do proletariado revolucionário perante a pérfida defecção dos atuais dirigentes do Soviete apenas pode provocar uma diferenciação salutar entre os milhões de camponeses, arrancar os camponeses pobres à influência esmagadora dos poderosos mujiques social-revolucionários e fazer do proletariado socialista um autêntico porta-voz da revolução popular e plebeia.

Finalmente, uma simples referência vazia de sentido ao caráter burguês da Revolução Russa não nos diz absolutamente nada sobre o caráter internacional do seu próprio meio. E reside aí um fator de fundamental importância. A grande revolução jacobina encontrou-se confrontada com uma Europa atrasada, feudal e monárquica. O regime jacobino caiu, deixando espaço para o regime bonapartista, sob o peso do esforço sobre-humano que foi necessário fornecer para subsistir contra as forças unidas da Idade Média. A Revolução Russa, pelo contrário, encontra diante de si uma Europa que a distanciou muito e alcançou o nível mais elevado do desenvolvimento capitalista. O atual massacre demonstra que a Europa atingiu o ponto de saturação capitalista, que não pode já continuar a viver e a crescer na base da propriedade privada dos meios de produção. Este caos de sangue e de ruínas é a insurreição furiosa das forças caladas e sombrias da produção, é a revolta do ferro e do aço contra a dominação do lucro, contra a escrava-

tura assalariada, contra o miserável impasse das nossas relações humanas. O capitalismo, caído no incêndio de uma guerra que ele mesmo desencadeou, grita à Humanidade pela boca dos seus canhões: "Torna-te vitoriosa ou farei mergulhar-te sob as minhas próprias ruínas quando cair!"

Toda a evolução passada, os milhares de anos de história da Humanidade, das lutas de classes e de acumulação cultural concentraram-se agora no único problema da revolução proletária? Não existe outra resposta e não há outra saída. E é isso que faz a admirável força da Revolução Russa. Não se trata realmente de uma revolução "nacional" e burguesa. Quem assim a compreende mergulha no reino das alucinações dos séculos XVIII e XIX. A nossa pátria no tempo é o século XX. O destino futuro da Revolução Russa depende diretamente do evoluir e do resultado da guerra, ou seja, da evolução das contradições de classes na Europa, às quais esta guerra imperialista confere na verdade uma natureza catastrófica.

Os Kerenski e os Kornilov começaram muito cedo a falar a linguagem dos seus ditadores rivais. Os Kaledine mostraram os dentes muito cedo. O renegado Tseretelli compreendeu muito cedo o sentido do dedo desprezível que lhe apontava a contrarrevolução. Até agora, a revolução apenas disse a sua primeira palavra e dispõe ainda de reservas espantosas na Europa Ocidental. Em vez dos apertos de mão dos chefes-de-fila reacionários e dos salameques da pequena burguesia, chegará o momento do grande abraço do proletariado russo e de todo o proletariado da Europa.

(Proletarii, nº 8, 22 de agosto de 1917).

95 anos da Revolução Russa

novembro de 2012

Em 25 de outubro, a revolução russa completou 95 anos. Pela primeira vez, o proletariado toma o poder, expropria a burguesia, transforma a propriedade privada dos meios de produção em propriedade coletiva, liberta os camponeses da opressão latifundiária, e rompe um dos elos da cadeia de opressão imperialista. A revolução russa comprovou historicamente a teoria econômica, social e política de Marx e Engels. A insurreição armada operária e camponesa, acompanhada de soldados e marinheiros, materializou o programa que consta no Manifesto do Partido Comunista, e reviveu a heroica experiência revolucionária da Comuna de Paris, de 1871.

A burguesia imperialista viu, aterrorizada, o Partido Bolchevique transformar a crise capitalista e a luta de classes em conquista do poder pelos explorados, e a implantação dos germens do comunismo. Tentou, por meio da contrarrevolução, inviabilizar o Estado operário e as transformações socialistas recém iniciadas. No entanto, com muito sacrifício, a revolução se firmou. Abriu-se, assim, um período de cerco capitalista, voltado a isolar a União das Repúblicas Soviéticas, que, para continuar com as transformações, dependia que ocorressem outras revoluções, principalmente, na Alemanha. O mais difícil não era tomar o poder, mas construir o socialismo, rodeado pelos inimigos mortais, como reconhecia Lênin.

A revolução russa entusiasmou o proletariado mundial. Permitiu que se reunisse força para pôr em pé a III Internacional. Esse monumental progresso ocorreu em poucos anos, de 1917-1924. Depois da morte de Lênin, Josef Stálin emergiu no seio do Partido bolchevique e do Estado Operário, como uma fração revisionista, cuja tese fundamental foi a da possibilidade de construção do socialismo em um só

país. Essa posição levou a um confronto no interior do partido, entre o que configurou de estalinismo e trotskismo. O triunfo da fração estalinista decidiu a sorte da República Soviética, que acabou desmoronando definitivamente nos anos 1990, e impulsionando a restauração capitalista.

Não se pode comemorar o aniversário da revolução russa, sem que faça parte da luta contra o estalinismo e a restauração burguesa, que acabou retrocedendo gloriosas revoluções, como na Hungria e na China.

Publicamos um texto de Leon Trotsky, redigido em 1929, dedicado ao 12º aniversário. Os trabalhadores, a juventude e os militantes encontrarão, sintetizada, a luta da Oposição de Esquerda Russa contra a política anti-internacionalista do estalinismo. Encontrarão a explicação marxista sobre os perigos da restauração capitalista, que desgraçadamente se confirmaram em nossos dias. O retrocesso reflete uma das derrotas mais ampla e significativa da classe operária. No entanto, não vai além de uma derrota. O capitalismo continua sua marcha de desintegração, iniciada no começo do século XX, quando assumiu a etapa de seu desenvolvimento último, que é o imperialismo. As revoluções do século XX e as experiências realizadas, em um período de mais de cinquenta anos, permanecem acumulados. Serão retomados e reconstituídos pelo proletariado, que superará sua crise de direção. Nossa tarefa é a de contribuir para que, do profundo retrocesso, se levante uma direção marxista mais sólida.

Viva a Revolução Russa!

Abaixo a restauração capitalista!

Destruamos o capitalismo com a revolução proletária mundial!

O 12º aniversário de Outubro

Leon Trotsky, 17 de outubro de 1929

O 12º aniversário encontra a República Soviética em uma situação em que os notáveis progressos se combinam com as mais graves dificuldades, e tanto uns como outros continuam avançando. Esta é a característica fundamental da situação, e seu principal enigma.

A indústria avançou, e continua trazendo conquistas sem precedentes, sob o capitalismo. Muito menos significativo, mas também evidente, é o progresso agrícola desses últimos anos. Por sua vez, observamos um paradoxo absoluto; no mercado, há uma severa escassez de mercadorias, que, apesar dos êxitos econômicos, persiste ano a ano e, em determinados períodos, se agudiza ao extremo. Apesar do rápido crescimento da indústria, faltam artigos manufaturados mais necessários. Mas, o que é especialmente crítico e intolerável é a escassez de produtos agrícolas, embora o país seja predominantemente camponês.

O que significam essas contradições? Devem-se a dois tipos de razões.

O Estado operário, ao unificar a administração da indústria e do transporte - condição necessária para a economia planificada -, abriu possibilidades inesgotáveis para a livre utilização da energia e seus recursos, isto é, para a aceleração do crescimento econômico do País.

As causas fundamentais estão na situação objetiva de um país economicamente atrasado que, devido à dialética histórica, acabou sendo o primeiro a chegar à ditadura do proletariado e à construção socialista. As causas secundárias residem na política errônea da direção, que cede às influências pequeno-burguesas, e aplica uma política cuja função consiste em satisfazer unicamente às necessidades imediatas, e que é incapaz de compreender as circunstâncias no momento necessário, e de aproveitar ao máximo os recursos econômicos e políticos da ditadura.

O Estado Soviético não paga juros sobre velhas dívidas. Virtualmente, tampouco paga compensações à nobreza, aos banqueiros, aos proprietários de fábricas, etc. Estas duas condições, especialmente a segunda, geram por si mesmas um grande capital para a industrialização do país.

O Estado operário, ao unificar a administração da indústria e do transporte - condição necessária para a economia planificada -, abriu possibilidades inesgotáveis para a livre utilização da energia e seus recursos, isto é, para a aceleração do crescimento econômico do País.

Essas são as enormes *conquistas* da Revolução de Outubro. As *desvantagens* - não da revolução em si, mas das condições nas quais esta ocorreu - são as seguintes: o baixo nível de desenvolvimento capitalista da Rússia czarista, o caráter fragmentado e extremamente atrasado da economia camponesa, o baixo nível cultural das massas populares e, finalmente, o isolamento da república soviética, rodeada por um mundo capitalista infinitamente mais rico e poderoso.

A necessidade de investir bilhões de rublos anuais no exército e na armada não é senão consequência mais imediata e

evidente do entorno capitalista inimigo.

Outra consequência é o monopólio do comércio exterior, tão necessário para a república soviética como para o exército e a armada. A abolição, ou inclusive a debilidade, do monopólio do comércio exterior (Stálin tratou de fazê-lo em fins de 1922, influenciado por Sokolnikov - (2)) implicaria, não só o retorno da Rússia ao caminho capitalista, como sua transformação em um país semicolonial. Mas, não pode se esquecer que o monopólio do comércio exterior implica a exclusão automática da Rússia da divisão internacional do trabalho, que foi a base do desenvolvimento capitalista deste país. A consequência direta da expansão geral da economia foi uma notória retração do comércio exterior. Em consequência, a rápida expansão da industrialização está determinada, em medida considerável, pela necessidade da república soviética, de produzir tudo o que a Rússia burguesa recebia do exterior, com maior vantagem. Se houvesse regimes socialistas em outros países, o monopólio

do comércio exterior, sem dúvida, não seria necessário, e a URSS receberia, dos países mais avançados, os produtos que carece, em condições absolutamente mais proveitosas que as que desfrutava a Rússia burguesa. Na situação atual, o monopólio do comércio exterior, ab-

solutamente indispensável para proteger os fundamentos da economia socialista, exige imperativamente gigantescos investimentos na indústria, para que o país possa simplesmente sobreviver. Foi essa situação que produziu a escassez crônica de produtos acabados, em um momento de grande avanço da produção industrial.

O caráter fragmentado da economia camponesa, herança do passado, se exacerbou com a Revolução de Outubro, já que seu primeiro objetivo foi a “revolução agrária democrática”. A fragmentação do setor agrícola apresentaria sérias dificuldades para a reconstrução socialista da agricultura na Rússia, ainda que o proletariado já tivesse tomado o poder nos países avançados. Estas dificuldades são muito maiores, uma vez que o país da Revolução de Outubro só conta com seus próprios recursos. Entretanto, a extrema lentidão da reconstrução socialista provoca uma maior divisão da terra e, em consequência, um aumento da proporção da produção destinada ao autoconsumo.

Esta é uma das razões da escassez de produtos agrícolas.

Não menos importante é o alto preço dos bens industriais. É o meio de que dispõe a indústria para pagar sua transição para uma economia mais avançada e, ao mesmo tempo, continuar investindo naqueles ramos que são necessários à causa do monopólio do comércio exterior. Em outras palavras, para o campo, é muito alto o custo da indústria socialista.

O campesinato estabelece uma separação rígida, entre a revolução agrária democrática que os bolcheviques concluíram, e os fundamentos que estes assentaram para a revolução socialista. A transferência da propriedade da terra do latifundiário

ao campesinato - a revolução democrática - proporcionou-lhe em torno de quinhentos milhões de rublos, ao liberá-lo do pagamento da renda. Mas, devido as “tesouras” dos preços, os camponeses estão pagando uma soma muito elevada, em benefício da indústria estatal. Resulta, então, que, para o campesinato, o balanço das duas revoluções que se combinaram em Outubro implica, de todos os modos, em um déficit de cem milhões de rublos. Este é um fato indiscutível, e, além disso, muito importante para avaliar, tanto a situação econômica, como a situação política do país. Temos de enfrentá-lo abertamente. Constitui a base das deterioradas relações entre o campesinato e o governo soviético.

O ritmo lento de crescimento da economia camponesa, sua fragmentação posterior, as “tesouras” dos preços industriais e agrícolas - em uma palavra, as dificuldades econômicas do país - criam condições favoráveis para o desenvolvimento dos *kulaks*, e para que estes ganhem uma influência desproporcional ao seu peso numérico, e aos recursos materiais de que dispõem. O excedente do cereal, que está principalmente em mãos dos estratos superiores da aldeia, é um elemento de escravização do campesinato pobre, e de venda especulativa aos elementos pequeno-burgueses das cidades, ficando eliminado do mercado nacional. Não só falta cereal para a exportação, mas, inclusive, para cobrir as necessidades internas. O volume extremamente reduzido das exportações leva a ter de diminuir drasticamente a importação de bens acabados e, além disso, da maquinaria e matéria prima industrial, o que, por sua vez, nos obriga a pagar cada avanço da industrialização, reduzindo extraordinariamente nossos recursos econômicos.

Isso explica fundamentalmente por que, em uma época de ressurgimento geral da economia, e com um ritmo veloz de industrialização, na república soviética, continuam existindo as “filas”, que é o argumento mais forte contra a teoria do socialismo em um só país.

Mas as filas são também um argumento contra a prática econômica oficial. Aqui, passamos dos fatores objetivos para aos subjetivos, sobretudo da política da direção. É, sem dúvida, que nem a direção mais correta e previdente poderia ter conduzido a URSS à construção do socialismo dentro de suas fronteiras nacionais, isolada da economia mundial, pelo monopólio do comércio exterior. Se a revolução proletária nos países capitalistas avançados se posterga várias décadas, a ditadura do proletariado da república soviética cairá inevitavelmente, vítima de suas próprias contradições econômicas, combinando ou não esse processo com a intervenção militar. Traduzido em linguagem política, isto significa: o destino da república soviética, nas condições mencionadas, está determinado pela direção econômica interna e pela luta revolucionária do proletariado internacional. Em última instância, o segundo é o fator decisivo.



Uma correta direção econômica na URSS significa que se utilizem os recursos e oportunidades, de maneira tal que um ascenso genuíno e notório do nível de vida das massas trabalhadoras acompanhe o avanço do socialismo.

Uma correta direção econômica na URSS significa que se utilizem os recursos e oportunidades, de maneira tal que um ascenso genuíno e notório do nível de vida das massas trabalhadoras acompanhe o avanço do socialismo. Agora, o objetivo prático não é “superar” toda economia mundial – uma fantasia –, mas consolidar as bases industriais da ditadura proletária, e melhorar a situação dos trabalhadores, fortalecendo o requisito político da ditadura, isto é, a unidade do proletariado com o campesinato não explorador.

A política correta na URSS significa prolongar o mais possível a existência da ditadura, nas condições de isolamento em que se encontra. A política correta para a Internacional Comunista implica impulsionar, o máximo possível, o triunfo do proletariado dos países avançados. Em certo ponto, estas duas linhas têm de unificar-se. Só com esta condição, o contraditório regime soviético atual poderá - sem Termidor, nem contrarrevoluções, nem novas revoluções - converter-se em uma sociedade socialista sobre a base da expansão do socialismo, que finalmente

deverá abarcar todo o mundo.

O tempo, fator político crucial em geral, se torna decisivo, ao encarar o problema do destino da URSS. Sem dúvida, desde 1923, a direção atual vem fazendo todo o possível, para deixar correr o tempo. Os anos de 1923, 1924 e 1925 se perderam em combater a chamada superindustrialização - denominação com que se referiam à exigência da Oposição, de que se acelerasse o ritmo da industrialização -, o princípio da economia planificada e a previsão econômica em geral. A aceleração do ritmo da industrialização se encarou empiricamente, por saltos, e com mudanças tão bruscas, que aumentou enormemente o custo da construção, e foi um peso para as massas trabalhadoras. Há seis anos, a Oposição exigiu que se elaborasse um plano quinquenal. Nesse momento, se ridicularizou esta exigência, em um estilo totalmente de acordo com a mentalidade do proprietário pequeno burguês, que tem os grandes objetivos e as grandes perspectivas. Qualificamos esta atitude de *menchevismo econômico*. Por exemplo, em abril de 1926, Stalin afirmava que necessitávamos da hidrelétrica de Dnieper, tanto quanto um camponês pobre necessita um fonógrafo, e, por outro lado, negava absolutamente que o ritmo de nosso desenvolvimento econômico dependesse dos acontecimentos mundiais.

O plano quinquenal chegou com cinco anos de atraso. Os erros, retificações e ajustes dos últimos anos estiveram à margem de um plano geral, e, por essa razão, a direção aprendeu muito pouco deles. É impossível não lembrar aqui de que o primeiro projeto de plano quinquenal, preparado em 1927, era mesquinho, minimalista e economicamente covarde. A Oposição o criticou implacavelmente, em seu programa. Foi esta crítica, baseada nas necessidades reais do desenvolvimento econômico, o que determinou que, no transcurso de um ano, se

revisasse integralmente o plano. Prontamente, ficaram descartados todos os argumentos contra a “superindustrialização”. O aparato, que, durante vários anos, havia funcionado de acordo com o menchevismo econômico, recebeu a ordem de considerar herético tudo o que até o dia anterior era palavra santa, e, por outro lado, de oficializar a heresia, até então chamada de “trotskismo”. Esta resolução pegou totalmente desprevenidos, tanto os comunistas, como os especialistas do aparato, educados na linha exatamente oposta. As primeiras tentativas de resistência, ou as tímidas demandas de explicação, foram sumária e severamente castigadas. E, como podia ser de outro modo? Permitir explicações, implicaria descobrir que a direção está ideologicamente em bancarrota, que deixou de lado todos seus pressupostos teóricos. Desta vez, o aparato se submeteu silenciosamente. À pessoa que deu o informe sobre o plano quinquenal (Rikov), se lhe atribui a seguinte fórmula: é melhor *estar pelo* (isto é, apoiar) ritmo acelerado de desenvolvimento, que *estar dentro (do cárcere) por se colocar contra*”.

Se o novo plano se impôs com o chicote nas mãos, não é difícil imaginar como se colocará o aparato à sua aplicação, já que suas nove das dez partes estão mais à direita que a direita oficial. Entretanto, a esquerda, de cujo programa se tomaram as ideias básicas do plano quinquenal, continua submetida à repressão e à calúnia. O aparato vive esperando novas mudanças e viradas, e nem sequer se atreveu a pedir ajuda ao sindicato dos camponeses pobres. O partido se encontra, nesse momento, diante de fatos consumados. O aparato não confia no partido e o teme. Nessa situação, ninguém vê, no novo plano quinquenal, a expressão de uma virada para a esquerda pensada e firme. Isto é, ninguém salvou um punhado de capituladores.

O mesmo pode se dizer a respeito da política da Internacional Comunista. Depois da união com Chiang Kai-shek, da teoria do “bloco das quatro classes”, do chamado à formação de um partido operário e camponês, da colaboração amistosa com o Conselho Geral – que traiu a greve geral –, a Internacional soltou, em vinte quatro horas, a consigna: nenhum acordo com os reformistas, combater o social-fascismo para conquistar as ruas. O novo e pronunciado zigue-zague se baseou na teoria do “terceiro período”, especialmente propícia para semear ilusões, estimular as ações aventureiras, e preparar o novo giro... à direita.

Em consequência, o 12º aniversário da Revolução de Outubro encontra a República Soviética e a Internacional atoladas em grandes contradições e dificuldades, que demonstram, pela negativa, a correção da teoria marxista da revolução socialista. Como Lênin, entramos na Revolução de Outubro profundamente convencidos de que, na Rússia, a revolução não podia ter um caráter independente e acabado. Acreditávamos que

104 anos da Revolução Russa

não era mais do que o primeiro elo da revolução mundial, e que o destino deste elo estaria determinado por toda a cadeia. E, hoje, continuamos sustentando esta posição. Os progressos alcançados na construção socialista avançam paralelamente às contradições, e serão inevitavelmente devorados por estas, se, no futuro, as conquistas da revolução mundial não apoiarem a república soviética.

A expulsão do partido e a perseguição desfechada ao setor revolucionário dentro da república soviética constituem uma clara expressão política das contradições de uma república proletária isolada em um país atrasado. Não é surpreendente, por paradoxo que pareça, que os Bessedovskis - que são inumeráveis - expulsem os Rakovskis e, depois, na primeira oportunidade, passem para o bando da reação.

Spinoza dizia: “Nem chorar, nem rir, compreender”. Há que compreender, para lutar melhor pela Revolução de Outubro.

Durante o 12º ano, se aprofundarão as contradições. Pode tornar-se desprevenido, um partido debilitado e estrangulado. Diante da primeira grande dificuldade, levantarão a cabeça os Bessedovskis de todo o calibre. O aparato centrista demonstrará que é um aparato, e nada mais. O núcleo proletário necessitará de uma direção, e só a Esquerda comunista, temperada na luta, poderá proporcioná-la.

Saudamos o 12º ano daqui do desterro, da prisão e do exílio. Mas não somos pessimistas.

O princípio da ditadura proletária deixou sua marca indelével na história. Demonstrou a força tremenda de uma jovem classe revolucionária, dirigida por um partido que sabe o que quer, e que é capaz de unir sua vontade com o processo objetivo em desenvolvimento.

Estes doze anos demonstraram que a classe operária, ainda que em um país atrasado, não só pode derrotar seus banqueiros, latifundiários e capitalistas, como também fazer avançar a indústria, mais rapidamente que sob o domínio dos exploradores.

Estes doze anos demonstraram que a economia planificada centralizada é incomensuravelmente superior à anarquia capitalista, representada por poderosos trustes que disputam entre si.

As conquistas, exemplos e lições são essenciais. Gravarão para sempre na consciência da classe operária mundial.

Não rechaçamos nada, nem lamentamos nada. Vivemos com as mesmas ideias e atitudes de Outubro de 1917. Podemos ver mais além dessas dificuldades circunstanciais, pois, por mais que o rio transborde, sempre irá para o oceano.

*Extraído do livro “Escritos”,
de Leon Trostky, tomo I, 1929-30, vol. 2)*



LANÇAMENTO LIVRO

Lições da Comuna de Paris

Este livro é parte da luta pela superação da crise de direção e recuperação do terreno perdido para a contrarrevolução. As lições das derrotas e vitórias nunca se perdem. Nossa tarefa é a de mantê-las e usá-las como arma do proletariado.



**Nova
Coleção
Editorial**

R\$ 15

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR
DO MASSAS**

**Lições da
Comuna de Paris**

Março / Maio de 1871

O capitalismo agônico será sepultado pela revolução internacional

Viva os 96 anos da Revolução Russa! Viva o Marxismo Revolucionário!

outubro de 2013

Neste 25 outubro (7 de novembro em nosso calendário), os trabalhadores conscientes e a vanguarda revolucionária, que suporta, atualmente, um brutal isolamento político, comemoram o nonagésimo sexto aniversário da grande Revolução de Outubro. A imprensa burguesa e a dos burocratas sindicais colaboracionistas, sem dúvida alguma, cumprem seu papel, ao cercar de silêncio esta data operária, e seu profundo significado para os explorados em geral, e a juventude oprimida. Não seria sem sentido, porém, indagar o porquê da celebração deste acontecimento histórico, num momento em que distamos 22 anos do colapso do Estado Operário nascido desta mesma revolução, da URSS, e de suas conquistas (pleno emprego, monopólio do comércio exterior, estatização dos meios de produção, etc.). Os reformistas traidores, e até os ativistas considerados mais “progressistas”, com suas pretensas organizações anarquistas, que ocuparam as capitais do país em junho, riscaram a estratégia da revolução e ditadura proletárias. Os primeiros abandonaram o pouco que lhes restava de palavreado socialista e revolucionário. Os últimos procuram inventar novos métodos e novas tarefas para sair da crise. Em comum, a conclusão de que o marxismo é uma concepção envelhecida, utópica, e que conduz a um estado policial, autoritário e obsoleto. As conquistas da Revolução de Outubro e a própria experiência da tomada do poder na Rússia dos czares são relegadas ao esquecimento ou menosprezadas.

Ao contrário destes, os marxista-leninista-trotskistas levantamos alto a bandeira da revolução social e do governo operário-camponês (ditadura proletária), da expropriação da burguesia, da destruição do imperialismo e da reconstrução da IV Internacional, o Partido Mundial da Revolução Socialista. Por isso, reivindicamos a tradição do bolchevismo, a começar pelo partido de quadros, de militantes profissionais, até a imortal vitória que este foi capaz de impor, em Outubro de 1917, à burguesia e seus asseclas mencheviques e socialistas revolucionários.

A vitória do proletariado revolucionário, liderado pelo partido bolchevique de Lênin e Trotsky, que arrastou atrás de si o campesinato pobre, abriu uma nova etapa no curso da história. Pela primeira vez, os explorados conquistaram o poder político, esmagaram a contrarrevolução burguesa, e fundaram o primeiro Estado Operário. A heroica Comuna de Paris, de 1871, com seus milhares de mártires, e seu domínio de apenas 72 dias sobre a capital francesa, não contou com um forte partido revolucionário, centralizado e disciplinado, não podendo assim se alastrar pelo resto do país. A primeira revolução proletária acabou sufocada pelo sanguinário governo burguês de Thiers. Ao contrário, o triunfo dos Soviets, possível a partir da experiência da Comuna, desfechou um golpe de morte nos capitalistas russos, e lançou a perspectiva de destruição do sistema mundial imperialista, com a edificação da Internacional Comunista. O impacto mundial da revolução de Outubro de 1917



inaugurou a era das revoluções proletárias no século XX. Desgraciadamente, o isolamento da revolução de Outubro – produto da enorme pressão do imperialismo, através do cerco econômico e das tentativas de intervenção armada, somado a outros eventos de caráter accidental (a exemplo da morte de Lênin, em 1924) – alimentou a burocracia de Estado, que terminou por degenerar o partido e o Estado Operário, já em fins dos anos 1920.

O estalinismo, como uma reação termidoriana à vitória do proletariado, foi o instrumento contrarrevolucionário a serviço da burguesia internacional. Substituiu a concepção internacionalista da revolução pela teoria do socialismo num só país, o que contribuiu para o sufocamento de inúmeras revoluções (parte da política de coexistência pacífica com as potências capitalistas), e pela profunda colaboração de classes, por meio das frentes populares. A perspectiva da revolução internacional se fechou com a traição da burocracia do Kremlin e dos partidos comunistas, transformados em organizações colaboracionistas. O estalinismo não apenas prostituiu as tradições revolucionárias do bolchevismo, como levou a União Soviética à completa desintegração e à restauração capitalista.

Os vendidos burocratas e reformistas sempre entorpeceram o cérebro do proletariado, com a ideia de que ditadura proletária e estalinismo eram a mesma coisa, ou que a queda da União Soviética e do Muro de Berlim significavam nada menos que o fracasso do socialismo, bem como o triunfo definitivo da economia de mercado sobre o planejamento estatal. O capitalismo marcha, de crise em crise, e os trabalhadores/juventude sentem na carne, cada vez mais, o real significado da ditadura de classe da burguesia. O desabamento do estalinismo revelou a justeza do marxismo-leninismo-trotskismo, que permanece vivo, em sua luta de morte contra reformistas e estalinistas.

Que neste nonagésimo sexto aniversário da Revolução de Outubro, as massas que despertam e ganham as ruas, em seus combates diários contra as medidas dos governos, encontrem a ponte que as liguem à rica experiência do bolchevismo e, dessa forma, preparem o caminho para a construção em nosso país de um poderoso partido operário revolucionário.

Viva a Revolução Russa de Outubro de 1917!

98 anos da Revolução Russa de Outubro de 1917

outubro de 2015

No dia 25 de outubro, completam-se 98 anos da Revolução Russa. Selecionamos um dos discursos de Lênin, dedicado ao 1º ano da tomada do poder por operários e camponeses. As formulações aí contidas se dão em meio ao combate do recém-criado Estado soviético, por se consolidar diante da reação externa e interna. Lênin demonstra a importância decisiva do campesinato. O proletariado havia se imposto diante da burguesia, com a transformação da propriedade privada industrial em propriedade social. Um dos alicerces da revolução havia sido assentado. Estavam da-

das as condições iniciais para a transição do capitalismo ao socialismo. No entanto, permanecia em aberto a tarefa de implantar a coletivização do campo. Sem esse pilar, a revolução não poderia transpor o conteúdo democrático burguês da tarefa de nacionalizar as terras, e entregá-las aos camponeses pobres.

A exposição de Lênin, neste 1º ano da revolução, é dedicada a demonstrar que a tarefa fundamental do momento era a de organizar os camponeses, no sentido de ajudá-los a compreender a luta de classe, que ainda se travava no campo contra os ricos proprietá-

rios. A ruptura da aliança dos camponeses com os operários poderia pôr a perder as conquistas revolucionárias. Lênin faz uma descrição precisa das diferenciações no seio do campesinato russo, de forma a identificar com absoluta clareza as forças da revolução e da contrarrevolução.

Temos a certeza de que a leitura do discurso ajudará a vanguarda a aprimorar o domínio do método materialista de análise e de crítica.

Viva a Revolução Russa!

Morte ao capitalismo putrefato!

Discurso em uma reunião de delegados do Comitê dos Pobres das Províncias Centrais ⁽¹⁾

V.I. Lênin, 8 de novembro de 1918

A organização dos pobres do campo, camaradas, é o problema chave para nosso trabalho de edificação interior e, inclusive, é o problema principal de toda nossa revolução.

O objetivo da Revolução de Outubro era o de arrancar as fábricas das mãos dos capitalistas, para converter os meios de produção em propriedade de todo o povo, e reestruturar a agricultura sobre bases socialistas, mediante a entrega da terra aos camponeses.

que os produtos do trabalho não caíssem nas mãos dos capitalistas.

Mas, no campo, as coisas são completamente diferentes. Para que se possa triunfar aí o socialismo, foram necessárias uma série de medidas de transição. Transformar um grande número de pequenas fazendas camponesas, em grandes fazendas, não é tarefa que se possa realizar imediatamente. É impossível, sem dúvida, conseguir no ato, em um breve prazo, que a agricultura, que até agora tem sido praticada de forma

ta da terra, como toda conquista dos trabalhadores, só pode ser segura quando se baseia na iniciativa dos próprios trabalhadores, em sua própria organização, em seu interesse e em sua firmeza revolucionária.

Os camponeses tinham essa organização?

Lamentavelmente, não. Isso é o mal. Essa é a razão pela qual a luta é tão difícil.

Os camponeses que não empregavam o trabalho alheio, que não se beneficiavam do trabalho de outros, sempre estarão de acordo, naturalmente, em que a terra seja repartida, de forma igualitária, entre todos, em que todos trabalhem, em que o usufruto da terra não sirva à exploração; se opõem à concentração da terra nas mãos de poucos. Mas, outra coisa ocorre com os Kulaks e com os exploradores, que se enriqueceram com a guerra, que se aproveitaram da fome para vender cereais a preços fabulosos, que esconderam o cereal à espera de preços fabulosos, e tratam agora, por todos os meios, de enriquecer-se, à custa da desgraça do povo, da fome dos pobres do campo e dos operários urbanos.

Eles, os kulaks e os exploradores, são inimigos não menos perigosos que os capitalistas e os latifundiários. E se os kulaks continuam intactos, se não derrotamos os exploradores, é inevitável a volta do czar e dos capitalistas.

A experiência de todas as revoluções havidas, até agora, na Europa, confirma, com clareza, que a revolução está inevi-

Para que se possa triunfar aí o socialismo, foram necessárias uma série de medidas de transição. Transformar um grande número de pequenas fazendas camponesas, em grandes fazendas, não é tarefa que se possa realizar imediatamente.

A primeira parte deste objetivo foi muito mais fácil de cumprir do que a segunda. Nas cidades, a revolução deparou-se com a grande produção, na qual estão empregados milhares de operários. As fábricas e oficinas pertenciam a um pequeno número de capitalistas, que deram pouco trabalho aos operários. Os operários tinham acumulado uma grande experiência na luta contra os capitalistas, que lhes ensinou a atuar de forma coordenada, decidida e organizada. Além disso, não necessitaram dividir as fábricas ou oficinas; o que importava era conseguir que toda a produção servisse aos interesses da classe operária e do campesinato, e cuidar para

desordenada, possa ser transformada em agricultura social, e convertida em grande exploração estatal, cujos produtos sejam distribuídos com equidade e justiça entre todo povo trabalhador, sob um sistema de trabalho obrigatório, geral e equitativo.

Enquanto os operários das fábricas e oficinas nas cidades tinham conseguido já derrotar completamente os capitalistas, e libertar-se da exploração, no campo, a verdadeira luta contra a exploração estava apenas começando.

Depois da Revolução de Outubro, acabamos com o grande proprietário rural e confiscamos a terra. Com isso, sem dúvida, não terminou a luta no campo. A conqui-

tavelmente condenada ao fracasso, se os camponeses não se libertarem da dominação dos kulaks.

Todas as revoluções europeias acabaram em fracasso, porque os camponeses não puderam enfrentar seus inimigos. Na cidade, os operários derrotaram seus reis (na Inglaterra e na França, executaram seus reis há vários séculos; somente nós estávamos atrasados com nosso czar) e, no entanto, algum tempo depois, voltou a imperar o antigo regime. Isso ocorreu porque, naquele momento, sequer existia nas cidades a grande produção, capaz de unir milhões de operários nas fábricas, e uni-los em um exército suficientemente poderoso para resistir à ofensiva dos capitalistas e dos kulaks, ainda sem contar com o apoio camponês.

Os camponeses pobres estavam desorganizados, lutaram mal contra os kulaks e, como consequência, a revolução foi derrotada também nas cidades.

Hoje, a situação é distinta. Nos últimos 200 anos, a grande produção se desenvolveu com tanta força, e tem expandido a todos os países, com uma rede tão imensa de gigantescas fábricas e oficinas, que empregam milhares e milhares de operários. Hoje, em todos os lugares das cidades, há uma grande quantidade de operários organizados, os proletários, que constituem uma força suficientemente poderosa, para obter a vitória final sobre a burguesia, sobre os capitalistas.

Nas revoluções anteriores, os camponeses pobres não tinham onde recorrer, em busca de apoio em sua dura luta contra os kulaks.

O proletariado organizado - que é mais forte e tem maior experiência que o campesinato (conseguiu essa experiência nas lutas anteriores) - tem agora o poder na Rússia, é o dono de todos os meios de produção, de todas as fábricas, oficinas, ferrovias, barcos, etc.

Agora, os camponeses pobres têm um aliado seguro e poderoso, em sua luta contra os kulaks. Sabem que a cidade os respalda, que o proletariado os ajudará, e em realidade já os está ajudando, com todos os meios ao seu alcance. Acontecimentos recentes têm demonstrado.

Todos recordarão, camaradas, da perigosa situação em que se achava a revolução, em julho deste ano. A rebelião checoslovaca se estendia, se acentuava a escassez de alimentos nas cidades, e os kulaks se



tornavam mais insolentes e violentos, em seus ataques às cidades, ao governo soviético e aos camponeses pobres.

Chamamos os pobres do campo a se organizarem. Constituíamos comitês de pobres, e organizamos destacamentos de abastecimentos operários. Os eseristas de esquerda iniciaram uma rebelião. Diziam que os comitês de pobres estavam integrados por vagabundos, e que os operários roubavam os cereais dos camponeses pobres.

Respondíamos que eles defendiam os kulaks, que haviam entendido que podiam combater o poder soviético, utilizando-se não só das armas, como também da fome. Eles falavam de "vagabundos". E nós lhes perguntamos, qual é a causa de uma pessoa se tornar um "vagabundo", por que se abandona, por que empobrece, por que se entrega à bebida? Não é por culpa dos kulaks? Os kulaks, juntamente com os eseristas de esquerda, armaram uma gritaria contra os "vagabundos", mas eles mesmos açambarcaram cereal, esconderam e especulavam, porque queriam enriquecer-se, à custa da fome e dos sofrimentos dos operários.

Os kulaks chupavam o sangue dos camponeses pobres, aproveitavam do trabalho alheio e, ao mesmo tempo, gritavam: "vagabundos"!

Os kulaks esperavam com impaciência os checoslovacos. De bom grado, tinham entronizado um novo czar, para continuar impunemente com a exploração, para continuar dominando o peão agrícola, para continuar enriquecendo.

A única salvação estava em que o campo se uniu à cidade, em que os proletários e semiproletários do campo - aqueles que não empregam o trabalho alheio - se uniram aos operários da cidade, em uma campanha contra os kulaks e os parasitas.

Para alcançar essa unidade, foi necessário se empenhar muito no abastecimento de víveres. A população operária das cidades morria de fome, enquanto os kulaks diziam: se retenho meu cereal um pouco mais, talvez me paguem mais.

Os kulaks, certamente não têm pressa, sobra-lhes dinheiro; eles mesmos dizem que têm toneladas de notas de Banco, emitidas pelo governo de Kerenski.

Mas, homens capazes de ocultar e acumular cereais em tempo de fome, são criminosos perigosos. É preciso combatê-los como os piores inimigos do povo.

Temos começado essa luta no campo.

Os mencheviques e eseristas tratam de nos assustar, dizendo que, com a constituição dos comitês de pobres, dividíamos os camponeses. Mas, o que significa não dividir o campo? Significa deixá-lo à mercê do kulak. E é isso, precisamente, o que não queremos, de modo que decidimos por dividi-lo. Dissemos: é verdade que perdemos os kulaks, não podemos evitar essa desgraça (risos), mas ganhamos milhões de camponeses pobres, que se colocaram junto aos operários (aplausos).

E é isso, exatamente, o que está ocorrendo. A divisão no campo não fez senão mostrar com maior clareza onde estão os camponeses pobres, onde estão os camponeses médios que não empregam o trabalho alheio, e onde estão os exploradores e os kulaks.

Os operários ajudaram e ajudam os pobres, em sua luta contra os kulaks. Na guerra civil, no campo, os operários estão do lado dos camponeses pobres, como estiveram quando aprovaram a lei de socialização da terra, patrocinada pelos eseristas.

Nós, os bolcheviques, estávamos contra essa lei. No entanto, a subscrevemos, porque não queríamos nos opor à vonta-

de da maioria do campesinato. A vontade da maioria é sempre obrigatória para nós, opor-se à vontade da maioria, é trair a revolução.

Não quisemos obrigar o campesinato a aceitar a ideia de que a repartição igualitária da terra era inútil, ideia que lhe era estranha. Acreditávamos que era bem melhor que os próprios camponeses trabalhadores compreendessem, por meio de sua experiência e de seu sofrimento, que a repartição igualitária é um absurdo. Somente assim, poderíamos perguntar-lhes como se livrariam da ruína e da dominação dos kulaks, consequência da repartição da terra.

A repartição estava muito bem como começo. Devia demonstrar que a terra tinha sido confiscada dos latifundiários e entregue aos camponeses. Mas, isso não é suficiente. A solução reside somente na agricultura coletiva.

Vocês não compreenderam neste momento, mas a experiência os levará a esse convencimento. O caminho para se libertar das desvantagens da agricultura em pequena escala está nas comunas, nas cooperativas agrícolas, nas associações de camponeses. Esse é o caminho para melhorar a agricultura, economizar energia, e lutar contra os kulaks, os parasitas e os exploradores.

Sabíamos, perfeitamente, que os camponeses estavam arraigados à terra. Os camponeses temem a inovação, e se agarram tenazmente aos velhos costumes. Sabíamos que os camponeses só acreditavam nos benefícios de uma medida qualquer, quando seu próprio sentido comum os levasse a compreender e a avaliar os benefícios. Por isso, ajudamos na repartição da terra, ainda que compreendêssemos que essa não era a solução.

Agora, os próprios camponeses pobres começam a nos dar razão. A experiência lhes ensina que, enquanto são necessários, digamos, dez arados, quando a terra está dividida em 100 parcelas, com uma agricultura comunal se alcançaria o mesmo, com uma quantidade menor de arados, por não estar a terra tão dividida. A comuna permite a toda cooperativa, ou associação, fazer melhorias na agricultura, que estão fora do alcance dos pequenos e dispersos proprietários, etc.

Não será possível, naturalmente, passar de imediato, em todos os lugares, à agricultura coletiva. Os kulaks se opõem com todo tipo de resistência, e inclusive

frequentemente os próprios camponeses resistem obstinadamente à implantação dos princípios da agricultura comunal. Mas, quanto mais os camponeses se convençam, pelo exemplo e por sua própria experiência das vantagens das comunas, maiores serão os êxitos.

Nesta tarefa, os comitês de pobres desempenham um importante papel. Devem estender-se por toda a Rússia. Há algum tempo, estão desenvolvendo-se com grande rapidez. Em Petrogrado, se realizou, há alguns dias, um Congresso de comitês de pobres da região norte. Em vez de sete mil representantes esperados, compareceram vinte mil, ultrapassando a capacidade do local reservado para o Congresso. O tempo bom facilitou, e a reunião se realizou na praça do Palácio de Inverno.

O Congresso demonstrou que a guerra civil no campo foi compreendida corretamente: os pobres se unem e lutam juntos contra os kulaks, os ricos e os exploradores.

O Comitê Central de nosso partido elaborou um plano, para reformar os comitês de pobres, que será submetido ao VI Congresso de Soviotes. Decidimos que os comitês de pobres e os soviotes rurais não devem ficar separados, pois, senão, surgirão disputas, e haverá muito palavreado inútil. Fundiremos os comitês de pobres com os soviotes e transforaremos os comitês de pobres em soviotes.

Sabemos que, às vezes, os kulaks se introduzem, inclusive, nos comitês de pobres. Se isto continua, os pobres terão, diante de tais comitês, a mesma atitude que tiveram, diante dos soviotes, os kulaks, Kerenski e Avxéntiev. Uma mudança de nome não enganará ninguém. Propõem-se, portanto, realizar novas eleições para os comitês de pobres. Somente terão direito a voto aqueles que não exploram o trabalho alheio, aqueles que não aproveitaram o nome do povo para roubar, aqueles que não especulam com os excedentes de cereal, nem o ocultam. Nos comitês de pobres, proletários, não pode haver lugar para kulaks e exploradores.

O poder soviético resolveu destinar 1 bilhão de rublos para um fundo especial, destinado a melhorar a agricultura. Prestar-se-á ajuda financeira e técnica a todas as comunas existentes, e àquelas que se fundirem.

Se faltam especialistas, os enviaremos. Ainda que a maioria dos especialistas seja contrarrevolucionária, os comitês de pobres saberão conduzi-los com rédeas

curtas, e trabalharão para o povo não ficar pior do que quando trabalhavam antes para os exploradores. Nossos especialistas agora sabem, perfeitamente, que não podem derrocar o poder operário, nem mediante a sabotagem, nem prejudicando intencionalmente o trabalho.

Tampouco tememos o imperialismo estrangeiro. A Alemanha já queimou as mãos na Ucrânia. Em lugar dos 60 milhões de toneladas de cereais que a Alemanha esperava levar da Ucrânia, só obteve 9 milhões e, de acréscimo, engoliu o bolchevismo russo, pelo qual não sente demasiada simpatia (aplausos clamorosos). Os ingleses devem cuidar para que não lhes ocorra o mesmo. Poderíamos aconselhá-los que não se engasguem! (risos e aplausos)

No entanto, enquanto nossos irmãos do estrangeiro não se levantem em todos os lugares, o perigo subsiste. Consequentemente, devemos continuar organizando e fortalecendo Exército Vermelho. Aos pobres do campo esta questão deve lhes interessar, pois somente sob a proteção de nosso exército poderão dedicar-se a trabalhar na agricultura.

Camaradas, a transição da nova forma de agricultura transcorrerá talvez lentamente, mas é necessário levar à prática, sem vacilações, o princípio da agricultura comunal.

A luta contra os kulaks não deve cessar, e não se deve chegar a nenhum acordo com eles.

Com os camponeses médios, podemos trabalhar juntos e, com eles, lutar contra os kulaks. Não temos nada contra os camponeses médios. Talvez não sejam socialistas, talvez nunca cheguem a ser socialistas, mas a experiência lhes ensinará as vantagens da agricultura coletiva, e a maioria deles não oporá resistência.

Aos kulaks, dizemos: tampouco temos nada contra vocês, mas entreguem seus excedentes de cereais, não especulem e não explorem o trabalho alheio. Até que não façam isso, os golpearemos com tudo que temos ao nosso alcance.

Não confiscamos nada dos camponeses trabalhadores; mas expropriaremos completamente àqueles que empregam o trabalho assalariado, e se enriquecem à custa dos demais (clamorosos aplausos).

(Extraído das Obras Completas de V.I. Lênin, tomo XXX, Ediciones de Cultura Popular)

99 anos da Revolução Russa

outubro de 2016

No dia 25 de outubro, comemoramos a primeira revolução proletária vitoriosa. Os marxistas-leninistas-trotskistas não se curvaram e não se curvam diante da restauração capitalista e destruição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Os noventa e nove anos que nos separaram da revolução não fazem senão confirmar a vigência histórica do socialismo científico de Marx e Engels. Há que se ter sempre presente a luta do proletariado por transformar as relações capitalistas por relações socialistas-comunistas de produção em escala histórica.

Sem dúvida, o processo de restauração capitalista constitui uma gigantesca derrota do proletariado mundial. A degeneração dos Estados operários pelo estalinismo, ou seja, pela política do socialismo nacional, o grande recuo da organização independente do proletariado e o desmantelamento do movimento revolucionário internacionalista moveram a roda da história para trás. Esse acontecimento foi previsto pelo trotskismo, que como continuidade do marxismo-leninismo travou uma luta de morte pela revolução política da União Soviética, por meio da qual a classe operária revolucionária poderia resistir às terríveis pressões do capitalismo mundial e da burguesia imperialista. A vitória definitiva do estalinismo fortaleceu as forças restauracionistas internas e favoreceu a contrarrevolução mundial.

O programa da revolução política da IV Internacional se mostrou correto. Dependia, porém, do proletariado russo e mundial superar as travas da reação estalinista e avançar o combate internacional pela revolução proletária. As condições históricas não permitiram que as revoluções rompessem as fronteiras nacionais e se projetassem mundialmente como um poderoso movimento de transição do capitalismo para o socialismo. Essa tarefa dependia em grande medida da expulsão do estalinismo e da burocracia, a qual assumiu a forma da ditadura burocrática em lugar da ditadura do proletariado, por meio da revolução política. Está aí por que a derrocada da União Soviética abriu caminho para o amplo processo de restauração capitalista no Leste Europeu e China, o que comprometeu a Revolução Cubana e latino-americana.

Os movimentos de independência nacional, por sua vez, foram desviados do curso da revolução social. De forma que a burguesia reatou os elos do capitalismo mundial, que se romperam com as revoluções proletárias, e impediu que novos elos fossem rompidos. Esse é o significado mais profundo da restauração capitalista e, portanto, da derrota mundial do proletariado.

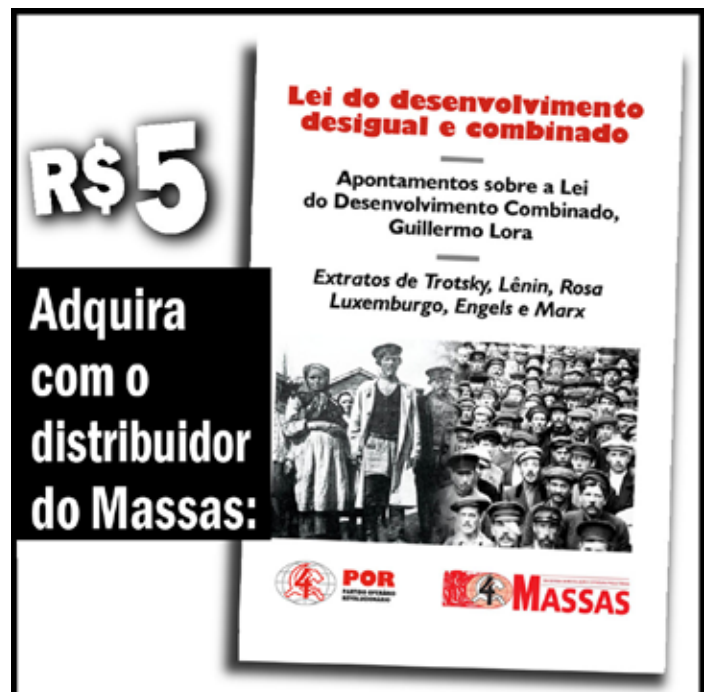
Estamos obrigados a partir dessa constatação reconhecer o lugar na Revolução Russa na luta do proletariado pelo fim do regime de exploração do trabalho. A expropriação da propriedade privada dos meios de produção e sua transformação em propriedade social, socialista, é o ponto de partida e não de chegada da revolução proletária. Essa constatação aparece na forma de premissa programática no Manifesto do Partido Comunista, em que Marx e Engels afirmam que a revolução por sua forma é nacional e por seu conteúdo, internacional. As forças opostas a esse fundamento na ex-União Soviética assumiram sua fisionomia na forma da burocracia estalinista contrarrevolucionária. Externamente, o

proletariado mundial, mais atrasado em sua consciência de classe e desorganizado, não teve como se contrapor ao estrangulamento do internacionalismo proletário no processo objetivo de transição do capitalismo para o socialismo na União Soviética. O enorme esforço da Oposição de Esquerda Internacional, liderada por Trotsky, para pôr em pé uma nova Internacional esbarrou nessas mesmas contradições históricas e políticas.

Não se pode evocar a Revolução Russa no seu 99º aniversário sem que seja para assimilar um pouco mais da experiência das vitórias, dos grandes feitos e das derrotas. Somente assim é possível compreender a caracterização do marxismo-leninismo-trotskismo de que o capitalismo da época imperialista se caracteriza por colocar a humanidade diante de guerras, revoluções e contrarrevoluções.

A expropriação da propriedade privada dos meios de produção e sua transformação em propriedade social, socialista, é o ponto de partida e não de chegada da revolução proletária.

A destruição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a restauração em curso em vários países atestam que a contrarrevolução não apenas não soluciona as contradições do capitalismo como as agravam. É o que assistimos na desintegração do Oriente Médio, com a destruição de países inteiros como a Síria, Iraque, Afeganistão, Iêmen. É o que assistimos com a divisão da Ucrânia. É o que assistimos com o avanço das tendências bélicas mundiais, movidas pelos antagonismos entre as fronteiras nacionais e o choque de interesses entre Estados Unidos, Rússia e China. É o que assistimos com o fracasso da União Europeia e com a crise dos imigrantes. Enfim, é o que assistimos com a crise de superprodução mundial, que destrói forças produtivas e empurra os países



R\$5

Lei do desenvolvimento desigual e combinado

Apontamentos sobre a Lei do Desenvolvimento Combinado, Guillermo Lora

Extratos de Trotsky, Lênin, Rosa Luxemburgo, Engels e Marx

Adquira com o distribuidor do Massas:

POR **MASSAS**

semicoloniais para o precipício, que impulsiona a miséria e a fome de grandes contingentes humanos.

Como se vê, a restauração capitalista auxiliou as potências a se aliviarem momentaneamente do choque entre as forças produtivas e as relações de produção, que se encontram estagnadas e se desmoronam. O fundamental, no entanto, está justamente no fato de ser apenas momentânea. Por isso mesmo, se convertem em fator de agravamento da crise mundial. O problema da burguesia mundial não mais se concentra no objetivo de derrotar as revoluções proletárias triunfantes, mas de levar às últimas consequências a restauração capitalista, subordinando a Rússia, a China e os demais países que conheceram a transição para o socialismo em semicolônias. Nota-se que esta última etapa da restauração comparece na forma de antagonismos e motivos de conflitos mundiais.

A classe operária e as camadas mais oprimidas mundiais estão obrigadas a recuperar o terreno perdido para a contrarrevolução. Pode-se dizer que esta constatação expressa uma nova etapa da luta de classes. O socialismo científico se ergue como uma necessidade. Seu conteúdo histórico é dado pela Revolução Russa, que

104 anos da Revolução Russa

sintetiza a primeira revolução proletária que foi a Comuna de Paris em 1871 e as demais revoluções que se seguiram à tomada de poder na Rússia.

A tarefa da vanguarda que mantém viva as raízes das revoluções proletárias e aquela que vem despertando para o socialismo é a de construir o partido revolucionário, organizado em torno do programa. É de dedicar toda energia para organizar o proletariado em cada país e direcionar seus combates para a reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Como parte dessa comemoração, traduzimos uma Carta de Lênin ao Comitê Central do Partido Socialdemocrata Russo. Entendemos que a melhor maneira de retornar à Revolução Russa e recordar os acontecimentos daquele momento é a de assimilar as experiências para construir o partido em nosso país. Escolhemos essa Carta porque expressa uma das situações mais tensas, contundentes e graves no interior do partido. Por meio dela, Lênin evidencia sua penetrante visão do partido revolucionário. Deixa claro que o destino da Revolução Russa passava a depender inteiramente dos bolcheviques.

Carta ao Comitê Central do POSDR

Escrito em 19 de outubro (1º de novembro de 1917), por Lênin

Queridos camaradas!

Um partido que se respeita não pode tolerar no seu seio nem os sabotadores, nem sua atividade. Isto é evidente. E quanto mais se observa a atitude de Zinoviev e Kamenev na imprensa não partidária tanto mais indiscutível se torna necessária reconhecer que sua atitude demonstra todas as características da sabotagem. O subterfúgio de Kamenev na seção do Soviete de Petrogrado é algo de simplesmente vil; ele está, evidentemente, completamente de acordo com Trotsky. Mas não é difícil compreender que Trotsky *não podia*, não tinha o direito, não devia dizer diante dos inimigos mais do que disse! Não é difícil compreender que o *dever* do Partido, que escondeu do inimigo a *sua* decisão (sobre a necessidade da insurreição armada, sobre o seu pleno amadurecimento, sobre a preparação em todos os aspectos, etc.), que esta decisão *obriga* nas intervenções públicas não apenas jogar a culpa como também a iniciativa sobre o adversário. Só crianças poderiam não compreender isto. O subterfúgio de Kamenev é simplesmente uma fraude. O mesmo deve dizer-se sobre o subterfúgio de Zinoviev. Pelo menos em sua carta de «justificativa» (dirigida, me parece, ao órgão central Partido), única coisa que eu vi (uma vez que a opinião pessoal – uma pretensa opinião pessoal – em torno da qual a imprensa *burguesa* fez tanto barulho, eu, como membro do CC, *até esse momento* não a vi). Dos «argumentos» de Zinoviev: Lenine enviou as suas cartas a distintos camaradas «antes de se ter tomado qualquer decisão», e vocês não responderam. Assim escreve literalmente Zinoviev, sublinhando com quatro traços a palavra *antes*. Por acaso é difícil compreender que antes de que o organismo central aprove uma resolução sobre a greve, é possível fazer propaganda pró e contra, no entanto, *depois* de se decidir a favor da greve (além da resolução complementar de ocultá-la

(...) é difícil compreender que antes de que o organismo central aprove uma resolução sobre a greve, é possível fazer propaganda pró e contra, no entanto, depois de se decidir a favor da greve (além da resolução complementar de ocultá-la do inimigo) fazer propaganda contra ela é um ato de sabotagem?

do inimigo) fazer propaganda contra ela é um ato de sabotagem? Qualquer operário compreenderá isto. A questão da insurreição armada foi discutida no Comitê Central, desde Setembro. Esse era o momento em que Zinoviev e Kamenev podiam e *deviam* intervir por escrito, para que *todos conhecessem* seus argumentos, para que *todos* apreciassem sua completa confusão. Ocultar as suas opiniões ao partido durante um mês inteiro, *antes de se adotar* a resolução e difundir uma opinião particular *depois* da resolução, significa atuar como sabotadores.

Zinoviev finge não entender essa diferença, não entender que, depois da resolução sobre a greve, uma resolução emitida pelo organismo central, somente os sabotadores podem fazer propaganda contra a decisão diante dos organismos inferiores. Qualquer operário entenderá isto.

E Zinoviev fez precisamente essa propaganda e solapou as decisões do Comitê Central, tanto na reunião de domingo, onde ele e Kamenev não tiveram nenhum só voto, como em sua carta atual. No entanto, Zinoviev tem o descaramento de

afirmar que «o partido não foi consultado» e que problemas como estes «não podem ser decididos por dez pessoas». Reflitam. Todos os membros do CC sabem que na reunião decisiva participaram mais de dez membros do CC, que estava presente a *maioria dos membros*, que o próprio Kamenev, nessa reunião, declarou: «Esta reunião é decisiva», que, quanto aos membros do CC ausentes, se sabia perfeitamente que a sua *maioria não estava de acordo* com Zinoviev e Kamenev. E eis que, *depois* da decisão do CC, na reunião que também Kamenev considerou *decisiva*, um membro do CC tem o descaramento de escrever: «O partido não foi consultado.» «Semelhantes questões não podem ser decididas por dez»; isto é o mais completo ato de sabotagem. Antes do congresso do Partido, decide o CC. O CC decidiu. Kamenev e Zinoviev, que não



entrevieram por escrito antes da decisão, começaram a contestar a decisão do CC depois de ter sido tomada.

Isso é o mais completo ato de sabotagem. Depois da adoção de uma decisão é *inadmissível* qualquer contestação, uma vez que se trata da preparação imediata e *secreta* de uma greve. Zinoviev tem agora o descaramento de nos acusar de «prevenir o inimigo». Onde está o limite do descaramento? Quem, na realidade, prejudicou nossa ação, sabotou a greve com o «prevenir o inimigo», senão aqueles que entrevistaram na imprensa *não partidária*?

Trata-se nada menos do que intervir *contra* a resolução «decisiva» do Partido em um jornal que, em relação a esta questão, está de acordo com a burguesia!

Se se tolerar isso, o Partido não pode existir; o Partido está derrotado.

Chamar de «opinião pessoal» àquilo que conhece e publica Bazarov em um jornal não partidário, significa zombar do partido.

A intervenção de Kamenev e Zinoviev na imprensa não partidária foi particularmente infame, além disso porque sua *mentira caluniosa* não pode ser desmentida abertamente pelo Partido: ignoramos as resoluções tomadas sobre a data, escreve e publica Kamenev em seu próprio nome e no de Zinoviev. (Depois de tal declaração, Zinoviev é plenamente responsável por toda a conduta e pela intervenção de Kamenev).

Como pode o CC refutar isto?

Não podemos dizer a verdade perante os capitalistas, porque precisamente decidimos a greve e resolvemos *ocultar a escolha* do momento para sua realização.

Não podemos refutar a caluniosa mentira de Zinoviev e Kamenev sem *prejudicar ainda mais nossa causa*. Nisto consiste precisamente a enorme infâmia, a verdadeira traição destes dois homens: revelaram aos capitalistas o plano dos grevistas, uma vez que nos calamos na imprensa, qualquer um se dará conta de *como* estão as coisas.

Kamenev e Zinoviev *revelaram* a Rodzianko e a Kerenski a decisão do CC do seu partido sobre a insurreição armada, sobre a necessidade de ocultar do inimigo a preparação da insurreição armada e da escolha do momento oportuno para realizá-la. Isso é um fato. Não se pode refutar este fato com nenhum tipo de subterfúgio. Dois membros do CC, com uma mentira caluniosa, delataram perante os capitalistas a decisão dos operários. Diante disso,

só cabe uma resposta: uma imediata decisão do CC:

«Considerando que a intervenção de Zinoviev e de Kamenev na imprensa não partidária é um completo ato de sabotagem, o CC expulsa ambos do partido.»

Não me é fácil escrever isto sobre velhos companheiros íntimos, mas consideraria aqui as vacilações como um crime, uma vez que, de outro modo, um partido revolucionário que não puna os notórios sabotadores *está perdido*.

A questão da insurreição armada, mesmo que tenha sido postergada por muito tempo com a denúncia a Rodzianko e Kerenski, não foi *anulada*, não foi anulada pelo Partido. Como é possível se preparar para a insurreição armada e prepará-la *tolerando* entre nós «notórios» sabotadores? Quanto mais notórios, tanto mais *perigosos*, tanto mais indigno é «perdoar». On n'est trahi que par les siens, dizem os franceses. Só pode ser traidor um homem *nosso*.

Quanto «mais notórios» são os sabotadores, tanto mais obrigatório é puni-los imediatamente com a expulsão.

Só assim é possível sanear o partido operário, depurar-se de uma dúzia de intelectualóides sem caráter, fechar as fileiras revolucionárias, marchar ao encontro de grandes e imensas dificuldades, marchar com os *operários revolucionários*.

Não podemos publicar a verdade, não podemos dizer que *depois* da seção decisiva do CC Zinoviev e Kamenev tiveram o descaramento de exigir a *revisão* na seção de domingo, na qual Kamenev gritava desavergonhadamente: «O CC fracassou, porque nada fez durante a semana» (eu *não* podia refutar, porque não era possível dizer *precisamente* o que se tinha feito e Zinoviev, com ar inocente, propunha a resolução rejeitada pela reunião:

«Não intervir até à conferência com os bolcheviques que devem chegar a 20 para o congresso dos Sovietes.»)

Pensemos: depois da decisão do Comitê Central sobre a greve, propor à reunião de organismos inferiores adiá-la e remetê-la (para o congresso do dia 20, mas o congresso foi depois adiado ... os Zinoviev confiam nos Liber-Dan), a um organismo não reconhecido pelos estatutos do Partido, que não tem poder sobre o CC, que não conhece Petrogrado.

E depois disto Zinoviev ainda tem o descaramento de escrever: «Assim dificilmente será fortalecida a unidade do partido.»

Como chamar isso de outro modo senão de ameaça de cisão?

A essa ameaça, respondo que irei até ao fim, conseguirei a liberdade de palavra perante os operários e, *custe o que custar*, marcarei o sabotador Zinoviev como sabotador. À ameaça de cisão, respondo com uma declaração de guerra até ao fim, até a expulsão dos sabotadores do Partido.

Depois de debates que *duraram meses*, a direção do sindicato decidiu que a greve é inevitável e amadureceu: esconderemos dos patrões a data. Depois disso, dois membros da direção vão aos *organismos inferiores* contestar a decisão e fracassam. Então, os dois vão à imprensa e revelam aos capitalistas com uma mentira caluniosa a decisão da direção, sabotando uma boa parte da greve, ou adiando-a para um momento menos favorável e alertando o inimigo.

Eis aqui o quadro completo da sabotagem. E eis porque exijo a expulsão de ambos os sabotadores, reservando-me o direito (diante de sua ameaça de cisão) de publicar *tudo*, quando possa publicar.

(Extraído do livro de Atas do Comitê Central do Partido Socialdemocrata Russo (Bolchevique)

AS LIÇÕES DA CARTA DE LÊNIN

A Carta de Lênin ao Comitê Central, publicada acima, tem uma importância particular porque expressa um momento decisivo da revolução, em que a direção do partido bolchevique se mostra dividida. Decidimos por sua publicação nesses 99 anos da Revolução Russa pelos seus ensinamentos. Entendemos que a melhor maneira de comemorar a revolução vitoriosa é buscar nela as lições, que servem à construção do partido revolucionário no Brasil.

Nessa Carta, vemos a firmeza como Lênin defendeu a estratégia e a tática do partido bolchevique nas condições insurrecionais. Ao mesmo tempo, revela as fraquezas e as vacilações que levaram dois dos mais importantes bolcheviques, Kamenev e Zinoviev, a romperem a disciplina partidária.

A revolução de fevereiro de 1917 havia cumprido a tarefa democrático-burguesa de derrocar a monarquia czarista e rapidamente se esgotou, dando lugar à revolução proletária. Lênin se encontrava exilado no exterior. A direção do partido bolchevique se colocou no campo dos mencheviques defendendo que a tarefa consistia em sustentar o governo provisório, de maneira que não condenava a sua política de guerra. Não via a possibilidade de a revolução burguesa se transformar em revolução proletária. Lênin retorna a Rússia em 3 de abril. Combate imediatamente a posição conciliadora com o governo burguês. Ainda no exílio, escreveu suas “Cartas de Longe”, orientando o partido a transformar a guerra imperialista em guerra civil. Para isso, era preciso formar os destacamentos armados da classe operária, que deveriam materializar o poder dos soviets. Evidenciou, assim, que se tratava de preparar a revolução proletária e não de consolidar a revolução burguesa, que como tal prosseguia com a guerra e se voltava contra o proletariado e os camponeses pobres. Essa posição não foi aceita pelos principais dirigentes.

De volta à Rússia, insistiu nessa linha, publicando o documento “As tarefas do proletariado na presente revolução”, em que considera que a primeira etapa da revolução dava lugar à luta pela tomada do poder pelo proletariado em aliança com os camponeses. Kamenev assumirá uma franca oposição às teses de Lênin, que seriam discutidas na Conferência Nacional de 24 de abril. Formam-se, assim, no seio do partido duas posições distintas. Agrava-se o choque das massas com o governo burguês e as posições de Lênin se fortalecem. O fundamental de sua linha, que consta nas Teses de Abril, é aprovada por maioria na Conferência.

Quatro meses depois, em 31 de agosto, o soviete de Petrogrado vota a favor da proposta dos bolcheviques, que tem por conteúdo “Todo poder aos soviets”. A marcha dos acontecimentos dava razão à análise e à orientação de Lênin. Sob intensa repressão aos bolcheviques, Lênin foi obrigado a se refugiar na Finlândia. Na segunda semana de setembro, escreve uma carta à direção do partido demonstrando que a conquista da maioria dos soviets pelos bolcheviques criava as condições para a luta pelo poder. Novamente, se instalou a divergência na direção. Zinoviev se opunha terminantemente, rompendo com as posições anteriores com as quais lutou ao lado de Lênin contra Kamenev e outros dirigentes. Kamenev também se opôs, sob o argumento de que as condições para a insurreição não estavam dadas. Trotsky se coloca ao lado de Lênin, mas considera que deveria ser aprovada por um Congresso dos Soviets. Kamenev e Zinoviev conseguem a maioria no Comitê Central. Abria-se, portanto, um brutal choque no seio do partido bolchevique. Lênin apoia a posição de Trotsky contra as de Kamenev, de boicotar o parlamento provisório, que seria constituído por meio da Conferência Democrática, encabeçada pelos adversários da revolução.

No final de setembro, o choque de Lênin com a direção, que passou a censurar seus

artigos, chegou ao ponto de ter de ameaçar sua demissão do Comitê Central e partir para a luta nas bases do partido. Lênin continua clandestino na Finlândia. Mais uma vez, o agravamento da crise revolucionária fortalece as posições de Lênin, de maneira que se admite o boicote ao parlamento provisório. A bandeira “A Revolução está em perigo! Todo Poder aos Soviets!” marcou a decisão dos bolcheviques de abandonar a seção que inaugurava o parlamento provisório. A revolução avança. Constitui, no início de outubro, em Petrogrado, o Comitê Militar Revolucionário. Lênin retorna clandestinamente à Rússia. Luta para convencer o partido a organizar a insurreição. Zinoviev e Kamenev mantêm a aliança contrária às posições de Lênin.

Expusemos as diferenças e as divergências estratégicas que antecederam o momento crucial da insurreição, para assim compreender o significado da Carta ao Comitê Central em que Lênin propõe a expulsão de Kamenev e Zinoviev. Em 17 de outubro, portanto, oito dias que antecederam o levante proletário, Zinoviev e Kamenev tornam públicas sua oposição à insurreição, quando o partido dedicava todos os esforços para a sua preparação. Eis por que Lênin os acusa de sabotadores. Kamenev pede a demissão do Comitê Central, que é aceita por uma pequena diferença. A insurreição bate às portas e a crise é superada.

A comprovação prática das posições de Lênin soterrou a resistência liderada por Kamenev e Zinoviev. Está aí por que é fundamental a Carta de Lênin que pede a expulsão dos dois dirigentes. Não é a expulsão em si que importa. Mas a demonstração da natureza centralizada e disciplinada do partido revolucionário. Não pode haver democracia interna sem a centralização e a disciplina revolucionárias. A concepção leninista do partido exposta no livro O Que Fazer? se fez inteiramente presente nos momentos cruciais da revolução.

**PÔR EM PÉ O PARTIDO MUNDIAL
DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
RECONSTRUIR A IV INTERNACIONAL**



R\$ 35

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR
DE MASSAS**

Manifesto do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI)

100 anos da Revolução Bolchevique

Aos proletários e povos oprimidos do mundo

La Paz, Bolívia, Outubro de 2017

O que foi a revolução de outubro?

Foi a primeira Revolução Proletária vitoriosa do mundo. Pôs em pé o primeiro Governo Operário e Camponês. Os pobres foram, pela primeira vez, donos de seu destino. A propriedade da terra, das fábricas, das minas, dos grandes meios de produção passou para as mãos do Estado Operário. A Educação e Saúde deixaram de ser privilégio dos ricos. Assentaram-se as bases para a plena libertação da mulher. A aliança de operários, camponeses, soldados e classes médias empobrecidas estabeleceu um governo, baseado nos órgãos de poder das massas (soviets). No início, antes da degeneração burocrática do estalinismo, os soviets possibilitaram a ampla democracia dos explorados, e a ditadura sobre a minoria burguesa. O que permitiu um colossal salto no desenvolvimento das forças produtivas, que transformou, apesar dos erros, o país pobre e atrasado em uma força econômica de peso mundial, graças aos métodos socialistas de gestão da economia: socialização dos grandes meios de produção, monopólio estatal do comércio exterior, e economia planificada. Leon Trotsky, em seu momento, disse que o socialismo demonstrou seu direito de existir NÃO nos livros de teoria, mas sim no terreno das ações econômicas, na linguagem da indústria e das usinas elétricas. A Revolução de Outubro nos mostrou o caminho da libertação dos proletários e párias do mundo.

A Revolução de Outubro foi a explosão do instinto comunista do proletariado, politicamente dirigido por seu partido. Foi a realização consciente dos impulsos elementares do proletariado na direção da refundação da sociedade sobre bases comunistas. Foi e segue sendo a confirmação da teoria do socialismo científico marxista.

A burguesia, o imperialismo e seus lacaios reformistas de toda espécie estão empenhados em manchar a memória da Revolução de Outubro, em negar ao proletariado a capacidade de governar, em diminuir o valor e transcendência de suas conquistas democráticas, políticas, econômicas, sociais e culturais. Estão empenhados em caluniar o socialismo, o marxismo-leninismo, o comunismo.

Em contradição com a situação de barbárie e decadência em que vivemos, a burguesia e seus lacaios se empenham em convencer o proletariado e os explorados do mundo de que NÃO é possível pensar outra sociedade que não seja a do capitalismo. Empenham-se em justificar que, apesar dos “defeitos”, o capitalismo seria o melhor que a humanidade conseguiu criar como forma “democrática e civilizada” de convivência social. As promessas de rejuvenescimento da atual sociedade, feitas por todos os governos e partidos burgueses do mundo, terminam invariavelmente em

fracasso, com os proletários e pobres pagando muito caro a conta dos experimentos de reformas burguesas. A barbárie capitalista avança nas mãos dos impostores, que se dizem grandes reformadores e salvadores do proletariado.

100 anos depois, o impulso revolucionário que levou à vitória de Outubro continua vivo. O moderno proletariado industrial, que é uma criatura do desenvolvimento das forças produtivas desencadeado pelo capitalismo, NÃO desapareceu e não desaparecerá, tanto é que continua vigente o regime social baseado na grande propriedade privada, que precisa da exploração da força de trabalho assalariada para existir.

100 anos depois, o impulso revolucionário que levou à vitória de Outubro continua vivo. O moderno proletariado industrial, que é uma criatura do desenvolvimento das forças produtivas desencadeado pelo capitalismo, NÃO desapareceu e não desaparecerá, tanto é que continua vigente o regime social baseado na grande propriedade privada, que precisa da exploração da força de trabalho assalariada para existir.

100 anos depois, o atual proletariado, diferente de outras classes exploradas, NÃO é proprietário dos meios de produção, nem tampouco pode proclamar que o produto do seu esforço é exclusivamente seu, como faziam os trabalhadores artesãos do período feudal. O seu trabalho é coletivo, o que o torna instintivamente comunista. O proletariado, em qualquer país do mundo, continua acorrentado à máquina pelo tempo da jornada de trabalho, e ao ritmo de produção que estas impõem. Se, na época de Lênin e Trotsky, os proletários viviam bestializados pelo trabalho – convertidos em apêndice da máquina, em robôs que são obrigados a entregar a sua vida, e depois a de seus filhos, com a finalidade de valorizar o capital – hoje esta

realidade NÃO mudou substancialmente. Ao contrário, as crises cíclicas do regime capitalista, em agonia e decadência, têm agravado ainda mais a bestialização do homem acorrentado à máquina, com o agravante da destruição periódica de postos de trabalho, e o gigantesco incremento do desemprego, que condena milhões à miséria. Está aí por que, em todo o mundo, a classe operária, independente de raça, religião ou nacionalidade, se levanta para enfrentar a superexploração que a destrói fisicamente. Esta luta a irmana, a une, por cima das fronteiras nacionais e culturais. O lugar que o proletariado ocupa no processo de produção social o torna instintivamente comunista. Leva-o a lutar pela compatibilização entre a produção social e apropriação social. Essa compatibilização se realiza com a expropriação da burguesia, o estabelecimento da propriedade social dos meios de produção e constituição de um Governo Operário e Camponês (Ditadura do Proletariado).

A Revolução de Outubro demonstrou que não há possibilidade de reformar o capitalismo. Resta sepultá-lo definitivamente. Todos aqueles que se empenham em reformar as velhas e apodrecidas estruturas sociais, econômicas e políticas do atual regime social, não fazem senão prolongar a agonia das massas exploradas. A Revolução de Outubro demonstrou a teoria da revolução perma-



(...) na época do capitalismo imperialista – época de seu total esgotamento e decadência – a burguesia NÃO pode jogar nenhum papel progressista, que NÃO há etapas intermediárias entre a ditadura da burguesia e a ditadura do proletariado (...)

nente, anunciada por Trotsky, que deixou claro que na época do capitalismo imperialista – época de seu total esgotamento e decadência – a burguesia NÃO pode jogar nenhum papel progressista, que NÃO há etapas intermediárias entre a ditadura da burguesia e a ditadura do proletariado, que a luta pelo cumprimento das tarefas democráticas pendentes só pode se realizar com métodos socialistas de governo, com o estabelecimento da ditadura do proletariado, caminho para o socialismo em escala internacional.

O estalinismo apunhalou pelas costas a revolução proletária, desfechou a maior das traições à Revolução de Outubro. Constituiu-se no grande organizador de derrotas e da restauração capitalista. Os estalinistas, aproveitando-se do cansaço e esgotamento das massas russas, depois da vitória do exército vermelho organizado e dirigido por Trotsky na guerra civil, passaram a controlar burocraticamente o partido e os organismos do recém-criado Estado Operário. Passaram a distribuir privilégios, dando cada vez mais poderes aos funcionários e deslocando as bases das decisões fundamentais. Consequentemente, puseram-se a desvirtuar a teoria marxista-leninista, esvaziando-o, pouco a pouco, de seu conteúdo revolucionário, e preenchendo-o de ideias nacionalistas e de colaboração pacífica com uma suposta burguesia progressista e democrática. Por este caminho, empurraram o proletariado de todos os países do mundo a se subordinarem às classes dominantes, e a disputarem “espaços de poder” nos marcos da ordem social capitalista. A aspiração dos “comunistas”, transformados em vulgares eleitores, já não era a de sepultar o capitalismo, mas sim lutar pela “paz social e democracia”, para administrar o capitalismo em “benefício das classes populares”, para que, algum dia, no futuro determinado, se desse a transição pacífica, indolor, do capitalismo

104 anos da Revolução Russa

para o socialismo. A burguesia de todo o mundo bateu palmas e felicitou o avanço “democrático” de seus novos colaboradores, que haviam abandonado a luta de classes, e todo o fundamento histórico da insurreição armada, substituída pela “coexistência pacífica” com o imperialismo, política esta que terminou com a derrota histórica mais importante do proletariado mundial, que foi a dissolução da III Internacional, e o processo de restauração capitalista nos Estados Operários degenerados pela burocracia estalinista, derrota que até agora ainda não se concluiu.

Recentemente, os ideólogos a serviço da burguesia, os impostores que se dizem teóricos do novo socialismo, de um “Socialismo do Século XXI”, nos dizem que houve um “socialismo real” – a ditadura burocrática degenerada do estalinismo, plena de perversidades e atrocidades contra o povo. E que eles, a partir desta má experiência, desenvolveram uma “nova teoria socialista”, segundo a qual não é necessário expropriar a burguesia, deve-se tão somente chegar a algum acordo “conveniente” com o grande capital imperialista, com as multinacionais, com os capitalistas nacionais e os latifundiários, para que, com sua colaboração, pouco a pouco, avancemos até o socialismo. A isso acrescentam que a Revolução é pacífica, se faz nas urnas, com os votos, no parlamento e nos ministérios do Estado burguês. Os bolcheviques, que em sua época conheceram impostores do mesmo tipo, fizeram o que nós fazemos hoje: gritamos alto, bem de frente, “traidores, vendidos à burguesia, fujam daqui com suas ilusões, aqui os revolucionários sabem que não há revolução se não se expulsa do poder, e se expropria a burguesia e o imperialismo”.

O atraso da revolução proletária mundial e o terrível dano provocado pelos estalinistas à causa do socialismo – a restauração do capitalismo e destruição da URSS – abre caminho para o surgimento de todo tipo de tendências revisionistas do socialismo. Revisionistas que se empenham em confundir o proletariado, levá-lo a viver a amarga experiência de traição e desilusão, e a sofrer as consequências da precarização das condições de trabalho e de vida. Os impostores se valem de algumas migalhas concedidas pela burguesia decadente para iludir e trair os explorados. O fracasso dos impostores que chegam ao poder reafirma a política revolucionária de Lênin e Trotsky, e a tarefa de organizar pacientemente o partido-programa da revolução proletária.

A despeito de tudo o que os ideólogos a serviço da burguesia têm dito a respeito do desaparecimento, da diminuição ou substituição do proletariado como classe revolucionária, o seu instinto comunista continua mais do que nunca presente e se manifesta periodicamente: um dia em um país, outro dia em outra região. É daqui que o marxismo-leninismo-trotskismo nutre a sua vigência. O principal obstáculo se encontra na ausência do partido revolucionário do proletariado mundial e em cada país. A rebelião instintiva, assim, finalmente, acaba sendo desviada para os objetivos

LANÇAMENTO ▶

**100 ANOS
DA REVOLUÇÃO
RUSSA**

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR:

R\$ 35

100 anos da Revolução Russa

**RECONSTRUIR O PARTIDO DA REVOLUÇÃO
SOCIALISTA MUNDIAL, A IV INTERNACIONAL**

dos reformistas, que estão a serviço do grande capital, e interessados em preservar o regime social de escravidão assalariada.

A grande lição da Revolução de Outubro é que NÃO pode haver vitória da revolução proletária e o socialismo, sem a organização consciente do partido operário revolucionário, sem que ocorra o desenvolvimento da capacidade desta organização em transformar o impulso instintivamente comunista em política comunista consciente, e em ganhar as outras classes exploradas para a causa revolucionária. NÃO são suficientes para este propósito repetir as generalidades da teoria marxista. A tarefa é a de transformar o instinto comunista da classe operária em política revolucionária, com o emprego do método marxista. Para isso, é necessário organizar e educar politicamente a vanguarda do proletariado. Um contingente se integrará nas células partidárias de militantes revolucionários profissionais. Este nosso partido é tão somente uma seção do Partido Mundial da Revolução Socialista, sem o qual qualquer vitória parcial pode terminar em retrocesso e derrota. É o que mostra a experiência da destruição da III Internacional pelos estalinistas. A Revolução é nacional, pela sua forma, mas internacional, pelo seu conteúdo. O socialismo só pode se consolidar com o avanço da revolução mundial. Aprendemos isto com os bolcheviques, e com a nossa própria experiência.

O partido revolucionário é o do proletariado, que aprendeu a diferenciar que nem todos os trabalhadores têm a mesma disposição revolucionária de combater a propriedade privada burguesa. Há trabalhadores que estão dispostos a lutar contra o grande capital, mas há aqueles que ficam no meio do caminho, quando se trata de abolir o capitalismo e a propriedade privada. Com estes trabalhadores, os proletários estão obrigados a estabelecer uma aliança frentista, dizendo que lutaremos por seus objetivos, mas que nós não nos deteremos até que acabe toda forma de opressão social e nacional. Aprendemos isto com a Revolução Russa e com os bolcheviques.

Denunciamos os centristas, oportunistas e revisionistas, que

em algum momento se reivindicaram do trotskismo, e que agora vêm com a historietinha de que é preciso criar um “Partido dos Trabalhadores” e uma “Internacional dos Trabalhadores”. Estão à procura de um comparsa eleitoral, para criar currais parlamentares. Ocultam e finalmente renunciam à estratégia da Ditadura do Proletariado. Estes “esquerdistas” vão ao reboque dos impostores do “Socialismo do Século XXI”, a quem chamaram de governos “progressistas”, e até de revolucionários. Nunca entenderam e não entendem a importância fundamental do partido-programa de estrutura bolchevique celular. Em alguns lugares, se transformaram em obstáculos para o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado. Mostram-se impotentes para pôr em pé o partido e desenvolver o potencial revolucionário do proletariado. Temos de passar por cima desta escória revisionista.

A crise capitalista se aprofunda e avança a desintegração social, a barbárie não é uma possibilidade, já está entre nós, com o seu monstruoso rosto de destruição, miséria e degradação humana. É inadiável a tarefa de colocar de pé o partido mundial da revolução socialista, com suas seções nacionais firmemente enraizadas no proletariado e nas massas de seus respectivos países. A burguesia e o imperialismo, em seu afã por encontrar uma saída para a crise, que permita continuar mantendo o capitalismo, ameaçam o mundo com o risco de uma conflagração bélica de proporções gigantescas, e muito mais destrutivas do que as anteriores conflagrações mundiais. Se o proletariado e os povos oprimidos do mundo não querem acabar como bucha de canhão da burguesia imperialista ou destruídos pelo desemprego e pela miséria crescentes – em um mundo cada vez mais envenenado pela contaminação ambiental pressionada pelas necessidades do grande capital –, devem unir-se sob a bandeira da IV Internacional.

**Viva o CERQUI! Viva a Revolução de Outubro!
Morte ao capitalismo!**

Viva o socialismo, a caminho do comunismo!

101 anos da Revolução Russa

novembro de 2018

Fez parte da luta do bolchevismo pelo internacionalismo proletário e da própria revolução russa, o combate ao revisionismo da II Internacional. Nestes 101 anos da revolução de outubro de 1917, publicamos o artigo de Lênin: “A situação e as tarefas da Internacional Socialista”.

A SITUAÇÃO E AS TAREFAS DA INTERNACIONAL SOCIALISTA

1 de novembro de 1914 - Lênin

O mais penoso da crise atual é que a maioria dos representantes oficiais do socialismo europeu sucumbiu, diante do nacionalismo burguês e do chauvinismo. Não é por acaso que os jornais burgueses de todos os países, ora zombam deles, ora os elogiam, com condescendência. E, não há tarefa mais importante para quem quiser manter-se socialista, do que esclarecer as causas da crise socialista, e analisar as tarefas da Internacional.

Há pessoas que receiam reconhecer a verdade de que a crise, ou, mais exatamente, a falência, da II Internacional, é a falência do oportunismo.

Referem-se, por exemplo, à unanimidade entre os socialistas franceses, e ao fato de que os velhos agrupamentos do socialismo tenham supostamente mudado sua posição, quanto à atitude

diantes da guerra. Mas, essas referências são falsas.

A defesa da colaboração de classes, o abandono da ideia da revolução socialista e dos métodos revolucionários de luta; a adaptação ao nacionalismo burguês, o esquecimento do caráter historicamente transitório das fronteiras da nacionalidade e da pátria, a transformação da legalidade burguesa em um fetiche, a recusa do ponto de vista de classe e da luta de classes, com o receio de afastar as “amplas massas da população” (leia-se: a pequena burguesia) – tais são, sem dúvida, as bases ideológicas do oportunismo. Foi precisamente nesse terreno, que cresceu a atual mentalidade chauvinista, patriótica, da maioria dos dirigentes da II Internacional. Observadores que representam os mais diversos pontos de vista assinalaram, há muito, que os oportunistas predominam

de fato entre os dirigentes da II Internacional. A guerra apenas revelou, com particular rapidez e agudeza, as reais dimensões desse predomínio. Não é nada surpreendente, que a extraordinária agudização da crise tenha provocado uma série de mudanças de posição nos velhos agrupamentos. Mas, de modo geral, essas mudanças somente afetaram indivíduos. As tendências no seio do socialismo mantiveram-se as mesmas de antes.

Entre os socialistas franceses, não há completa unanimidade. O próprio Vaillant, que segue a linha chauvinista, juntamente com Guesde, Plekanov, Hervé, etc., foi obrigado a reconhecer que recebe uma série de cartas de socialistas franceses, que protestam, indicando que a guerra é uma guerra imperialista, que a burguesia francesa não é menos culpada do que as demais. Não devemos esquecer de que essas vozes são abafadas, não apenas pelo oportunismo triunfante, mas também pela censura militar. Entre os ingleses, o grupo de Hyndman (os socialdemocratas ingleses - "Partido Socialista Britânico") descambou por completo ao chauvinismo, tal como a maioria dos dirigentes semiliberais das *trade-unions*. MacDonald e Keir Hardie, do oportunista "Partido Trabalhista Independente", resistem ao chauvinismo. Trata-se, verdadeiramente, de uma exceção à regra. Mas, alguns socialdemocratas revolucionários, que há muito lutam contra Hyndman,

A questão da pátria - respondemos aos oportunistas - não pode ser colocada, ignorando o caráter histórico concreto da guerra atual. É uma guerra imperialista, isto é, uma guerra da época do capitalismo mais desenvolvido, a época final do capitalismo.

saíram agora das fileiras do "Partido Socialista Britânico". Entre os alemães, o quadro é claro: os oportunistas venceram, estão alvoroçados, "não cabem em si". O "centro", encabeçado por Kautsky, descambou para o oportunismo, e defende-o com sofismas particularmente hipócritas, vulgares e etéreos. Dos meios socialdemocratas revolucionários, chegam os protestos de Mehring, Pannekoek, Karl Liebknecht, e de uma série de vozes anônimas da Alemanha e da Suíça alemã. Na Itália, também o alinhamento é claro: os extremados oportunistas, Bissolati e Companhia, estão pela "pátria", a favor de Guesde-Vaillant- Plekanov-Hervé. Os socialdemocratas revolucionários (o "partido socialista"), encabeçados pelo Avanti!, lutam contra o chauvinismo, e desmascaram o caráter burguês e interesseiro dos chamados à guerra, e têm o apoio da imensa maioria dos operários avançados. Na Rússia, os ultra-oportunistas do campo dos liquidacionistas já ergueram a sua voz, em defesa do chauvinismo, em conferências e na imprensa. P. Maslov e E. Smirnov defendem o czarismo, a pretexto de defender a pátria (a Alemanha, veja, ameaça impor "com a força da espada", acordos comerciais, enquanto o czarismo, certamente, nem com a força da espada, nem com o chicote, nem com as forças, asfixiou e asfixia a vida econômica, política e nacional da nona parte da população da Rússia!). Eles procuram justificar a entrada dos socialistas nos ministérios burgueses reacionários, e a votação, hoje, a favor dos créditos de guerra, e, amanhã, a favor de novos armamentos! Plekhanov, que encobre seu chauvinismo russo com uma posição de francófilo, caiu no nacionalismo, tal qual Alexinski. A julgar pelo *Gólos* de Paris, Martov é, de toda essa turma, o que mantém uma atitude mais decente, que se opõe ao chauvinismo, tanto alemão quanto francês, que se levanta contra

104 anos da Revolução Russa

o Vorwärts, contra o Sr. Hyndman e contra Maslov, ainda quando teme ter uma atitude decidida contra o oportunismo internacional como um todo, e contra seu defensor "mais influente", o "centro" da socialdemocracia alemã. As tentativas de apresentar o serviço voluntário no exército, como a realização de tarefas socialistas (ver a declaração do grupo dos voluntários russos em Paris, dos social-democratas e dos social-revolucionários, bem como dos social-democratas polacos, de Leder e outros), só foram defendidas por Plekhanov. A maioria da seção parisiense do nosso partido condenou essas tentativas. Os leitores poderão ver qual é a posição do Comitê Central do nosso partido, no editorial deste número. Para evitar equívocos, os seguintes fatos relatam a história do ponto de vista de nosso partido, e sua formulação deve constar aqui: vencendo as enormes dificuldades do restabelecimento das ligações organizativas cortadas pela guerra, um grupo de nosso partido elaborou inicialmente as "teses", e, em 6 a 8 de setembro (pelo novo calendário), divulgou-as entre os camaradas. Posteriormente, entregou-as, através dos social-democratas suíços, a dois membros da conferência ítalo-suíça de Lugano (27 de setembro). Só em meados de outubro, conseguiu-se restabelecer a ligação, e formular o ponto de vista do Comitê Central do partido. O editorial deste número é a redação definitiva das "teses".

Tal é, em resumo, a situação na socialdemocracia europeia e russa. A falência da Internacional é evidente. A polêmica na imprensa, entre os socialistas franceses e alemães, o demonstrou definitivamente. Reconheceram-no, não só os socialdemocratas de esquerda (Mehring e o Bremer

Bürger-Zeitung), mas também os órgãos moderados da imprensa Suíça (Volksrecht). A tentativa de Kautsky, para dissimular essa falência, é um subterfúgio covarde. Essa falência é precisamente a falência do oportunismo, prisioneiro da burguesia.

A posição da burguesia é clara. E não é menos claro que os oportunistas se limitam a repetir cegamente os seus argumentos. Ao que se diz no editorial, resta talvez acrescentar a simples referência aos artigos zombadores de *Neue Zeit*, que sugerem que o internacionalismo consistiria em que os operários de um país disparassem contra os operários de outros, em nome da defesa da pátria!

A questão da pátria - respondemos aos oportunistas - não pode ser colocada, ignorando o caráter histórico concreto da guerra atual. É uma guerra imperialista, isto é, uma guerra da época do capitalismo mais desenvolvido, a época final do capitalismo. A classe operária deve, primeiro, "constituir-se em nação", diz o Manifesto Comunista, indicando os limites e condições de nosso reconhecimento da nacionalidade e da pátria, como formas necessárias do regime burguês e, conseqüentemente, também, da pátria burguesa. Os oportunistas deturpam essa verdade, estendendo, à época final do capitalismo, aquilo que é verdade para a época do seu surgimento. E, acerca desta época, acerca das tarefas do proletariado na luta pela destruição não do feudalismo, mas do capitalismo, o Manifesto Comunista diz, clara e definidamente: "os operários não têm pátria". Compreende-se por que os oportunistas temem reconhecer essa verdade do socialismo; temem, inclusive, na maioria dos casos, tê-la abertamente em conta. O movimento socialista não pode vencer no velho quadro da pátria; cria novas e superiores formas de



Foto acima: II Congresso da II Internacional Comunista

sociedade humana, em que as necessidades legítimas e as aspirações progressistas das massas trabalhadoras, de qualquer nacionalidade, serão, pela primeira vez, satisfeitas, em unidade internacional, com a abolição das atuais fronteiras nacionais. Às tentativas da burguesia contemporânea, de dividir e desunir os operários, através das referências hipócritas à “defesa da pátria”, os operários conscientes responderão com novas e repetidas tentativas, para criar a unidade dos operários das diferentes nações, na luta pela derrocada da dominação da burguesia de todas as nações.

A burguesia engana as massas, dissimulando o saque imperialista com a velha ideologia da “guerra nacional”. O proletariado desmascara esse embuste, com a bandeira de transformar da guerra imperialista em guerra civil. É precisamente essa bandeira que é indicada pelas resoluções de Stuttgart e de Basileia, que previam, não a guerra em geral, mas exatamente a guerra atual, e que falavam, não da “defesa da pátria”, mas da “aceleração da queda do capitalismo”, da utilização para esse fim da crise provocada pela guerra, do exemplo da Comuna de Paris. A Comuna foi a transformação de uma guerra entre nações em uma guerra civil.

Essa transformação não é naturalmente fácil, e não pode se realizar “segundo a vontade” de determinados partidos. Essa transformação, no entanto, é inerente às condições objetivas do capitalismo em geral, e da época do fim do capitalismo, em particular. E é nessa direção, só nessa direção, que os socialistas devem atuar. Não votar os créditos de guerra, não tolerar o chauvinismo em seu “próprio” país (nem nos países aliados), combater, em primeiro lugar, o chauvinismo da “própria” burguesia, não se limitar às formas legais da luta, quando estourou a crise, e a própria burguesia anulou a legalidade que ela criou - tal é a linha de ação que conduz à guerra civil, e que desembocará na guerra civil, em um momento ou em outro da conflagração que abarca toda a Europa.

A II Internacional cumpriu a sua parte do útil trabalho preparatório de organização preliminar das massas proletárias, durante a longa época “pacífica”, da mais cruel escravidão capitalista, e do mais rápido progresso capitalista do último terço do século XIX, e do princípio do século XX.

“última guerra” é uma fábula oca e perigosa, uma “mitologia” pequeno-burguesa (segundo a justa expressão do Gólos). A bandeira proletária da guerra civil, se não for hoje, será amanhã, se não for durante a presente guerra, será depois dela, se não for nesta, será numa próxima guerra, reunirá, à sua volta, não apenas milhares de operários conscientes, mas também milhões de semiproletários e pequenos burgueses, hoje enganados pelo chauvinismo, que os horrores da guerra, não só assustarão e embrutecerão, como também esclarecerão, ensinarão, despertarão, organizarão, temperarão e prepararão para a guerra contra a burguesia, tanto do “próprio” país, como dos países “estrangeiros”.

A II Internacional morreu, vencida pelo oportunismo. Abaixo o oportunismo, e viva a III Internacional, depurada, não só dos “trânsfugas” (como deseja o Gólos), mas também do oportunismo.

A II Internacional cumpriu a sua parte do útil trabalho preparatório de organização preliminar das massas proletárias, durante a longa época “pacífica”, da mais cruel escravidão capitalista, e do mais rápido progresso capitalista do último terço do século XIX, e do princípio do século XX. À III Internacional caberá a tarefa de organizar as forças do proletariado para a ofensiva revolucionária contra os governos capitalistas, para a guerra civil contra a burguesia de todos os países, pela conquista do poder político, pela vitória do socialismo!

102 anos da Revolução Russa de outubro de 1917

outubro de 2019

Aproveitamos esse momento para publicar as Quatro Teses sobre a Situação Política, escritas por Lênin, em 10 de julho de 1917, por meio das quais se faz uma mudança tática, voltada a preparar a insurreição das massas. As Teses foram discutidas em uma reunião ampliada do Comitê Central do Partido Bolchevique, nos dias 13 e 14 de julho, contando com a presença de representantes do Comitê de

Petersburgo, da Organização militar adjunta ao Comitê Central, do Bureau da região de Moscou, do Comitê de Moscou, e do Comitê dos distritos de Moscou. Foram divulgadas em 2 de agosto.

A melhor forma de comemorar os 102 anos da Revolução Russa é assimilar os fundamentos do leninismo.

A Situação Política

(Quatro Teses)

1. A contrarrevolução organizou-se, consolidou-se e, na prática, tomou nas suas mãos o poder do Estado.

A total organização e a consolidação da contrarrevolução consistem na união, muito bem pensada e materializada, das três forças contrarrevolucionárias principais: 1) o partido dos democratas-constitucionalistas (Kadete), isto é, o verdadeiro chefe da burguesia organizada, retirando-se do ministério, apresentou a este um ultimato, preparando o terreno para que a contrarrevolução pudesse derrubá-lo; 2) o Estado-Maior e o alto comando do exército, com a ajuda consciente ou semiconsciente de Kerenski, que até os socialistas revolucionários mais destacados, qualificados agora de Cavaignac, tomaram praticamente o poder estatal nas mãos, desfechando a repressão contra as tropas revolucionárias na frente, começaram a desarmar as tropas e os operários revolucionários, em Petrogrado e em Moscou, a reprimir e esmagar o movimento em Nizhni-Nóvgorod, a prender os bolcheviques, e a fechar os seus jornais, não só sem julgamento, mas inclusive sem nenhum decreto do governo. A rigor, o poder estatal na Rússia é hoje, essencialmente, uma ditadura militar; essa situação ainda aparece dissimulada por algumas instituições em palavras revolucionárias, ainda que impotentes na prática. Mas, é um fato indiscutível e tão radical, que, sem compreendê-lo, não se pode explicar a situação política; 3) a imprensa monárquica dos centúrias negras e a burguesa, que já passaram da furiosa campanha contra os bolcheviques a uma campanha contra os soviets, contra o “incendiário” Tchernov, etc., demonstraram com a maior clareza que a verdadeira essência da política da ditadura militar, que hoje domina na Rússia e é apoiada pelos Kadetes e os monárquicos, consiste em preparar a dissolução dos Soviets. Muitos dirigentes socialistas revolucionários e mencheviques, isto é, da atual maioria dos Soviets, já reconheceram e manifestaram isso nestes últimos dias, mas, como autênticos pequeno-burgueses, se fazem de desentendidos dessa terrível realidade, com frases ocas e eloquentes.

2. Os dirigentes dos soviets e dos partidos socialistas revolucionários e menchevique, com Tsereteli e Tchernov à frente, traíram definitivamente a causa da revolução, ao colocá-la nas mãos dos contrarrevolucionários, e ao se converterem e converterem seus partidos e os soviets em cortina de fumaça da contrarrevolução.

Isso fica demonstrado pelo fato de os socialistas revolucio-

nários e os mencheviques delatarem os bolcheviques, e aprovaram tacitamente a destruição dos seus jornais, sem se atreverem sequer a dizer ao povo, de modo direto e aberto, que o faziam e por que faziam. Ao legalizar o desarmamento dos operários e dos regimentos revolucionários, despojaram a si mesmos de todo o poder real. Converteram-se em impostores, que ajudavam a reação a “distrair” a atenção do povo, até que a reação concluísse os seus últimos preparativos para dissolver os Soviets. Sem reconhecer essa bancarrota total e definitiva dos partidos socialistas revolucionários e mencheviques, e da atual maioria dos soviets, sem reconhecer o caráter totalmente fictício do seu “diretório”, não é possível compreender absolutamente nada da situação política atual.

3. Todas as esperanças de um desenvolvimento pacífico da revolução russa se desvaneceram para sempre. A situação objetiva é esta: ou a vitória completa da ditadura militar, ou o triunfo da insurreição armada dos operários, triunfo que só é possível se coincidir com um levante profundo das massas contra o governo e contra a burguesia, provocado pelo desastre econômico e o prolongamento da guerra.

A palavra de ordem “Todo o poder aos soviets” era adequada ao desenvolvimento pacífico da revolução, possível em abril, maio, junho, e ainda até 5-9 de julho, isto é, antes que o poder tivesse passado efetivamente para as mãos da ditadura militar. Agora, essa palavra de ordem já não é justa, pois, não leva em conta a mudança ocorrida, nem o fato de que os socialistas revolucionários e mencheviques traíram totalmente, nos fatos, a revolução. Nem as aventuras, os motins, as resistências isoladas, ou as tentativas desesperadas de se opor isoladamente à reação podem mudar as coisas, mas somente a clara consciência da situação, a disciplina e a tenacidade da vanguarda operária, a preparação das forças para uma insurreição armada, cujas condições de vitória são agora terrivelmente difíceis, mas possíveis, no caso de se produzir uma coincidência dos fatos e tendências assinalados nessas teses. Nada de ilusões constitucionalistas e republicanas, nada de ilusões acerca da uma via pacífica, nada de ações dispersas, não devemos nos deixar levar agora pela provocação dos centúrias negras, nem dos cossacos; há que reunir as forças, reorganizá-las e prepará-las firmemente para uma insurreição armada, desde que a evolução da crise permita fazê-lo, em uma verdadeiro levante de massas, de todo o povo. A passagem das terras para os

Lênin

camponeses é agora impossível, sem uma insurreição armada, pois, a contrarrevolução, tendo tomado o poder, uni-se completamente aos latifundiários como classe.

O objetivo da insurreição armada só pode ser a passagem do poder para as mãos do proletariado, apoiado pelos camponeses mais pobres, a fim de realizar o programa do nosso partido.

4. O partido da classe operária, sem abandonar a legalidade, mas sem superestimá-la, nem por um momento sequer, deverá combinar o trabalho legal com o ilegal, como nos anos 1912-1914.

Não abandonar, nem por uma hora sequer, o trabalho le-

gal. Mas, não acreditar, nem um só instante, em ilusões constitucionais e “pacíficas”. Criar imediatamente, em toda a parte, e para tudo, organizações ou células ilegais, para publicar folhetos, etc. Reorganizar-se em seguida, disciplinada e firmemente, em toda a linha.

Atuar como nos anos 1912-1914, quando sabíamos falar da derrocada do czarismo pela revolução e insurreição armada, sem perder a nossa base legal na Duma de Estado, nem nas caixas de socorros, nem nos sindicatos, etc.

(Extraído da obra *Trabalhos Inéditos, Lênin, Ediciones Estudios, Buenos Aires. 1972*)

103 anos da Revolução Russa

outubro de 2020

No dia 25 de outubro, completam-se 103 anos da revolução proletária na Rússia. Aproveitamos a data para divulgar a homenagem de Lênin ao camarada Sverdlov. Os ensinamentos da vida dos revolucionários são o guia seguro para a vanguarda com consciência de classe, que trabalha pela construção do partido marxista-leninista-trotskista.

DISCURSO EM MEMÓRIA DE I. M. SVERDLOV, NA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO CEC DE TODA A RÚSSIA

18 de março de 1919

Camaradas!

Hoje, quando os trabalhadores de todo o mundo comemoram o heroico levante da Comuna de Paris e seu trágico fim, nós acompanhamos o enterro de Iákov Mikháilovitch Sverdlov. O camarada Sverdlov conseguiu expressar, no curso de nossa revolução e em suas vitórias, mais plena e integralmente do que ninguém, os traços mais importantes e essenciais da Revolução Proletária. Precisamente, além de sua dedicação sem limites à causa da revolução, se destacou como dirigente da revolução proletária.

Camaradas, aqueles que julgam as coisas superficialmente, os numerosos inimigos de nossa revolução, e aqueles que ainda hoje vacilam entre a revolução e seus adversários, consideram que a forma enérgica, firme e implacável, com que a revolução enfrentou os exploradores e os inimigos do povo trabalhador, é sua característica mais notável. Não há dúvida de que, sem essa característica, sem a violência revolucionária, o proletariado não teria vencido. Tampouco pode haver dúvida de que a violência revolucionária só é um método necessário e legítimo da revolução, em determinadas etapas de seu desenvolvimento, unicamente em condições especiais e determinadas, e que uma característica muito mais profunda e permanente desta revolução, e condição de seu triunfo, é e será sempre a organização das massas proletárias, a organização dos trabalhadores. E essa organização de milhões de trabalhadores constitui o melhor patamar da revolução, a fonte mais profunda de sua vitória. Essa característica da revolução proletária é que permitiu o surgimento, no curso da luta, dos dirigentes, que melhor materializaram essa característica específica de nossa revolução, anteriormente não conhecida, isto é, a organização das massas. Essa característica da revolução proletária também possibilitou que se destacasse um homem como I. M. Sverdlov, que foi, antes de tudo e acima de tudo, um organizador.

Camaradas!

Nesses tempos, tão penosos para os revolucionários, nesse pe-

ríodo difícil e longo, em que a revolução foi se preparando com uma lentidão que, com frequência, parecia torturante, nós, os russos, sofremos, particularmente, pela contradição entre teoria, princípios, programa e atividade prática. Sofremos, mais do que ninguém, por estar excessivamente submersos na teoria, desvinculada da ação direta.

Em um período de muitas décadas, a história do movimento revolucionário russo contém uma lista de mártires, entregues à causa revolucionária, mas que não tiveram a possibilidade de aplicar seus ideais revolucionários na prática, e, nesse sentido da revolução proletária, deu pela primeira vez a esses heróis da luta revolucionária, antes isolados, o verdadeiro terreno, a verdadeira base, o verdadeiro meio, a verdadeira tribuna e um verdadeiro exército proletário, para que pudesse revelar sua capacidade. Neste aspecto, aqueles que mais se distinguiram foram os dirigentes que, entregues à atividade prática-organizativa, souberam alcançar um posto tão excepcional e destacado, como o que conquistou e ocupou, legitimamente, I.M. Sverdlov.

Se considerarmos a vida desse dirigente da revolução proletária, vemos que seu notável talento organizativo foi desenvolvendo-se no curso de uma longa luta. Vemos que este dirigente da revolução proletária cultivou cada uma de suas notáveis qualidades de grande revolucionário, que passou por experiência de diversas épocas, nas mais difíceis condições de atividade revolucionária. No primeiro período de sua atividade, ainda muito jovem, e quando tinha adquirido apenas consciência política, se entregou, inteiramente, à causa da revolução. Naquele período, no início do século XX, o camarada Sverdlov aparecia diante de nós como o tipo mais completo de revolucionário profissional, como um homem que tinha rompido inteiramente com sua família, com todas as comodidades e todos os hábitos da velha sociedade burguesa, como um homem que se entregou de corpo e alma à revolução, e que, durante muitos anos e, inclusive, décadas, ao passar do cárcere ao

desterro, e do desterro ao cárcere, cultivou essas características, que temperam revolucionários durante muitos, muitos anos.

Mas, esse revolucionário profissional jamais, nem por um só minuto, perdeu contato com as massas. Quando as condições do czarismo o condenaram, como a todos os revolucionários de seu tempo, ao desenvolver uma atividade fundamentalmente ilegal, clandestina, também nesse meio clandestino e ilegal, o camarada Sverdlov marchou sempre ombro a ombro, mão a mão, com os operários de vanguarda que, no início do século, começavam a ocupar o lugar da anterior geração de intelectuais revolucionários.

Foi então que dezenas e centenas de operários da vanguarda se lançaram à atividade, e adquiriram essa têmpera de aço na luta revolucionária, que, junto com o estreito vínculo com as massas, tornaram possível na Rússia uma revolução proletária vitoriosa. E é, precisamente, este longo período de atividade clandestina que, sobretudo, caracteriza o homem que interveio constantemente na luta, que jamais se desligou das massas, jamais abandonou a Rússia, que sempre atuou junto aos melhores operários, e soube se tornar - apesar daquele isolamento da vida comum, que as perseguições condenavam o revolucionário - não só em um amado dirigente dos operários, não só em um dirigente com amplos conhecimentos da tarefa prática, mas também em um organizador dos proletários de vanguarda. Alguns pensavam - e assim pensavam quase sempre nossos inimigos, ou os vacilantes - que esta completa absorção pelo trabalho clandestino, que este traço característico do revolucionário profissional, o separava das massas, mas as atividades revolucionárias de I.M. Sverdlov nos demonstram quão profundamente errônea era essa opinião, e, pelo contrário, como esta entrega sem reservas à causa revolucionária, que caracteriza a vida daqueles que passaram por muitos cárceres, e viveram o desterro nas regiões remotas da Sibéria, forjou dirigentes como estes, a flor de nosso proletariado. E quando isso se combinava com o conhecimento dos homens e com a capacidade organizativa, produzia os grandes organizadores. Os círculos ilegais, o trabalho revolucionário clandestino, o partido ilegal, que ninguém encarnava e expressava tão integralmente como I.M. Sverdlov: esta foi a escola prática pela qual ele passou; e a única escola que lhe permitiu alcançar a posição de primeiro homem na primeira República Socialista Soviética, a posição de primeiro organizador das amplas massas proletárias.

Camaradas!

Todos aqueles que tiveram oportunidade de trabalhar, dia a dia, junto ao camarada Sverdlov, como se passou comigo, compreenderão com clareza que somente um talento organizador excepcional, como deste homem, pôde nos dar isso de que tanto, e com tão legítimo direito, nos orgulhamos até agora. Permitiu-nos realizar um trabalho harmônico, eficiente e verdadeiramente organizado, um trabalho inteiramente digno das massas proletárias organizadas, e que respondia às exigências da revolução proletária, um trabalho organizado e coerente, sem o qual não teríamos alcançado nenhum só êxito, sem o qual não teríamos vencido uma só das inumeráveis dificuldades, que enfrentamos, sem o qual não teríamos suportado uma só das duras provas pelas quais passamos, e pelas quais devemos passar agora.

Nessa impetuosa luta, que é a revolução, e nesse especial posto que ocupa cada revolucionário, em um momento que a discussão surge até no trabalho do mais pequeno organismo coletivo, tem imensa importância a grande autoridade moral, que se conquista no transcurso da luta, autoridade que jamais se põe em dúvida,

cujas forças não emanam, naturalmente, de uma moral abstrata, mas de uma moral do combatente revolucionário, da moral dos lutadores na linha de frente das massas revolucionárias.

Se, no curso de mais de um ano, pudemos suportar as incriveis cargas, que pesavam sobre um pequeno círculo de revolucionários abnegados, se os grupos dirigentes conseguiram resolver, firmemente, rapidamente, e unanimemente os problemas mais difíceis, foi somente porque o posto destacado era ocupado por um organizador tão excepcionalmente talentoso, como Iákov Mikháilovitch Sverdlov. Somente ele reuniu, em sua pessoa, um conhecimento admirável dos dirigentes do movimento proletário; somente ele conseguiu, durante os longos anos de luta - aos quais somente pude me referir aqui brevemente - combinar a admirável sagacidade do trabalhador prático, o notável talento do organizador, e uma autoridade jamais questionada, graças à qual Iákov Mikháilovitch Sverdlov pôde dirigir de forma totalmente pessoal alguns dos ramos mais importantes do trabalho do Comitê Executivo Central dos Soviotes de Toda a Rússia, e que somente um grupo de pessoas comuns poderia realizar. Unicamente um homem como ele pôde chegar a conquistar uma posição que lhe permitia resolver, em grande parte, dos fundamentais problemas práticos de organização e de maior importância. Bastava uma só palavra, para que um problema fosse solucionado de maneira definitiva e indiscutível, sem dar lugar a deliberações nem votações formais, e todos se sentiam plenamente convencidos de que a questão tinha sido resolvida sobre a base de tais conhecimentos práticos profundos e de noção de organização, que aquela solução seria conclusiva, não só para milhares de operários de vanguarda, mas também para as massas.

Há muito tempo que a história demonstrou que, no curso da luta, as grandes revoluções formam os grandes homens, bem como surgem talentos, em cujo desenvolvimento se tinha antes como impossível. Mas ninguém previa que, da escola dos círculos ilegais e do trabalho clandestino, da escola de um pequeno partido perseguido e da escola do cárcere Turukhansky, pudesse surgir um organizador do nível que conquistasse uma autoridade absoluta e inquebrantável: o organizador do poder soviético na Rússia, o homem, único pelos seus conhecimentos, que organizou o trabalho do partido que criou os soviotes, que estabeleceu o poder soviético, que hoje avança por um caminho difícil, doloroso e sangrento, mas vitorioso, para todos os povos, para todos os países do mundo.

Jamais poderemos substituir um homem assim, que tinha cultivado esse excepcional talento organizativo, se, por substituir, queremos dizer encontrar outra pessoa, outro camarada que reúna semelhantes qualidades. Ninguém que tenha conhecido de perto e tenha seguido o constante trabalho de Iákov Mikháilovitch poderá duvidar que, nesse sentido, é insubstituível. O trabalho que ele realizava como organizador, na seleção de homens, na sua designação para ocupar postos responsáveis nas mais diversas especialidades, só poderemos cumprir no futuro, se à frente de cada um dos grandes ramos, que pessoalmente dirigia o camarada Sverdlov, colocamos grupos inteiros de pessoas que, seguindo seus passos, sejam capazes de se aproximar do trabalho que esse homem sozinho realizava.

Mas, a força da revolução proletária está em que, precisamente, suas raízes são profundas. Sabemos que, para substituir aqueles que entregaram suas vidas a esta luta, a revolução promove novos homens, talvez menos experimentados, menos conhecedores, menos preparados no começo, mas são homens amplamente

vinculados às massas, e capazes de preencher os postos vacantes, deixados pelos grandes talentos que desaparecem, com grupos de pessoas convocados a continuar sua obra, a marchar pelo mesmo caminho e concluir aquilo que iniciaram. E, nesse sentido, estamos profundamente convencidos de que a revolução proletária na Rússia, e em todo mundo, fará surgir um grupo de homens após outro, destacará numerosos setores do proletariado e do camponato, trabalhadores, que possuirão o conhecimento prático da vida, o talento organizador, individual ou coletivo, sem o qual o

exército de milhões de proletários não poderá alcançar a vitória.

A memória do camarada I.M Sverdlov não só será símbolo peregrino da abnegada entrega do revolucionário à sua causa, e modelo de conjunção de firmeza e habilidade práticas, de estreito contato com as massas, e de capacidade para dirigi-las, mas também será, além de tudo, a garantia de que as massas cada vez mais amplas de proletários continuarão, guiadas por este exemplo, seu avanço para a vitória total da revolução comunista mundial.

(Extraído das Obras completas, Lênin, tomo XXX, Akal Editor)

Sobre Lênin - Novo livro do POR

Lênin estrategista da revolução proletária - Apontamentos sobre a história do Partido Bolchevique” é o décimo segundo livro do POR, e o segundo da coleção editorial *Marxismo – Teoria e Programa*, que inauguramos com a publicação das “Lições da Comuna de Paris” em maio deste ano, dedicada a sistematizar os fundamentos do programa e os métodos da revolução proletária.

O trabalho de edição e de publicação do livro levou seis meses. Mas, a sua elaboração começou há cinco anos, quando se reservou contracapa do jornal Massas para a exposição das formulações de Lênin, ainda que sem um plano prévio. De fato, existia a necessidade da formação coletiva desde as células sobre o percurso do pensamento, elaboração e método do Lênin, voltados a construir um partido verdadeiramente revolucionário; os princípios que guiaram seu combate aos desvios revisionistas e oportunistas; seu esforço por orientar o proletariado no momento decisivo da luta revolucionária na Rússia e, especialmente, sua dedicação a expor os fundamentos teóricos e organizativos, voltados à obra histórica de constituir e consolidar o Estado operário, estabelecendo assim as bases da transição socialista.

Entretanto, a publicação dos textos “Assimilando o leninismo”, “Lênin estrategista” e “Apontamentos sobre a história do bolchevismo” na forma de livro exigiu mais do que colocá-lo na sequência temporal estabelecida no Massas. É certo que contávamos com a matéria-prima fundamental. Mas, requeria ainda um processo paciente e árduo de trabalho de releitura, revisão, correção e encadeamento dos textos, para melhor expor os fundamentos e princípios que constituem o método de análise, exposição e formulação da rica e vasta obra de Lênin.

É bom também frisar que, em 32 anos de existência, nunca deixamos de reunir, compilar, elaborar, editar e publicar textos programáticos, resoluções partidárias e sindicais, polêmicas,

generalizações teóricas das experiências da luta dos explorados, assim como contribuições dos clássicos à teoria marxista e à organização partidária, orientados à formação e elevação política da vanguarda com consciência de classe e os quadros partidários. São centenas de folhetos, vários números das Revistas Proletária da Educação e Socialismo Científico, e boletins do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI).

O POR tem procurado responder, sistematicamente, às manifestações da crise capitalista; se esforçado em assimilar as experiências da luta de classes; batalhado por elaborar o programa, precisar a linha política e explicar os métodos e táticas, que permitirão o proletariado e os oprimidos a conquistarem sua independência política, transformando sua revolta instintiva em programa e prática revolucionárias.

Escrever e publicar a nossa própria história permite verificar a evolução e síntese do processo coletivo de elaboração coletiva e a evolução político-organizativa do partido e seus quadros. A vanguarda com consciência de classe poderá, por sua vez, avaliar se os prognósticos, caracterizações e formulações realizados correspondem ou não à natureza dos fenômenos analisados, e sua evolução posterior. Torna-se possível, assim, submeter o programa à prova da realidade.

Não se deve nunca esquecer que o marxismo é um guia para a ação revolucionária, como afirmou o próprio Lênin. Foi essa premissa que guiou o esforço coletivo por assimilar e incorporar, criticamente, os principais fundamentos e métodos do marxismo leninismo, encarnados pelo bolchevismo, objetivando aplicá-las à situação particular da luta de classes nosso país. Eis por que a publicação de “Lênin estrategista da revolução proletária” passa a constituir um pilar sólido e fundamental na estruturação do POR.

R\$ 30

ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR
DO MASSAS

LANÇAMENTO LIVRO

**Lênin estrategista
da revolução proletária**

Este livro faz parte da luta da vanguarda consciente em superar a crise mundial de direção, construindo o Partido Operário Revolucionário, como seção brasileira do Comitê de Enlace pela Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

POR
Marxismo
Teoria e Programa

Nova
Coleção
Editorial



**Lênin estrategista
da revolução proletária**
*Apontamentos sobre a história
do Partido Bolchevique*

Burocracia enterra a greve metalúrgica na GM

Os dirigentes do sindicato Metalúrgico de São Caetano do Sul, Força Sindical, não organizaram os operários para enfrentar os patrões da montadora GM e a Justiça do Trabalho. Pretendiam fazer uma greve apenas para obter alguma quirela a mais no acordo de campanha salarial. Como havia a intransigência da multinacional, foram obrigados a se colocar pela greve, que se iniciou em 1º de outubro. Na assembleia do dia 13, os grevistas rejeitaram a proposta da empresa, a greve passou a ser arbitrada pelo TRT, que impôs o retorno ao trabalho. Na assembleia da manhã do dia 14, a direção do sindicato foi derrotada na votação, que decidiu pela continuidade da greve. A burocracia manobrou, com a orientação de não fazer piquetes, e que a maioria dos operários voltasse para casa, e quem quisesse, que trabalhasse. Na assembleia da tarde, houve um conflito entre parte dos grevistas e o presidente do sindicato. O burocrata lamentou a decisão do TRT, mas enfatizou que, a partir dessa decisão, viriam as multas ao sindicato e o desconto dos dias parados. Portanto, se posicionou pelo fim da greve. Na votação, a assembleia se dividiu: uma parte se colocou favorável à continuidade; outra não levantou a mão, nem pela

continuidade, nem pelo fim; e outra, virou as costas e voltou a trabalhar. Apesar da posição majoritária pela greve desde a manhã, a direção orientou novamente que quem quisesse trabalhar, que o fizesse.

A greve da GM ocorreu no quadro das campanhas salariais dos metalúrgicos. No entanto, surgiu e permaneceu isolada. O que demonstrou o quanto criminoso é o divisionismo que impera na campanha salarial que abarca as três grandes centrais: CUT, Força Sindical e CSP-Conlutas. Essa é mais uma experiência negativa, que revela: 1) a burocratização dos sindicatos, controlados por direções pró-patronais ou incapazes de desenvolver a política classista do proletariado; 2) a gravidade do divisionismo sindical e a necessidade de unificar a classe operária em um só movimento, em defesa de um programa de reivindicações; 3) a ausência do direito de greve e a intervenção pró-patronal da Justiça do Trabalho; 4) o dever do sindicalismo classista de incorporar no programa de reivindicações o direito irrestrito de greve; 5) constituir uma oposição classista que expresse as necessidades, o programa, o método de luta, a organização independente e a estratégia revolucionária.

Boletim Nossa Classe de 15 de outubro distribuído após o encerramento da greve

DIREÇÃO DO SINDICATO TRAI DESCARADAMENTE A GREVE NA GM

É preciso organizar uma oposição para varrer com essa burocracia pró-patronal!

No dia 14/10, a assembleia da manhã dos operários da GM de São Caetano votou pela continuidade da greve, rejeitando a imposição da justiça patronal e a posição da direção do sindicato, que queriam o fim do movimento, sem o atendimento das principais reivindicações. Mesmo derrotada no voto, a direção do sindicato continuou trabalhando pelo fim da greve: não organizou a continuidade do movimento. Pelo contrário, orientou a minoria que votou pelo fim da greve a entrar na fábrica e trabalhar. Rechaçou a organização de um piquete, para garantir a decisão da maioria. E ainda tirou foto de quem votou a favor da greve, para entregar ao TRT e tentar lavar as mãos, tirar o corpo fora.

Na assembleia da tarde, a pressão da burocracia sindical aumentou, contra a greve. Incentivou a divisão dos operários, com o discurso de que “cada um faz o que sua consciência manda”. Votou a proposta de fim da greve, e nem deixou os favoráveis à greve se manifestarem. Os operários gritavam, do pátio da fábrica, “canalha”, “traidor”, “safado”. Essa burocracia ainda tentou agredir um apoiador da greve, do lado de fora da fábrica. Os dirigentes do sindicato somente não apanharam dos operários por causa da grade da empresa, que os separava.

O desânimo e a revolta tomaram conta dos operários. Viram seu movimento ser destruído pela direção do sindicato, que aju-



dou a empresa e a justiça patronal a acabarem com a greve. No dia 15/10, pela manhã, a direção do sindicato nem mesmo apareceu na porta da fábrica, para fazer uma assembleia que pudesse votar a continuidade ou o fim da greve. Jogaram uma pá de cal no movimento, sem ter nem mesmo a decência de ir à fábrica. Sem a presença do sindicato, e conhecendo os acontecimentos do dia anterior, os operários acabaram entrando para trabalhar. Alguns afirmavam: “agora não adianta mais”.

Sabemos que era possível continuar e fortalecer a greve.

No entanto, a traição da direção impediu que isso acontecesse. A direção sindical se negou a convocar uma assembleia geral única da fábrica, e isso incentivou a divisão entre manhã, tarde e terceirizados. Também não chamou uma assembleia geral metalúrgica, que poderia unificar a luta com as outras fábricas. Apontamos também que a direção da CSP-Conlutas, que dirige o sindicato de São José dos Campos, também não moveu uma palha, na prática, para fortalecer a greve, e nem mesmo esteve na porta da fábrica na manhã do dia 15/10. O mesmo dizemos sobre a direção da CUT, que também contribuiu para o isolamento do movimento.

Estivemos na porta da fábrica pela manhã, com um boletim para ajudar a organizar a continuidade da greve, com propostas concretas. Reproduzimos esse boletim no verso deste, para que os operários tomem conhecimento.

A LUTA DOS OPERÁRIOS DA GM É A LUTA DE TODOS OS EXPLORADOS!

Pelo direito de greve! Nenhuma intervenção da justiça burguesa na luta dos trabalhadores contra os patrões!

No último dia 14/10, a justiça patronal determinou a volta ao trabalho aos operários da GM de São Caetano, em greve desde 01/10. Corajosamente, a assembleia da fábrica não aceitou a imposição, e votou pela continuidade da greve. As principais reivindicações não tinham sido atendidas: aumento real de 5%, vale alimentação de R\$ 1.000,00 e estabilidade no emprego aos lesionados no trabalho. A empresa só ofereceu o índice da inflação (manipulado pelo governo), que foi dado em muitas fábricas da região, sem greve, a antecipação do 13º salário de 2022, e não desconto dos dias parados.

Todo assalariado sabe como a inflação está devorando o poder de compra dos salários. Principalmente, sabe que os gêneros de primeira necessidade subiram muito mais do que aquilo que o INPC aponta. Por isso, a reivindicação de aumento real, levantada pelos operários da GM, e defendida com a greve, é tão importante, e diz respeito ao conjunto da classe operária. Por isso, é tão importante o apoio geral à greve na GM.

Se os operários da GM conseguem, com a greve, o aumento real de salários, isso servirá de estímulo e referência para todos os demais operários. Será um passo concreto no sentido de responder à alta dos preços e à paralisação dos sindicatos e centrais sindicais.

Mas, para a luta na GM alcançar a

vitória contra a intransigência patronal, é preciso que a greve ganhe força. Até o dia 14/10, os operários vinham à fábrica apenas para votar nas assembleias, e depois voltarem para casa. É preciso mudar essa rotina, de forma que a greve ganhe força e apoio popular. É necessário:

- Transformar a greve na fábrica numa trincheira de luta: eleger um comando de greve, formar piquetes para evitar que os fura greves entrem e trabalhem, desrespeitando a decisão da maioria;

- Ir às demais fábricas da região, e também a S. José dos Campos, reivindicando a unidade operária para enfrentar o patronato - convocar a assembleia geral metalúrgica para organizar a luta unitária;

- Tornar a greve ativa: ir às ruas e grandes avenidas, com grandes manifestações e bloqueios, afetando a economia em geral, e buscando o apoio da população;

- Exigir das centrais sindicais que organizem a luta mais geral em defesa dos salários, empregos e direitos - que convoquem as assembleias de base presenciais, que discutam e aprovelem uma carta de reivindicações que unifique a maioria nacional, e que organizem um dia nacional de luta, com paralisações e bloqueios, para enfrentar os patrões e os governos.

A greve na GM de São Caetano só está dando os primeiros passos. Ela precisa ser ampliada e fortalecida, por dentro e com o apoio de fora. E não se

chamamos os operários combativos a construir uma oposição classista à direção do sindicato. É preciso organizar a classe para varrer com os burocratas traidores, e ter uma direção que tenha uma política de independência de classe, proletária, que seja capaz de expressar a democracia operária e garantir as decisões das assembleias e a unidade do movimento.

Precisamos de um sindicato que defenda as nossas reivindicações!

É preciso organizar uma oposição classista, que defenda a unidade na luta e a democracia operária!

Varrer com os burocratas sindicais pró-patronais, traidores da classe!

trata de apoio formal, e sim de apoio ativo: divulgar a greve nas outras fábricas, exigir a convocação de assembleias presenciais para organizar a luta em unidade, chamar manifestações e bloqueios de ruas e avenidas, etc.

A justiça patronal está agindo contra a greve porque sabe da importância geral do movimento em São Caetano. Pretende derrotar a greve, como uma lição para os operários que se recusam a aceitar o arrocho salarial e a perda de direitos, e para os demais assalariados. Por isso, o TRT aplicou uma multa de 150 mil reais ao sindicato, para pressionar a direção sindical para que atue pelo fim da greve.

Os operários não se sujeitaram à determinação da justiça patronal. Quem decide sobre o movimento grevista são os próprios operários. Assim, expressam sua autonomia e independência.

Agora, que estão sob ataque judicial, precisam ainda mais de apoio. Apoio dos outros sindicatos, das outras fábricas, das centrais, dos partidos e correntes políticas. Os únicos que podem enfrentar o arrocho salarial, as demissões, a perda de direitos, a fome, o despejo, são os próprios explorados, com seus métodos próprios de luta e sua organização.

Todo apoio à greve na GM de São Caetano! Fora com as imposições da justiça patronal! Pela continuidade da greve! Defendamos nossos salários, empregos e direitos com a unidade na luta, com mobilização! Romper o isolamento do movimento e aumentar a pressão sobre os patrões!

Boletim Nossa Classe distribuído na assembleia dos grevistas

Só existe uma forma de conquistar o aumento salarial, o vale alimentação de R\$ 1.000,00 e a estabilidade no emprego aos lesionados:

É preciso manter e expandir a greve!!

A imposição do TRT, de retorno ao trabalho, significa aceitar o arrocho, a refeição miserável e a demissão dos lesionados! Pela continuidade da greve!

Defendamos nossos salários, empregos e direitos com a unidade na luta, com mobilização!

Toda força à greve na GM de São Caetano! Romper o isolamento do movimento e aumentar a pressão sobre os patrões!

A GM conseguiu o que queria: obteve do TRT a imposição da volta ao trabalho, sem o atendimento das principais reivindicações. Os operários não devem aceitar que juízes do TRT julguem se a greve que está sendo feita é justa, ou não. Muito menos que o TRT diga quando devemos retornar ou

A classe operária deve confiar apenas em suas próprias forças e métodos de luta, que são a greve, a ação direta e coletiva, para impor suas reivindicações aos patrões e ao governo.

Por tudo isso, é preciso que a greve avance. O movimento não pode acabar sem ter conseguido se erguer com toda

impedir os fura greves, e organizar as atividades de ida a outras fábricas, organizar a resistência e as medidas de luta a serem adotadas, como os protestos, manifestações e bloqueios de ruas e avenidas. É necessário criar um comando de greve, para ir até as outras fábricas, falar e explicar aos demais trabalhadores a luta que está sendo feita. A força da classe operária está na sua unidade. Se a GM está intransigente, a única maneira de arrancar as reivindicações é unificando os metalúrgicos de São Paulo, ABC e São José dos Campos.

Que o sindicato convoque uma assembleia geral já! Unificar a luta dos trabalhadores da GM e demais metalúrgicos de São Paulo, ABC e São José dos Campos. A luta dos operários da GM é a mesma que está fazendo os demais metalúrgicos. Por que então os sindicatos, não convocam uma assembleia geral para unificar e fortalecer a luta pelas reivindicações? Por que dividem os metalúrgicos em vários grupos e setores?

Também é preciso reivindicar das centrais sindicais que organizem a luta geral dos trabalhadores, para dar uma força nacional às lutas. Que organizem um dia nacional de lutas, com paralisações e protestos, como um passo na direção da greve geral. Que convoquem as assembleias gerais presenciais, onde se discuta uma carta de reivindicações que unifique todos os movimentos.

Pela continuidade da greve! Defendamos nossos salários, empregos e direitos com a unidade na luta, com mobilização! Toda força à greve na GM de São Caetano! Romper o isolamento do movimento e aumentar a pressão sobre os patrões!

(...) é preciso que a greve avance. O movimento não pode acabar sem ter conseguido se erguer com toda a sua força. Isso, porque a paralisação das atividades, até agora, só fez com que os operários ficassem indo e vindo às suas casas, só para votarem nas assembleias, onde só fala a direção sindical. Ainda não se organizaram as manifestações e bloqueios de ruas e avenidas, para afetar a economia em geral e chamar o apoio da população.

não ao trabalho. Nós é quem devemos dizer que não aceitamos nenhuma intervenção do Estado burguês e suas instituições, na luta entre os trabalhadores e seus exploradores (patrões). Não podemos deixar nas mãos do TRT (uma instituição burguesa, criada para defender os interesses dos patrões), o destino de nossa luta. Somente os operários podem dizer se a greve que estão fazendo é legal, é justa ou não. Ninguém mais. Os trabalhadores são quem sabe das suas necessidades e das suas famílias.

Até agora, a GM só cedeu na antecipação do 13º de 2022 e na progressão salarial. Aquilo que é mais importante, e que motivou a greve, fica de fora da decisão da justiça patronal. O índice do INPC foi o que foi conseguido em outras fábricas, sem greve. E, sabemos, não protege os salários da inflação, que voltou com tudo, atacando principalmente os gêneros de primeira necessidade, aquilo que alimenta as famílias operárias.

a sua força. Isso, porque a paralisação das atividades, até agora, só fez com que os operários ficassem indo e vindo às suas casas, só para votarem nas assembleias, onde só fala a direção sindical. Ainda não se organizaram as manifestações e bloqueios de ruas e avenidas, para afetar a economia em geral e chamar o apoio da população. Ainda não se convocou uma assembleia geral metalúrgica, para romper o isolamento e levar a greve a outras fábricas, sob a bandeira de aumento real dos salários e defesa da estabilidade no emprego. Mesmo com a decisão da maioria pela greve, ainda não se organizaram os piquetes, para evitar que fura greves desrespeitem a decisão da maioria.

Para ganhar força e vencer a intransigência patronal, os operários da GM devem transformar a empresa em uma trincheira de luta, organizando um comitê de luta na fábrica. Para isso, devem aprovar a continuidade da greve, e continuar todos dentro da fábrica, para

São Paulo

Greve do funcionalismo municipal de SP contra a reforma da Previdência do governo Nunes/MDB

A Câmara Municipal de SP aprovou, em primeira votação, no dia 14/10, o PLO 07/2021, da nova reforma da Previdência, que recai sobre o conjunto do funcionalismo municipal. Trata-se de um aprofundamento da contrarreforma aprovada em 2018, quando foi instituído o SAMPAPREV. A medida faz parte de um conjunto de ataques a conquistas históricas dos trabalhadores, além de se inserir num cenário mais amplo de imposição de cortes orçamentários dos serviços públicos, retirada de direitos, recrudescimento do arrocho salarial, etc. É um conjunto de medidas que vem das esferas federal, estadual e municipal, caminhando lado a lado com os ataques aos trabalhadores da iniciativa privada e à juventude oprimida, que revela a existência de um plano sistemático da burguesia, no sentido de despejar o ônus da crise do capitalismo sobre os ombros dos explorados.

Em resposta, os trabalhadores, que estavam reunidos para protestar em frente à Câmara Municipal, aprovaram o início da greve. O Projeto ainda tem de passar por uma segunda votação, que está prevista para ocorrer no próximo dia 19. No dia anterior, 13/10, os municipais já haviam lotado a frente da Câmara, com cerca de 20 mil pessoas. O ato do dia 13 foi marcado pela absurda divisão em relação aos estaduais, que realizaram também manifestação no mesmo dia, só que na Alesp (Assembleia Legislativa). Foi marcado também pelas disputas aparelhistas entre os sindicatos do funcionalismo municipal, com a presença de dois carros de som, disputas que nada têm a ver com as reais necessidades dos trabalhadores, e só servem para desviar o foco das manifestações.

Tudo que afasta as bases do necessário combate ao inimigo de classe deve ser duramente rechaçado pelos trabalhadores. O que se viu nos carros de som foi, em vários momentos, a conversão do ato em palanque eleitoral, principalmente pelas correntes do PSOL e pelo PT. É legítimo que os partidos e seus parlamentares façam seus pronunciamentos de apoio à luta, mas é fundamental que os atos e as assembleias estejam inteiramente voltados à organiza-

ção do combate pelas reivindicações, realizando na prática o princípio da democracia operária, que pressupõe a discussão, a deliberação e a ação coletiva dos próprios trabalhadores, que devem confiar apenas em suas próprias forças.

Essa consideração é de extrema importância, pois, nela se concentra o problema número um dessa mobilização, afinal, as direções têm alimentado a ilusão numa saída política através da Câmara Municipal, colocando o movimento dos trabalhadores a reboque do calendário e das imposições ditadas pelos parlamentares governistas. Tem prevalecido a ideia, completamente falida, de que é possível derrotar o PLO 07 “virando votos”, “convencendo” vereadores a votarem contra o Projeto, ameaçando-os com a máxima “se votar, não volta”, e propostas desse gênero.

O problema é que o Parlamento é parte do Estado burguês e os representantes da burguesia votam de acordo com os interesses gerais da burguesia, ou com interesses corporativos, o que significa que se movimentam, em última instância, pelos interesses do poder econômico. A amarga experiência da aprovação das contrarreformas trabalhista e da Previdência já revelou que esse caminho é o da derrota. Mesmo se o movimento logra adiar a votação, não impede que o governo recoloca a proposta ao apagar das luzes, quando os trabalhadores estão desmobilizados - exatamente como ocorreu com a votação do SAMPAPREV, em dezembro de 2018.

Os trabalhadores devem trilhar outro caminho. O movimento tem de se projetar através do método da ação direta, no campo da independência de classe. A retomada das assembleias presenciais, como meio para organizar a luta, é um elemento progressivo. Na verdade, a demora das direções em convocar as assembleias presenciais provou, pela negativa, a importância delas. É sintomático que a primeira assembleia presencial se tenha dado justamente no dia da primeira votação do Projeto. É evidente que faltou uma preparação por parte dos sindicatos - responsabilidade que recai também so-



bre os setores majoritários da oposição do SINPEEM, que é a mais representativa das entidades do município. Diga-se, de passagem, esse atraso na mobilização certamente foi um dos fatores que impulsionaram o governo municipal a aprofundar o ataque sobre os trabalhadores. É óbvio que, para conseguir implementar os Projetos de retirada de direitos, é melhor para o governo aproveitar os momentos de desmobilização da categoria. Foi o que Nunes fez.

Vale lembrar a atitude desmobilizadora do presidente do SINPEEM, Cláudio Fonseca/Cidadania, que, na reunião do Conselho Geral da entidade e na assembleia, ambas ocorridas no dia 13, falou abertamente que o PLO 07 deveria ir à segunda votação somente em meados de novembro. Diante do anúncio feito pelo presidente da Câmara, Milton Leite, do prazo brevíssimo para a segunda rodada, Fonseca se viu obrigado a uma virada abrupta para a posição de defesa da greve imediata no dia 14, aprovando uma “vigília”, e novo ato e assembleia da categoria para o dia 19.

Como se vê, o funcionalismo municipal não pode depositar nem uma gota de confiança no Parlamento, assim como deve evitar a qualquer custo cair no corpo-

rativismo, como se a Educação, sozinha, ou mesmo o funcionalismo, possa dar uma resposta à altura e derrotar o plano sistemático da burguesia. A unidade dos trabalhadores da Educação, bem como do conjunto dos servidores públicos, é muito importante, mas é preciso ir além, construindo uma ampla campanha nacional unitária, realizando um verdadeiro dia nacional de lutas, com paralisações e atos massivos, como preparação para a greve geral.

É preciso mobilizar as famílias dos estudantes, o próprio movimento estudantil, as comunidades no entorno dos postos de saúde, unir empregados e desempregados, os municipais e os estaduais (lembrando que, novamente, ambas as categorias têm

atividades marcadas para o mesmo dia, 19/10), enfim, constituir uma poderosa coluna de combate do conjunto dos oprimidos do país, sob a direção da classe operária, aprovando uma carta de reivindicações, que contemple as necessidades elementares dos explorados.

É verdade que as vacilações das direções tornaram mais difícil o enfrentamento às medidas de ataque dos governos, mas é possível vencer. Com a mais ampla unidade, no terreno comum da independência de classe, e com o método correto, os trabalhadores podem pôr abaixo o PLO 07, e avançar na conquista de suas reivindicações.

No dia 13 de outubro, ocorreu a reunião do Conselho Geral do Sinpeem. E foi realizada uma assembleia unificada dos servidores municipais. O POR interveio com o Boletim da Corrente Proletária, banca de materiais e faixas.

Pronunciamento no Conselho Geral do Sinpeem

Nós, da Corrente Proletária na Educação, temos três pontos para colocar nesta reunião: o primeiro, é o apoio e toda a solidariedade aos operários da General Motors, que estão em uma luta muito dura, em defesa de seus direitos, do emprego e dos salários. A luta operária é uma luta que merece toda nossa atenção, ainda mais num contexto como esse, de crise.

Segundo, é preciso reconhecer que a gente está atrasada. O projeto pode ir à votação hoje. Estamos fazendo a primeira

assembleia hoje por quê? Essa campanha já tinha de estar sendo preparada nas ruas. A categoria precisa estar em movimento, para enfrentar um ataque como esse. Mas, como diz o ditado: antes tarde do que nunca. O terceiro, é discutir a perspectiva desse movimento.

Existe um plano sistemático da burguesia para atacar os empregos, os direitos e os salários. Então, por que as burocracias sindicais estão dividindo o movimento? Faz algum sentido ter uma

luta dos municipais e uma luta dos estaduais, no mesmo dia, separadas? Quando a gente tem a PEC 32, o PLC 26 e o conjunto de ataques do prefeito Nunes. Não faz sentido nenhum! Assim como não faz sentido confiar na Justiça e no Parlamento burgueses. A experiência das reformas trabalhista e da Previdência mostraram que esse caminho é o da derrota. A nossa luta deve ser nas ruas, com independência de classe e com o método da ação direta das massas.

Pronunciamento na Assembleia unificada dos servidores municipais

Tenho duas propostas muito concretas para fazer para essa assembleia unificada. A primeira delas: nesse exato momento, os operários da General Motors estão numa luta muito dura contra o patrão. A gente tem de olhar com todo cuidado para movimento operário, e trabalhar para apoiar e unificar as lutas. Temos de apoiar a luta dos operários da GM, e pressionar para que as centrais sindicais convoquem um verdadeiro Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, que sirva de preparação de uma greve geral. A segunda proposta: o problema da unidade é o problema número 1 para os trabalhadores. Sem a unificação, não tem como a gente derrotar a política de ataque dos governantes aos servidores. Digo isso, porque, nesse exato momento, perto daqui, na ALESP, os estaduais estão protestando contra o PLC 26, de Doria. É preciso unificar, sim, o funcionalismo municipal

com o estadual, bem como com os federais, que estão em luta contra a PEC-32.

A via para construir essa unidade são as assembleias unitárias, que devem aprovar a luta conjunta, que tem como base uma carta de reivindicações geral, em defesa do emprego e do salário, contra a retirada de direitos, e pela retirada imediata de todos os projetos que atacam a grande maioria dos servidores públicos e os trabalhadores em geral. Essa assembleia deve aprovar a unidade do funcionalismo municipal, estadual e federal e o método próprio para enfrentar os ataques dos governantes. É com movimento nas ruas que derrotaremos o nosso inimigo. Não é, portanto, pressionando vereador, não é pressionando parlamentar. A verdadeira pressão é a que se realiza com a força coletiva do movimento nas ruas, com a greve e com os bloqueios.

Escute o Massas,
podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

Ato dos servidores estaduais na Assembleia Legislativa

Nesse mesmo dia, ocorreu o ato na Alesp contra o PLC 26, que tem como essência a privatização, a terceirização, o fim da estabilidade, e eliminação de várias conquistas dos servidores estaduais. A Corrente Proletária interveio com os materiais do POR, boletim e com um pronunciamento.

Destacamos, abaixo, alguns pontos do pronunciamento. Iniciou com um chamado à solidariedade aos operários da GM, que acabavam de realizar uma assembleia e manter a greve. Depois, saudou a luta dos servidores municipais, que fizeram uma grande assembleia unificada, em frente à Câmara Municipal, contra o projeto de prefeito Nunes, de reforma da Previdência, que é um duro

ataque aos servidores do município. Assembleia que aprovou um indicativo de greve para o dia 20 de outubro. Agora, estamos fazendo mais um protesto contra o PLC de Doria, na Assembleia Legislativa. E qual é a lição que tiramos de tudo isso? Primeiro, que existe um plano centralizado da burguesia e seus governos contra os trabalhadores, em particular para a maioria dos servidores públicos. Querem privatizar os serviços essenciais, colocar fim à estabilidade, demitir parte do funcionalismo, impor contratos temporários, criar regras cada vez mais rígidas para se aposentar, fazer com que os aposentados continuem pagando a Previdência, etc. Tudo para proteger os banqueiros e continuar pagando

a gigantesca dívida pública. Segundo, a nossa resistência está na nossa força coletiva. Daí a necessidade da unidade.

Chega da fazer atos divididos! A luta é uma só! A divisão só favorece os governantes e os patrões. A unidade implica a defesa da independência de classe. Significa lutar com nossos próprios métodos. Chega de correr atrás de parlamentares! A luta é nas ruas, unificando os explorados. Essa deve ser a principal tarefa das direções sindicais. Que convoquem as assembleias unitárias, e aprovem um único movimento para derrotar a PEC 32, o PLC 26 e a reforma da Previdência de Nunes. Por um Dia Nacional de Lutas, com paralisações e bloqueios.

Avaliação parcial das manifestações contra o PLC 26

A bandeira de “se votar, não volta” é eleitoreira, e de derrota dos servidores

Os servidores públicos do estado de SP fizeram mais um ato, em frente à Assembleia Legislativa (Alesp), no dia 13/10, contra o PLC 26, da reforma administrativa proposta pelo governador Doria/PSDB. A Corrente Proletária na Educação interveio nessa e nas manifestações anteriores, colocando que é possível derrotar o Projeto. Para isso, é preciso romper o isolamento e radicalizar no método. Estas são as tarefas principais a serem resolvidas no próximo período. A direção da Apeoesp convocou uma nova manifestação, com assembleia presencial, em frente à Alesp, para o dia 19/10, às 18h. É o momento para reverter o difícil quadro em que se encontra a mobilização, marcado por um profundo isolamento.

Na verdade, a campanha tem sido realizada quase exclusivamente por uma vanguarda dos professores e funcionários, o que dificulta modificar a correlação de forças em favor dos trabalhadores. As ações sem maior envergadura, com marchas simbólicas ao redor do quarteirão da Alesp, num bairro isolado e descolado do cotidiano dos trabalhadores, sem visibilidade, somente nos dias de tramitação do projeto, e sem paralisação do trabalho, acabam se enfraquecendo. Tem prevalecido a ideia, defendida pelas direções sindicais, particularmente pela direção da Apeoesp (incluindo setores da oposição), de que é possível “virar os votos” dos parlamentares, método absolutamente falido, como já foi demonstrado pela experiência amarga das derrotas dos trabalhadores, quando da aprovação das contrarreformas trabalhista, previdenciária e outras, no último período.

As burocracias sindicais têm defendido a campanha de mensagens virtuais, endereçadas aos deputados, e aos mé-

todos congêneres (twittaços, etc.). Está aí a prova da incapacidade política dos reformistas, centristas e estalinistas, para enfrentar os ataques que a burguesia e seus governos vêm desferindo sobre os explorados. Os representantes da burguesia se posicionam a partir de seus interesses gerais como classe dominante, ou por interesses corporativos, mas se movem pela pressão em palavras e discursos dos servidores.

As direções até falam da necessidade de “combinar” a luta nas ruas com a pressão institucional, encabeçada pelos “mandatos” (deputados da oposição, do PT, PSOL e PCdoB, que somam 15, em um total de 94 parlamentares). Na verdade, fazem uma teatralização fora da Alesp, para servir de estofo para as negociações de bastidores no Parlamento. Em outras palavras, deformam e subordinam os métodos de luta do proletariado, aplicando uma linha política de conciliação de classe.

A via da independência de classe pressupõe caracterizar o PLC 26 como parte de um plano sistemático da burguesia, que tem o objetivo de, em sua essência, descarregar o ônus da crise do capitalismo sobre os ombros dos explorados. Pressupõe também unificar as massas, sob a direção da classe operária, levantando um sistema de reivindicações transitórias, cujo centro está nas bandeiras mais elementares, como a defesa dos empregos, salários e direitos, sem deixar de apontar a estratégia própria de poder do proletariado, que é a luta por um governo operário e camponês, que será fruto da revolução.

A Corrente Proletária na Educação tem defendido sistematicamente, no interior desse movimento, a necessidade

de que as direções sindicais convoquem as assembleias presenciais unificadas do funcionalismo, como ponto de partida para pôr em pé uma poderosa campanha contra o PLC 26, a PEC 32 e demais medidas antipopulares. Defendeu, antes e durante o próprio ato do dia 13, a unificação dos estaduais com os municipais, criticando a absurda separação

das manifestações neste dia. Tem insistido na proposta de que seja aprovada uma carta de reivindicações, contendo as reivindicações de defesa da vida das massas, e que as centrais sindicais convoquem um verdadeiro dia nacional de luta, com paralisações e atos massivos, como preparação para a greve geral.

Pernambuco

Boletim Nossa Classe

O Boletim trouxe, como política operária, o chamado “Unir a classe operária em defesa dos salários, empregos e direitos trabalhistas”. Ressalta a elevação do custo de vida, o aumento da inflação, a permanência do alto desemprego e subemprego, e alerta: ou a classe operária se une e luta pelo aumento dos salários, pelos empregos e pelos direitos, ou terá de suportar o peso maior da pobreza, miséria e fome. Aí entra a responsabilidade das direções sindicais. Ou essas direções continuam colaborando com os capitalistas exploradores, ou colocam nossos sindicatos para unir a classe operária em defesa das reivindicações. Conclui exigindo que as centrais e sindicatos organizem um movimento: 1) pelo aumento geral dos salários, por um salário mínimo que atenda todas as necessidades da família trabalhadora, e reajuste automático de acordo com a alta da inflação; 2) pela redução da jornada de trabalho, sem reduzir os salários, para assim abrir milhões de postos de trabalho, fim da terceirização, efetivação de todos os terceirizados, e estabilidade no emprego; 3) pela derrubada das reformas trabalhista e previdenciária, que eliminaram antigos direitos trabalhistas.

Denuncia a empresa Vera Cruz, que não paga adicional aos rodoviários que estão dirigindo e cobrando. Mostra que esse ataque é consequência da política derrotista da direção do sindicato (PSOL/Resistência), que abandonou a luta contra a dupla função, e se limita a oferecer a Escolinha para motorista. Diz, o que fazer? 1) exigir do sindicato que convoque assembleias nas garagens e sindicato com empregados e desempregados; 2) formar os comitês de empregados e desempregados, para derrubar a dupla função, readmitindo todos os demitidos; 3) não deixar sair da garagem nenhum ônibus sem cobrador; 4) que as centrais sindicais (CSP-Conlutas, CUT, CTB, UGT) convoquem plenárias unificadas com outras categorias, em defesa dos empregos, salários e direitos.

Em outra nota, o Boletim avalia a campanha salarial dos metalúrgicos. Explica que o sindicato dos Metalúrgicos de Pernambuco (SINDMETAL-PE) fez a campanha salarial centrada na reposição do índice geral de inflação. A patronal tentou enrolar, oferecendo reajuste de 4,88%, dividido em duas parcelas.

O sindicato respondeu com protestos em algumas fábricas, e com a ameaça de greve. Antes da assembleia, marcada para deflagrar a greve da categoria, a patronal ofereceu o acordo de reajuste de acordo com o índice de inflação INPC, de 10,42%, a partir de 1º de setembro. Na proposta, as empresas que possuem menos de 70 empregados terão os 10,42% como uma bonificação de setembro a dezembro deste ano, passando a ser considerado, na folha de pagamento, apenas em janeiro de 2022. A direção do sindicato comemorou e encerrou a campanha. O reajuste foi festejado inclusive pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM-CUT), o que mostra que, em outros estados, nem a inflação oficial está sendo reposta.

A reposição da inflação passada alivia pouco a situação dos trabalhadores. No entanto, não há aumento real dos salários. O Boletim Nossa Classe/POR defende que as centrais e sindicatos iniciem imediatamente um movimento: 1) pelo aumento geral dos salários, por um salário mínimo vital, que atenda todas as necessidades de uma família trabalhadora, e reajuste automático de acordo com a alta da inflação; 2) pela redução da jornada de trabalho, sem reduzir os salários, para assim abrir milhões de postos de trabalho, fim da terceirização, efetivação de todos os terceirizados, e estabilidade no emprego; 3) pela derrubada das reformas trabalhista e previdenciária, que eliminaram antigos direitos trabalhistas.

Por fim, fez o chamado para as manifestações de 2 de outubro. Denuncia a frente ampla com os inimigos dos trabalhadores. Defende uma frente única classista, por empregos, salários e direitos. Levanta a pergunta: Como erguer uma frente única classista? Responde: 1) o ponto de partida é definir as necessidades das massas, como empregos, salários e direitos trabalhistas, e fazer uma carta unificada de reivindicações dirigida aos governos e patronato; 2) a construção do movimento deve ser democrática, com assembleias e comitês de empregados e desempregados, nos locais de trabalho e moradia; 3) os métodos são os da ação direta das massas, com greves, paralisações, piquetes e bloqueios de avenidas e rodovias; 4) tem de ter independência de classe, marchamos contra os patrões por nossos direitos e vidas. Nada de convidar aos atos os burgueses e seus politikeiros.



Nossa Classe – Ecetistas

O Boletim de Outubro trouxe novamente duas lutas fundamentais, a mobilização em torno da Campanha Salarial 2021 e a luta contra a Privatização dos Correios. Na nota *“Categoria rejeita a Proposta de ACT da Empresa; rejeita o Banco de Horas, mas direção não aponta caminho para a luta”*, o Boletim revela que as assembleias de 7 de outubro, presenciais e virtuais, rejeitaram a proposta da empresa que *“era basicamente de recomposição das perdas salariais pela inflação oficial medida pelo INPC”* e que deixava ainda em aberto a adoção do banco de horas nos Correios. O Boletim mostrou que a rejeição à proposta, indicada pelas direções da FENTECT e FINDECT, não ocorreu por ser rebaixada, uma migalha diante do lucro de 1,5 bilhão em 2020, mas exclusivamente por deixar em aberto a questão do banco de horas. Mostrou, então, que se cometia um erro na condução da Campanha, pois, se a empresa recua com a proposta do banco de horas, que sequer existe ainda, a direção aceita esta proposta rebaixada que comporá o Acordo Coletivo de Trabalho até julho de 2022, e deve ser negociada em 18 de outubro no TST. Uma Campanha Salarial começa com as assembleias presenciais, com a definição da recomposição salarial calculada pelas assembleias. A rejeição ● correta – ao Banco de Horas não pode significar a aceitação tácita de um reajuste que desconsidera as perdas salariais que ocorreram no último Acordo Coletivo (2020), quando a empresa golpeou duramente os ecetistas, retirando direitos e rebaixando os salários.

Ainda relacionada à Campanha Salarial, o Boletim denunciou a manutenção das assembleias virtuais, remotas, que se tornaram prática corrente, sobretudo, nas regiões controladas pela FINDECT (CTB). Em São Paulo e no Rio de Janeiro, a decisão em relação à proposta da empresa ocorreu por meio de mais uma assembleia virtual. Afirma que *“é um brutal erro e uma forma burocrática de controle da direção sindical em relação à base”*, e conclama a que os trabalhadores exijam *“em todos os estados e regiões assembleias presenciais, com ampla convocação e paralisação das atividades!”*.

A nota *“Luta contra a Privatização dos Correios: construir a GREVE ativa, nas ruas, para barrar o PL 591/2021!”* é parte da Campanha do POR contra a Privatização da empresa estatal. Mantém a linha política de que é necessário organizar a greve da categoria,



Privatização e Banco de Horas: precisamos combater a política do governo por meio das assembleias, da paralisação e da GREVE da categoria

Categoria rejeita a Proposta de ACT da Empresa; rejeita o Banco de Horas, mas direção não aponta caminho para a luta

Em 07 de outubro, por meio de assembleias presenciais e virtuais, a categoria rejeitou a proposta de Acordo Coletivo de Trabalho (2021-2022) que a direção dos Correios apresentou.

A proposta era basicamente de recomposição das perdas salariais pela inflação oficial medida pelo INPC, isto é, 100% do INPC acumulado (9,85% retroativo a agosto de 2021) sobre o salário. sobre as

era de R\$ 5.657,66. A maioria absoluta dos ecetistas chega próximo a este salário? Não! **Portanto, o primeiro passo para que as assembleias representem o desejo real da categoria, na sua data-base, é calcular o salário a ser exigido na negociação.** As direções sindicais que colaboram com o patrão invertem o processo: em vez dos trabalhadores apresentarem as suas propostas, definindo o aumento salarial, partem do que a empresa define e aí se colocam na negociação.

Pela recomposição inflacionária e pela definição do AUMENTO salarial por meio das

para pôr em pé um movimento nacional contra a política entreguista do governo Bolsonaro. Mais uma vez, precisa denunciar a postura das federações dos trabalhadores dos Correios, por abandonarem os métodos da ação direta, e se colocarem no campo da pressão parlamentar, com as visitas e as mensagens aos parlamentares, e com a participação nas “audiências públicas”. Conclui com a posição: *“A compreensão sobre a questão de defesa dos empregos, de defesa do patrimônio público, só pode ocorrer se se dirigir à população, e não ao parlamento burguês. A greve da categoria e a pressão sobre as Centrais (CUT, CTB, Força, etc.), para que organizem a greve geral dos trabalhadores, são o único meio de barrar a ofensiva privatista!”*

Por fim, o Boletim de outubro ainda traz a notícia em torno das denúncias de corrupção, envolvendo a direção da FENTECT (cutista). Afirma que as denúncias dos órgãos do Estado (como o MPF fez) não podem servir para atacar o sindicato e a sua direção. A independência dos sindicatos frente ao Estado e aos patrões se materializa na oposição a qualquer ataque que aqueles sofram destes. Indica, por princípio, que os sindicatos não devem ser balcões de assistencialismo, de modo a intermediar empresas ou convênios de saúde. E, finalmente, que somente as denúncias feitas e averiguadas pelas assembleias de base devem ser consideradas, para manter a mais irrestrita independência frente ao Estado burguês.

São Paulo

O autoritarismo dentro das escolas públicas

O autoritarismo avança dentro das escolas públicas. Há uma perseguição por parte das direções aos funcionários e professores. É necessário organizar a defesa da escola pública, unificando os estudantes, professores e funcionários. Organizar as assembleias unificadas!

Em Francisco Morato, a direção de uma das escolas decidiu em setembro acabar com o projeto de leitura, que existia há mais de um ano, e era desenvolvido pelos professores de português e um agente de organização escolar. Tratava-se de uma iniciativa da própria Secretaria da Educação e da diretoria de ensino. Autoritariamente, a direção lançou um documento, proibindo os funcionários, professores e o grêmio dos estudantes de faze-

rem uma campanha pela preservação do projeto de leitura. Usou para isso o apoio de alguns professores, para impedir as manifestações contrárias a esse autoritarismo.

Como se vê, diretores tomam medidas autoritárias contra os projetos e os métodos de ensino. O projeto leitura vinha desenvolvendo-se, e crianças e jovens estavam tomando gosto pela leitura. Não há outra forma de combater esse autoritarismo e outros que surgem cotidianamente nas escolas, a não ser pela denúncia e a organização de um movimento, que deve partir da escola, da subseção do sindicato dos professores e funcionários. O sindicato e a entidade estudantil não podem fechar os olhos. A omissão significa o consentimento ao autoritarismo.

Carta Aberta aos trabalhadores em educação, pais e estudantes

Na terça-feira, 05/10, eu, professora Mônica Moraes, fui punida, de maneira sumária, com a remoção da escola em que trabalho, fruto de decisão realizada pelo Conselho Escolar da Escola Estadual Profª Ivani Machado Bezerra. Venho denunciar que estou sofrendo perseguição, em virtude de meu histórico político-sindical, e de defesa das decisões e dos interesses coletivos de minha categoria.

Em um dia de sábado (2/10), fui surpreendida com um comunicado, via Whatsapp, da presidente do Conselho da Escola, de que eu estava sendo convocada para comparecer a uma Reunião Extraordinária do Conselho Escolar já na terça-feira (5/10), cuja pauta seria para “tratar de assuntos de cunho pedagógico”, sem esclarecer o que de fato seria discutido, e sem edital fixado na parede ou mural da escola. No mesmo dia, eu enviei um ofício à presidente do Conselho, solicitando que a mim fossem detalhados os assuntos que seriam tratados comigo na reunião, assim como a disponibilização dos documentos que seriam utilizados como base para a discussão na reunião. A presidente do Conselho, apesar de ter visualizado o Ofício no próprio sábado, não respondeu à solicitação.

Desse modo, eu tive de comparecer à reunião, sem saber do que seria tratado, e sem ter conhecimento de nenhum documento. Na reunião, soube, por meio da fala de um dos conselheiros, que havia um “Relatório Pedagógico e Administrativo” contra mim.

No relatório, o qual somente tive acesso a uma cópia após a reunião, constam uma série de fatos isolados, desconexos, para justificar a minha remoção da escola. Em nenhum dos fatos relatados consta a minha versão, nem o desfecho da situação.

Em um dos casos, o relator fala de uma situação, em agosto de 2019, em que eu tive a minha aula gravada por uma aluna, sob a falsa alegação de que “a aula não deveria ser sobre política”. Na época, a gestão da escola levou a discussão para o Conselho Escolar, que teve como pauta também a acusação da mãe de uma estudante, de que a escola estaria “doutrinando” as crianças “com viés comunista e petista”. A inclusão desse fato de 2019 no referido relatório não atesta nada contra mim. Pelo contrário, mostra uma situação em que eu e a própria escola fomos vítimas de ataques da ideologia da “Escola Sem Partido”, por parte de uma minoria de pais.

Outra parte do “Relatório Pedagógico e Administrativo” se dedica a desenvolver a suposta tese de que eu, como professora, me recusei a desempenhar minhas funções profissionais. Mas, os próprios documentos anexados comprovam a minha inocência e a má fé da gestão da escola. O Relatório começa dizendo que, no início da Pandemia, eu não desenvolvi as aulas remotas, sob o argumento de não concordar com o EaD, mas admite no próprio relatório que essa decisão era optativa, e foi respeitada pela escola. Em seguida, o relatório afirma que em uma reunião com a gestão da escola em 27 de outubro de 2020, momento em que a Portaria SEI 438/2020 havia imposto a obrigatoriedade das aulas remotas, eu, segundo a gestão da escola, supostamente teria “me negado” a realizar as “atividades não presenciais”. Essa afirmação contradiz

com o Ofício enviado por mim à escola (anexado ao Relatório), de 3 de novembro, me comprometendo a apresentar a proposta de reposição das aulas não presenciais dentro do prazo de até 10 de novembro, estabelecido pelos itens 1.6, 1.6.1 e 1.6.2 da Portaria SEI 428/2020, e com a minha “Proposta de reposição das atividades não presenciais” (não foi incluído no Relatório), de 9 de novembro de 2020, recebido pelo diretor da escola no dia 10/11/2020. Portanto, a tese de que eu teria “me negado” a desempenhar as atividades não presenciais é falsa, e essa tese está sendo utilizada pela gestão da escola como mais um suposto argumento para me remover da escola.

O restante do “Relatório Pedagógico e Administrativo” constitui a sua parte mais absurda, no que diz respeito às atitudes da gestão da escola. Consiste em queixas de alguns alunos das turmas lecionadas por mim. Problemas estes que já foram todos solucionados por mim junto aos estudantes, mas que a direção da escola insiste que não. Cabe enfatizar, em nenhuma parte do relatório consta a minha versão sobre os acontecimentos, nem o desfecho da situação, mas apenas acusações desconexas.

Nas últimas semanas, a gestão da escola, possivelmente já visando a me remover, se empenhou em produzir uma série de “Registros de Acompanhamento de Alunos”, com base em problemas relatados por alguns alunos **e já superados**, convencendo os adolescentes a assinarem esses documentos, que agora estão sendo utilizados contra mim para me remover da escola, anexados no tal “Relatório Pedagógico e Administrativo”.

A gestão da escola tenta, com esses “Registros de Acompanhamento de Alunos”, reforçar a falsa tese de que há um problema no meu “método de ensino”, sem dizer exatamente onde estaria esse problema. E tenta fazer crer, com a assinatura de alguns estudantes, que a totalidade dos estudantes e pais da escola estariam contra mim, pelo suposto problema no “método de ensino”.

A gestão da escola buscou se apoiar na insatisfação dos estudantes diante dos prejuízos do ensino remoto na Pandemia, como se eu fosse a responsável pelo fracasso pedagógico do ensino a distância, que prejudica a interação entre o aluno e o professor, e acentua a separação entre teoria e prática, e o caráter memorístico e repetitivo do ensino.

Sem que eu tivesse conhecimento prévio dos assuntos e do “Relatório Pedagógico e Administrativo”, ou seja, sem a mim ter sido garantido o meu pleno direito de defesa, a Reunião Extraordinária do Conselho Escolar, de 5/10 (terça-feira) decidi arbitrariamente pela minha remoção. A decisão do Conselho Escolar, nessa data, coincide com o meu segundo dia de retorno presencial na escola, conforme a orientação do SINTE/RN, em negociação com o governo do RN, de retorno de 100%, a partir do dia 4 de outubro.

Sabendo das limitações e prejuízos que impõe o ensino remoto à interação professor-aluno, a gestão da escola aproveitou para fazer essa manobra, antes que eu pudesse ter a chance de desenvolver minhas aulas presenciais, o que certamente me daria a oportunidade de expressar minha posição diretamente à comunidade escolar. Nesta quarta (6/10), eu, não aceitando a decisão arbitrária

do Conselho Escolar, me dirigi à escola pela manhã, mas fui impedida pela gestão da escola de dar aula às minhas turmas.

Para finalizar a série de arbitrariedades cometidas contra minha pessoa, nessa mesma manhã, a escola realizou nova Reunião do Conselho Escolar, com a presença do Diretor da 1ª DIREC, quando fui informada que teria que me apresentar **em 72 horas** à SEEC, já para ir para outra escola. O Diretor da 1ª DIREC também chegou a apresentar uma proposta de Assembleia Geral Escolar, que foi rejeitada pelo Conselho.

A rejeição da Assembleia Escolar pelo Conselho é sintomática. Qual o receio da gestão da escola? De que eu possa ser ouvida pelo conjunto da comunidade escolar e que a totalidade dos estudantes, pais e trabalhadores possam expressar sua posição. Isso é mais uma evidência de que a gestão da Escola Estadual Profª Ivani Machado Bezerra tem agido às escuras, à margem da comunidade escolar, para me expulsar da escola.

A longa descrição dos fatos se fez necessária para desfazer as principais distorções presentes no “Relatório Pedagógico e Admi-

nistrativo”, e denunciar as inúmeras arbitrariedades que venho sofrendo.

Está muito claro que a perseguição à minha pessoa pela gestão da escola se deve às minhas posições contrárias ao ensino remoto (“atividades não presenciais”), e de ter seguido rigorosa e disciplinadamente as orientações e deliberações das instâncias do sindicato ao qual sou filiada, o SINTE/RN, mesmo discordando e estando em posição minoritária nas assembleias da minha categoria.

Entendo que o ataque que está sendo realizado contra mim é um ataque à liberdade de cátedra e de expressão, à livre participação sindical, bem como ao direito ao contraditório e à ampla defesa, que foi me negado. Por isso, é também um ataque ao conjunto do movimento dos trabalhadores em educação, e deve ser respondido coletivamente. Saúdo a solidariedade de cada companheiro em mais essa luta.

*Professora Mônica Moraes,
6 de outubro de 2021.*

Moção de apoio e solidariedade à professora Mônica Moraes

Diante da decisão arbitrária do Conselho Escolar, da Escola Estadual Profa. Ivani Machado Bezerra (São Gonçalo do Amarante/RN), de remover a professora Mônica Moraes, sem que pudesse sequer ter seu direito ao contraditório e à ampla defesa garantido, uma vez que a professora foi convocada à Reunião do Conselho Escolar sem antecedência mínima exigida pelo estatuto, sem saber do assunto que seria tratado e sem ter tido acesso, antes da reunião, ao “Relatório Pedagógico e Administrativo” que serviu de base para a decisão;

Diante das acusações, que constam no “Relatório Pedagógico e Administrativo”:

1) a professora teve sua aula gravada em 2019 por duas alunas, sob a alegação de que “a aula não deveria ser sobre política”, e que uma mãe

denunciou que a escola estava “doutinando” as crianças “com viés comunista e petista”; 2) a professora se negou a dar aulas remotas, quando estas se tornaram obrigatórias; 3) uma série de fatos desconexos, a partir de relatórios, em que a gestão da escola convenceu uma parte dos alunos a assinar objeções em relação às aulas da professora.

Diante dessas três acusações, a professora Mônica demonstrou: 1) foi arbitrariamente filmada em sua aula, com um claro objetivo de perseguição política, e que, na época, tanto ela quanto a escola foram, na verdade, vítimas de ataques da ideologia da “Escola sem Partido”; 2) a professora comprovou ter respondido às aulas remotas, como consta do Ofício enviado por ela, de 3 de novembro de 2020, e de sua “Proposta de reposição das aulas não-presenciais” enviada à es-

cola dentro do prazo estabelecido; 3) os relatórios, os quais uma parte dos alunos foi convencida a assinar, retratam situações que já foram resolvidas entre a professora e os alunos; 4) No “Relatório Pedagógico e Administrativo” não consta, em nenhum momento, a versão da professora e o desfecho das situações descritas.

Trata-se de clara perseguição política à professora Mônica, que se configura tanto no caso da gravação arbitrária de sua aula, quanto nas falsas acusações contidas no “Relatório Pedagógico e Administrativo”, claramente orquestradas por aqueles que se guiam contrários ao direito de cátedra e de expressão.

Sindicatos, entidades e movimentos defendem que o Conselho Escolar anule a sua decisão, retire as falsas acusações e reconduza a professora Mônica às suas aulas.



São Paulo

Ato sob a bandeira da frente ampla, e voltado às festividades



As direções sindicais e políticas, reunidas na Campanha Fora Bolsonaro, deram um caráter festivo, despolitizado e de defesa da frente ampla ao ato na Av. Paulista. Assim como ocorreu na manifestação anterior, no Vale do Anhangabaú, não houve marcha. As correntes montaram os seus blocos, amparadas pelo acordo de divisão dos espaços, feito em comunhão com a Polícia, e ali, cada um em seu pedaço da avenida, estacionaram os seus aparatos de som, com música e palavras de ordem esparsas.

Do ponto de vista do conteúdo, predominou a suposta

necessidade de incorporar os partidos de centro e de direita, com vistas na abertura do processo de impeachment do presidente (alguns acrescentando o seu vice, Mourão). As denúncias sobre o crescimento da miséria, da fome e do desemprego estiveram presentes, mas com o claro sentido de escorar e dar um tom mais radical à política que é, em essência, de defesa da substituição de um governo burguês por outro, seja “agora”, com o impeachment, ou em 2022, através das urnas.

A exceção coube, mais uma vez, à intervenção do POR e da Frente Classista e Combativa, que fizeram sua concentração na Praça do Ciclista, e marcharam em direção ao ato centralizado, com suas faixas, bandeiras e palavras de ordem de defesa dos empregos, salários, direitos e do método da ação direta das massas. Mesmo com as limitações impostas pela despolitização geral da manifestação, determinada pelas direções, foi possível à Frente levar a política do proletariado à Av. Paulista, em que pese a classe operária em si estar ausente como força social organizada - a composição social permaneceu sendo majoritariamente da pequena-burguesia.

O POR levou à manifestação a sua linha de defesa de uma carta de reivindicações, centrada na luta pelos empregos, salários e direitos. Colocou a necessidade de que as direções sindicais, populares e estudantis convocassem as assembleias presenciais, erguendo uma poderosa campanha nacional, em defesa da realização de um verdadeiro Dia Nacional de Luta, como forma de preparar a greve geral.

■ Pronunciamento do POR no carro de som da CSP-Conlutas:

Companheiros, a tarefa que temos diante de nós não é nada fácil. Derrubar um governo não é uma tarefa fácil. A questão que temos de nos colocar é: qual é o caminho, qual é a estratégica, qual é a tática, que vamos colocar na luta, para derrubar esse governo. Mui-

tos apostam que a saída é o impedimento (impeachment). Acontece que a saída, através do impeachment, exige a parceria, a aliança, com setores da burguesia. Exige que a família Setúbal esteja hoje, aqui, discursando na manifestação. Exige que Tábata Amaral e Ciro Gomes estejam usando a tribuna no carro de som central. A saída que outros partidos burgueses ou reformistas apontam é esperar as eleições de 2022. Acontece, companheiros, que o que determina a forma de luta são as necessidades imediatas dos trabalhadores. A fome, a miséria, a pobreza, o desemprego, os problemas com a saúde, todos eles exigem uma saída para hoje, para agora, não para o ano que vem.

Nesse sentido, companheiros, nós do Partido Operário Revolucionário,

defendemos que a luta esteja centrada nas necessidades imediatas dos trabalhadores, da classe operária, da juventude oprimida, dos camponeses pobres. Que as manifestações estejam voltadas à defesa do emprego, salário e direitos trabalhistas. São as reivindicações vitais que devem mover e organizar a nossa luta. Por isso, nós defendemos, desde o ato do dia 29 de maio, a criação de uma frente classista e combativa de luta.

O POR interveio em todos esses atos, juntamente com a Frente Classista e Combativa, levantando um programa classista e de luta. Defendendo que as centrais e sindicatos se coloquem por constituir uma frente única classista, em torno de uma Carta de Reivindicações. E convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios.



■ Pontos fundamentais do pronunciamento do POR na Praça do Ciclista

Companheiros, nessa manifestação, há duas políticas, duas estratégias e duas táticas de intervenção, diante da crise econômica e política. Para os organizadores da manifestação, a bandeira é a do Fora Bolsonaro, impeachment e eleições de 2022. Para o POR e a Frente Classista e Combativa, a nossa principal tarefa é a de organizar a classe operária e os demais explorados em torno às reivindicações vitais. Ganhar as ruas, levantando, portanto, um programa e métodos próprios de luta. Por isso, a estratégia não é a de substituir um governo burguês por outro, mas sim de erguer a estratégia do proletariado, de

combate ao capitalismo, e defesa de um governo operário e camponês, resultado da revolução social.

A crise econômica, que se agravou com a Pandemia, jogou milhares de famílias nas ruas. Não por acaso, a cada dia, mais trabalhadores e operários perdem os empregos, e, consequentemente, suas moradias. Assim, não temos moradores de rua, temos trabalhadores, vítimas do desemprego, da fome e da miséria. Os mesmos hipócritas que hoje estão discursando no carro de som são os mesmos que colaboram com os patrões, que fazem acordo de redução da jornada

e salário, e aceitam as miseráveis indenizações em troca do fechamento de fábricas, a exemplo da Ford e LG. São direções sindicais burocratizadas, que usam o desemprego, a miséria e a fome para fazer politicagem. São traidores, que estão quebrando as campanhas salariais e dividindo os metalúrgicos em mais de 10 grupos.

Companheiros, é preciso lutar pela independência de classe do proletariado. É preciso defender um programa de reivindicações, que tenha como ponto de partida a luta pelo emprego, salário e direitos trabalhistas.

Rio Grande do Norte

Ato reforça caráter eleitoral da Campanha Nacional Fora Bolsonaro

O ato em Natal teve maior adesão, em relação ao 7 de setembro, com cerca de 5.000 pessoas. Estiveram presentes, setores do funcionalismo, juventude, movimentos por moradia. Além das organizações que compõem a Campanha Nacional Fora Bolsonaro, compareceram, dessa vez, o Partido Verde (PV), seguindo a tendência dos atos, em nível nacional, de abrir a participação para os partidos da centro-direita, que se declararam oposição a Bolsonaro.

Após a concentração, o ato seguiu até a Igreja Universal, ou seja, repetindo o mesmo erro de alguns atos anteriores, de finalizar o ato sem seguir o trajeto tradicionalmente esperado, que é até o Natal Shopping. De modo que os manifestantes se viram frustrados de não terem marchado até o fim. Ao longo do curto caminho, a manifestação passou a maior parte do tempo parada,

para escutar os discursos dos mandados e representantes do PT, PCdoB, PSOL, PSTU, UP, e centrais, reforçando o caráter eleitoral do Fora Bolsonaro, e cansando os manifestantes. A fala dos movimentos sociais, como o MLB, foi impedida. O POR falou no momento da concentração do ato.

Nos discursos, notou-se uma maior descrição dos problemas concretos que atingem os explorados, como o aumento do custo de vida (famílias se alimentando de ossos, o preço do gás, dos combustíveis, etc.), a falta de moradias, desemprego, fome, etc. Porém, para, no fim, concluir com o “Fora Bolsonaro”, como se a troca de um governo burguês por outro fosse resolver ou aliviar a piora nas condições de vida, que é fruto dos efeitos da crise econômica despejados sobre os ombros dos explorados.

■ Publicamos abaixo o pronunciamento do POR

Falo em nome do Partido Operário Revolucionário. Já está muito clara a situação que os trabalhadores estão passando aqui em nosso país. Já está muito claro que os preços nas prateleiras estão a cada semana aumentando. Falta moradia para as famílias, o desemprego chegou a 14 milhões de trabalhadores, e a fome atingiu 20 milhões. Já está muito claro que os indígenas estão sendo massacrados, e perdendo suas terras. Já está muito claro o ataque que está sendo realizado contra o funcionalismo público com a Reforma Administrativa. Mas, não adianta só reconhecer os problemas. É preciso organizar a luta para derrotar os ataques da burguesia. É necessário que as centrais sindicais e os movimentos organizem as assembleias presenciais nos locais de trabalho, de estudo e de moradia, para aprovar uma carta de reivindicações, que defenda emprego a todos, aumento salarial de acordo com a inflação, a estabilidade no emprego, moradias para todos, terras aos camponeses, e pela autodeterminação das nacionalidades indígenas. Pela revogação das reformas trabalhista e previdenciária, e para pôr abaixo a reforma administrativa. É preciso, sim, organizar concretamente essa luta, chamando um Dia Nacional,

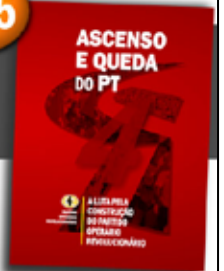
com paralisações e bloqueios, a partir das assembleias presenciais, para impor as reivindicações aos governos e patrões. É necessário esse dia nacional de lutas, como um passo para organizar uma greve geral, que paralise a produção, e que a gente consiga impor nossas reivindicações em defesa das condições de vida, empregos, salários, moradias, e pela vacinação. É dessa forma que vamos enfrentar o governo Bolsonaro, os governos estaduais e municipais, e os patrões, que estão destruindo as condições de vida dos explorados.

Adquira com o distribuidor: **R\$35**

ASCENSO E QUEDA DO PT

A luta pela construção do Partido Operário Revolucionário

Este livro condensa o processo histórico do fracasso da estratégia e da política do reformismo, testemunha a impossibilidade da classe operária chegar ao poder pela via das eleições, afirma os fundamentos marxistas da revolução proletária e coloca a luta pela construção do partido revolucionário.



Ceará - Fortaleza

NECESSIDADE DE COMBATER O ELEITORALISMO E A CONCILIAÇÃO DE CLASSES

O ato foi marcado pela política de colaboração de classes, materializada na tática da frente ampla, e pelo eleitoralismo das correntes de esquerda. Oficialmente convocado pelas frentes Brasil Popular, Povo Sem Medo e pelo Fórum Sindical, a organização do ato esteve, desde o início, voltada às negociações na Assembleia Legislativa, para a participação dos partidos burgueses de oposição ao governo, como o PSB e o PDT dos Ferreira Gomes. Evidenciou-se assim, uma mudança de tática da Campanha pelo “Fora Bolsonaro e Impeachment”.

A agitação de bandeiras econômicas, que apareceram de forma abstrata e superficial, bem como a denúncia da piora das condições de vida das massas, diferenciou o ato dia 2 dos anteriores, marcados especificamente pela denúncia das mortes por Covid e a defesa do impeachment. As reivindicações, contudo, estiveram deslocadas dos métodos da ação direta, e manejadas para fortalecer a estratégia eleitoral das esquerdas. As direções do movimento procuraram vincular o descalabro econômico ao desgoverno militarista e ultradireitista; esse foi o sentido da palavra de ordem “Tá tudo caro, a culpa é do Bolsonaro”. A ideia de que a profunda crise econômica, expressão da crise capitalista, será revertida com a derrota eleitoral de Bolsonaro e a vitória da esquerda democratzante, visou e visa a desarmar os

explorados do objetivo de lutar nas ruas por suas próprias reivindicações. Eis precisamente a razão da palavra de ordem da greve geral ter sido bem menos agitada na última manifestação.

A concentração do ato ocorreu na Praça da Bandeira, no centro, e seguiu até a Praça do Ferreira. A manifestação mostrou-se bem mais massiva que a do Grito dos Excluídos, mas mais fraca que as ocorridas no mês de julho. É possível que a afluência de camadas da pequena burguesia se tenha dado em razão da expectativa do primeiro ato, sob a égide da frente ampla. Por outro lado, continua o problema fundamental da ausência da classe operária, apenas formalmente representada pelas direções burocráticas de seus sindicatos operários. A burocracia sindical se encarregou de aparelhar o ato, com inúmeros carros de som, e garantir a fala dos parlamentares e dirigentes sindicais.

O POR interveio no ato, procurando chamar a atenção dos explorados para a necessidade de romper com a colaboração de classe, em defesa de uma frente única classista de luta, sob o método da ação direta. O Bloco Combativo se viu fraturado pela ausência do Coletivo Carcará, que não atuou nas manifestações, mas manteve sua coluna no ato, com POR, FOB e GEAP, levantando alto a bandeira da independência de classe dos explorados. A militância porista in-



terveio com faixas, bandeiras, jornais e o manifesto nacional do POR.

O ato revelou certa potenciação do reformismo petista, o que tem implicado a subordinação das demais correntes que se reivindicam da esquerda. Os revolucionários marxistas e a vanguarda classista têm, por isso, a tarefa de combater, com todas as forças, o eleitoralismo, e lutar por separar os explorados dos exploradores. Apenas a construção do partido marxista-leninista-trotskista poderá garantir um salto nesse objetivo, assim como constituição de uma fração operária em torno da estratégia da revolução proletária e do socialismo.

Rondônia

Show marcou o ato em Porto Velho

A manifestação confirmou o prognóstico do partido, de que o ato não seria classista, e que expressaria com maior clareza o caminho das eleições burguesas. Com o caráter extremamente eleitoreiro, o ato contou com a presença de dirigentes da CUT e da ex-senadora petista, Fátima Cleide. A princípio, havia o encaminhamento de concentração na Praça das Três Caixas, no centro da capital, que seria seguido de uma passeata pelas principais avenidas. Isso não ocorreu. A organização do ato priorizou o caráter cultural e festivo, ao convidar diversos músicos, deixando de lado as intervenções políticas. Os organizadores abriram inscrições para intervenção dos movimentos e partidos, mas recusaram a fala do POR, que, neste ato, também foi excluído da organização, embora tenha participado de todas as manifestações, desde o começo do ano – ao contrário dos outros partidos, como os petistas, que boicotaram as primeiras manifestações presenciais de rua.

Puderam falar os eleitores, e até partidos burgueses (CUT, PDT, PCdoB e o MAB, Movimento dos Atingidos por Barragem). Os demais movimentos que aguardavam para fazer suas intervenções foram surpreendidos com o cancelamento das falas pelo “animador” do “ato/show”, que alegou já ter ocorrido três horas de atividade, e que as falas poderiam dispersar as pessoas. O “show” poderia continuar, as falações políticas, não.

Devido ao cancelamento arbitrário das intervenções políticas, o POR interveio apenas com a distribuição do manifesto. O ato sobre a direção das burocracias sindicais expressou o esgotamento da bandeira “Fora Bolsonaro” e do “impeachment”, que agora é abertamente usada para abrir o caminho para a campanha de 2022.

Se, na capital, a manifestação é limitada, no interior do estado, quando acontece, é simbólica. Sequer os partidos eleitores

de oposição ao bolsonarismo organizam atos como acontece nas capitais. Em Rolim de Moura, proclamada pelas oligarquias políticas do estado como capital da Zona da Mata, e que tem uma das maiores regionais do sindicato de professores, que sempre têm protagonizado manifestações de rua, agora, no período de pandemia, sequer atendem ao chamado para somar na organi-

zação de manifestações. Neste ato, que contou com representantes dos movimentos sociais e os partidos que se reivindicam de defensores das reivindicações dos explorados, o POR interveio com distribuição do manifesto, que defende as reivindicações dos explorados, a independência de classe e a estratégia própria da classe operária.

Amazonas

Em Manaus, atividades culturais e “amplo espectro de partidos”

O ato contou com uma participação maior da juventude, convocada pela UJS e pelos dirigentes da UBS e UNE. Houve concentração na Praça da Saudade, no Centro, e marcha até a Praça do Congresso, também no Centro da cidade. Prevaleceu, como nas outras manifestações, as bandeiras do “Fora Bolsonaro”, “Fora genocida”, expressando o eleitoralismo de antes, com a participação de representantes de partidos burgueses, como PDT, e ganhou corpo a maior “atividade cultural”, isto é, batucada e músicas, que preenchiam a maior parte do tempo, em oposição a falas de dirigentes ou movimentos.

Além do PDT, que apareceu organizado, até com faixa, os partidos da esquerda compareceram de forma mais aparente também, marcando o início da busca de votos, que esvazia por completo as denúncias de aumento do custo de vida pela inflação, como apresentado em falas e cartazes.

Em Humaitá, a atividade cultural ao lado das falas políticas

Com o intuito de “aumentar” a participação, também foi defendido, por membros do sindicato de professores da UFAM, ADUA, a integração do ato com atividades culturais (música e poesia). O ato, no entanto, continuou de vanguarda, com um número um pouco maior de estudantes da UFAM.

Recife

Direções seguem apostando na frente “amplíssima” pelo Fora Bolsonaro, em vez de erguer frente única pelas reivindicações de emprego, salário e direitos

No dia 2 de outubro, a manifestação massiva pelo “Fora Bolsonaro” ocupou as ruas de Recife, participantes do ato saíram em marcha da Praça do Derby, por volta das 10h30min, até a Praça do Carmo. As articulações feitas pelas direções sindicais, partidárias e dos movimentos sociais, em defesa de uma “frente ampla” tiveram como resultado maior participação de partidos burgueses na manifestação, entoadando a defesa abstrata da vida e da democracia.

Além de setores da esquerda, trabalhadores de diferentes categorias, jovens estudantes e movimentos sociais, estiveram presentes representantes dos partidos burgueses, como o deputado Túlio Gadelha, do PDT, e o PSB, que ocupa a governado-

ria e a prefeitura da capital, o mesmo partido que, em 29 de maio, mandou a polícia reprimir o ato, levando dois trabalhadores a perderem a visão, agora, teve seu próprio carro de som.

A composição prioritária do ato ainda foi das classes médias, presente em blocos do funcionalismo público, juventude, partidos e movimentos culturais, ainda que houvesse grandes grupos com movimentos por moradia e terra, e indígenas. As centrais e sindicatos mantiveram a prática de atuar por meio de suas direções, sem convocar as bases operárias, fato que ajuda a explicar a baixa presença das categorias.

A manifestação, embora massiva, não foi classista. Foi policlassista, expressou a frente das direções com setores da bur-

Pela primeira vez, um militante da UJS compareceu, e quis reforçar o “Fora Bolsonaro” e a “luta para retirar este governo”. Nas falas do POR, destacaram-se as reivindicações elementares e os problemas gerais que exigem, de imediato, uma resposta com base na mobilização permanente e na luta nas ruas, colocando claramente que a troca de governos burgueses manteria o desemprego e a miséria da maioria nacional.

As intervenções duraram cerca de uma hora, e manteve-se a atividade cultural em seguida. O problema colocado é que as atividades culturais interessam à pequena burguesia intelectualizada e à juventude universitária, mas pouco dizem respeito à população mais pobre, que precisa, em todas as cidades, confiar na organização e mobilização dos atos. Além de atender apenas à pequena burguesia, as atividades culturais, no interior dos atos políticos, colocam a dispersão dos participantes, dissolvendo as falas políticas e seu conteúdo no senso comum da “unidade”. Em Porto Velho, Manaus e, com certeza, em várias outras capitais, onde existem muitos partidos e movimentos, as atividades culturais servem para calar as vozes divergentes e minoritárias, que exigem que os atos sejam classistas, e se concentrem nas reivindicações elementares, e não na saída eleitoreira e burguesa. É preciso denunciar e lutar para mudar a direção dos próximos atos.

guesia, como se Bolsonaro fosse o único inimigo do povo. E como se sua remoção pela via institucional (impeachment ou eleições) levasse a estancar a mortandade, desemprego e miséria. A ilusão de que o fortalecimento de uma Frente Ampla (ou amplíssima, como comemorou a vice-governadora de Pernambuco Luciana Santos, do PCdoB) anti-Bolsonaro, com todos os “partidos progressistas”, é a solução que reverterá o quadro de pobreza e miséria, foi alimentada por representantes de partidos de esquerda. A aposta no enfraquecimento de Bolsonaro, como meio de facilitar a candidatura de Lula, segue sendo uma diretriz destes partidos, enquanto as condições de vida da maioria oprimida são cada vez mais precarizadas.

O PCB colocou seus militantes nas ruas, para defender o “Fora Bolsonaro-Mourão-Guedes”, sem destoar dos partidos que apostam na via institucional para derrubar o governo, conclamam a unidade da classe trabalhadora contra as contrarreformas em curso, alimentando a falácia que o parlamento irá resolver os problemas da classe operária. Tal postura ajuda a manter as esquerdas subordinadas à direção dos reformistas e da burocracia sindical. A CSP-Conlutas, Simpere e PSTU fizeram críticas ao PSB na prefeitura e governo do estado, porém, apenas acrescenta à bandeira do Fora Bolsonaro e Mourão a de “impeachment já”.

No final do ato, no lançamento da “Frente Popular de Luta por Moradia no Centro”, ligada ao PCB, um motorista ameaçou manifestantes com uma arma, e tentou furar um bloqueio temporário, arrastando por mais de 50 metros e, em seguida, atropelando uma advogada popular, que acompanhava o ato. Pela placa do

veículo, identificaram o motorista como um candidato a vereador pelo PSC, que concorreu em 2012 pela Frente Popular do Recife, capitaneada pelo PSB e PCdoB.

O POR atuou com seu manifesto, banca de materiais, palavras de ordem e pronunciamento no carro de som. Marchou em bloco com os companheiros da Frente Classista de Surubim. Defendeu que as manifestações tenham como centralidade a luta pelos empregos, direitos, salários, por entrega de terra aos camponeses e indígenas, contra as privatizações. O que exige erguer uma frente única classista, por meio das assembleias e comitês presenciais. A necessária greve geral que tem de ser construída, chegou a ser defendida por alguns partidos, porém, sem que mudem o curso dos atos e convoquem um verdadeiro Dia Nacional de Lutas, com bloqueios e paralisações, não passará de palavreado para ocultar seus interesses eleitoreiros.

Rio Grande do Sul - Porto Alegre

Ato disperso e policlassista

A previsão do POR sobre os atos de 2 de outubro foi comprovada na prática. Policlassistas, dispersos e, principalmente, endereçados às eleições de 2022, e não manifestações voltadas à organização da classe operária e dos demais oprimidos, em defesa de um programa próprio de reivindicações. A capitulação das esquerdas foi geral, com a pauta do “Fora Bolsonaro” e “Impeachment já”. Suas variantes, Constituinte, Fora Bolsonaro e Mourão, etc., tampouco decolaram, perante a força eleitoral e de aparato do PT.

Em Porto Alegre, a concentração estava marcada para as 15h, no largo Glênio Peres. Havia mais de um carro de som, um preparado pelo MES (PSOL), junto com a CSP-Conlutas e Intersindical, onde a maior parte das falas sequer foi ouvida, e serviu mais para agitar seus próprios militantes, e o carro central, de costas para o rio Guaíba, e de frente para toda a manifestação.

A manifestação foi massiva. Da prefeitura até a Esquina Democrática, não era possível visualizar os carros de som, e menos ainda escutá-los. O deputado federal pelo PT, Paulo Pimenta, o primeiro a falar, fez uso da miséria e da brutal exploração da classe trabalhadora para anunciar que, somente com Lula, o Brasil voltaria a ter solução, e viver em paz. A partir disso, todas as falas afirmavam, de forma tímida ou abertamente, o que o petismo já havia cravado como pauta central. A fala do presidente estadual do PCdoB, Juliano Roso, reforçou a defesa do partido, de fazer uma frente amplíssima com setores burgueses para vencer Bolsonaro nas eleições. O que foi criticado, logo após, por uma fala da

presidente estadual da Unidade Popular pelo Socialismo (UP), Nana Sanches, que pontuou que as direções principais dos atos (PT, PSOL, PDT e PCdoB) não queriam mais manifestações, e adiaram em quase um mês a que estava ocorrendo. Entretanto, em momento algum, confrontou a posição política estabelecida por estas correntes. Nenhuma das falas ou mesmo bandeiras, seja as do PSOL ou do PSTU, marcaram posição contrária à do PT.

O PCO, PCB, PCdoB, PDT, REDE e PT estavam muito próximos ao carro de som principal, o que fez com que a fala da REDE terminasse em discussão, e quase briga aberta com o PCO, que vaiou as falas de todos os que não apoiavam Lula, mas sim Ciro Gomes, chamando-os de “golpistas”. A mesma irritação não demonstrou Juliana Brizola, do PDT, que fez campanha para Ciro em sua fala e na sua vestimenta, uma camiseta azul, mostrando que Ciro é a solução. Pelo PCB e PSOL, Mari Rodrigues e Fernanda Melchionna, deputada federal, pensavam em se descolar do petismo, ao exigir que a frente ampla fosse uma frente de vanguarda dos movimentos sociais e dos partidos de esquerda, frente ao genocídio aberto do governo fascista de Bolsonaro. No entanto, mais uma vez, a fala de ambas desembocava na tarefa de defender o Impeachment, desconhecendo que se trata de uma medida que resultará na substituição de um governo burguês por outro. Semelhante à fala do PCB, Daniela Maidana, do PSTU, defendeu abertamente uma greve geral, em nome do socialismo, para “barrar Bolsonaro” e impor um “governo dos trabalhadores”, que

como tal é uma formulação democrático-pequeno-burguesa. As falas dos presidentes dos partidos pareciam não ter fim, o que deixou as bases impacientes, exigindo que a caminhada iniciasse. Depois de duas horas estacionado, o ato se colocou em movimento. Depois de marchar pela Av. Julio de Castilhos, passar pela Rodoviária e pela Av. Loureiro da Silva, veio a dispersão, por volta das 18h, no largo Zumbi dos Palmares.

Por seu tamanho e disposição das bases, ficou claro que este ato poderia muito mais, no entanto, impedido por suas direções, nada os manifestantes puderam fazer, além de exigir uma caminhada, que se mostrou bastante breve, pelo número de participantes, em comparação a outros atos muito menos expressivos. Sobrou tamanho, faltou conteúdo e programa, para realmente afetar o governo Bolsonaro e a estrutura capitalista que o sustenta. A classe operária não esteve presente, com seus métodos de luta, e a tarefa deixada para os militantes marxistas-leninistas-trotskistas é a de fazer com que compareça, erguendo as suas reivindicações, e dando o exemplo do verdadeiro combate ao bolsonarismo e ao capitalismo, que apodrece mundialmente.

O POR esteve presente com uma banca de materiais, distribuição do manifesto que denunciava o caráter policlassista do movimento e sua subordinação à política burguesa, e uma faixa, chamando pela unidade entre empregados e desempregados na luta por emprego, em defesa dos salários, dos nossos direitos e da vacinação.

Manifestações de 2 de outubro

Confusão e ilusão políticas entre as esquerdas

O que esperar da manifestação de 15 de novembro

4 de outubro de 2021

O fato mais importante do dia 2 de outubro foi a divisão nas esquerdas, que compõem a Campanha Nacional Fora Bolsonaro. É bem provável que o governo tenha zombado e encolhido os ombros, diante dos atos que se mostraram estagnados, em relação ao do dia 29 de maio, quando se originou a quebra da passividade das direções sindicais e políticas. É bem provável também que os partidos oposicionistas de centro-direita viram a reação de agrupamentos petistas e de esquerda contra a figura de Ciro Gomes (PDT) e Fernando Alfredo (PSDB) como um destempero. A interpretação de que houve reação generalizada contra a presença destes e outros representantes dos partidos de centro-direita na manifestação é exagerada.

As vaías a Ciro Gomes, em particular, expressaram mais desespero da ala esquerda, que pretende que a candidatura de Lula não seja amparada por uma frente ampla. Ciro Gomes vem sistematicamente admoestando Lula com palavreado chulo e agressivo. Essa conduta de um presidenciável do PDT não é compatível com a própria linha partidária, definida pelo seu presidente Carlos Lupi, de constituir a frente ampla anti-Bolsonaro. Ciro sabia, no entanto, perfeitamente, que enfrentaria a aversão de parcela das bases petistas e de setores das esquerdas seguidistas à candidatura de Lula. Sabia também que podia dizer que *“o povo brasileiro é muito maior que o fascismo de vermelho ou de verde e amarelo”*. Isso porque era um convidado dos seis partidos, vinculados à Campanha Nacional do Fora Bolsonaro, que, em 15 de setembro, lançaram um chamado à frente ampla. Sabia também que sua participação estaria escorada na imensa maioria das direções sindicais, inclusive de sua ala mais à esquerda, a CSP-Conlutas. O político da oligarquia tem a perfeita noção de que a rejeição de uma parcela de petistas e seguidores da candidatura de Lula não expressaria a orientação geral das direções sindicais e políticas, empenhadas em constituir a frente ampla. Enquanto estiver claro que Lula poderá ir para o 2º turno contra Bolsonaro, ou até mesmo vencer no 1º turno, o PDT tem enorme interesse na frente ampla. Esse é o motivo maior de Ciro Gomes discursar na tribuna das manifestações no Rio de Janeiro e em São Paulo.

As ilusões de uma parcela de petistas e das esquerdas sobre uma frente de apoio à candidatura de Lula, restrita aos partidos como PT, PCdoB e PSOL - e até mesmo partidos como PDT, PSB e Solidariedade - têm sido o combustível da rejeição à frente ampla. Emergiram nas manifestações de 3 de julho, e se repetiram de maneira mais ampla, neste 2 de outubro, particularmente no ato da Av. Paulista. Para essa fração, a bandeira do “Fora Bolsonaro” coincide com a imensa possibilidade de Lula voltar à presidência da República. O perigo estaria, no entanto, em que essa volta se dê galgada em uma frente ampla. Ao contrário, a posição ultra majoritária da direção do PT e dos aliados é a de que, quanto mais ampla for a frente, melhor será para a eleição de Lula e para a governabilidade, que será muito

difícil. Está aí por que o “Fora Bolsonaro”, não apenas coincide com a candidatura de Lula, como também com a necessidade de uma frente ampla.

Essa diferença se vem expressando no movimento, até agora restrito a camadas da classe média, sob a mesma estratégia burguesa do “Fora Bolsonaro e Impeachment”. O fundo do conflito vem à tona, quando os partidários da eleição de Lula, apresentado como solução para a crise econômica, social e política, se dividem quanto à tática a ser aplicada para a mesma estratégia. O irrealismo da ala esquerda - em relação ao “Fora Bolsonaro” e à eleição de Lula -, em pretender evitar a caminhada da direção do PT e aliados para a frente ampla, é visível. Isso explica o desespero em enxotar das manifestações os convidados, que, para essa ala esquerdista, seriam estranhos, e maculariam a pureza da candidatura de Lula.

A superficialidade e o exitismo de uma corrente como o PCO, que acredita na possibilidade de setores da base do PT, de barrar o avanço da frente ampla, com repúdios como aqueles ocorridos na Av. Paulista, são típicos do infantilismo oportunista. Mais grave ainda tem sido o realismo oportunista do PSTU, que decidiu empenhar-se integralmente na defesa da frente ampla anti-Bolsonaro. Condenou as ameaças de *“agressões verbais e físicas”* a Ciro Gomes e a outros representantes dos partidos de centro-direita. A CSP-Conlutas - um aparato sindical do PSTU - em sua nota de repúdio, *“exige providências por parte da organização da Campanha”*. É um pedido para que se reprimam grupos petistas radicalizados e, em especial, o PCO. Isso em defesa da suposta *“necessidade de fortalecer a unidade de ação entre todos os que estão nesse momento pelo “Fora Bolsonaro”*. Poucas vezes, se viu tanta confusão no campo das correntes centristas, que se reivindicam do socialismo, comunismo, revolução e marxismo.

Dias antes das manifestações de 2 de outubro, o 7º Congresso do PSOL refletiu as disparatas posições, do campo que se denomina de esquerda, termo extremamente aberto e manipulável. Decidiu, por maioria, em um Congresso virtual, em favor da frente ampla, e pelo não lançamento de uma pré-candidatura própria à presidência da República. Internamente, correntes opositoras minoritárias se perderam no emaranhado da política burguesa, em que o PSOL está metido. Não foram capazes de entender a capitulação em curso, diante das pressões eleitorais que se desprendem da crise política interburguesa, no interior da qual Lula emerge como um caudilho, destinado a varrer a ultradireita, e garantir a democracia em abstrato. É sintomático que o PSOL, na voz de Guilherme Boulos, tenha exortado, na Av. Paulista, a frente ampla, sob o argumento de que as diferenças, no momento, são menores que as semelhanças. É bem provável que a sua direção compartilhe da posição crítica do PSTU e CSP-Conlutas às ameaças sofridas por Ciro Gomes. Isso porque está no mesmo campo da imensa maio-

ria das organizações que defendem a frente ampla, como uma forma de supostamente fortalecer o campo geral da oposição a Bolsonaro. No entanto, o PSTU se mostrou contrariado, com o fato do PSOL não se decidir por uma candidatura de esquerda, e deixar em aberto o apoio a Lula já no 1º turno. PCO, distintamente, tanto condena as posições favoráveis à frente ampla, como exige uma clara definição de alinhamento em torno à candidatura de Lula. Em resumo, todos estão pela estratégia burguesa do “Fora Bolsonaro”, seja pela via do impeachment ou das eleições - dizemos burguesa, porque resultará na constituição de um novo governo burguês (administrador do capitalismo em decomposição) -, seja com a eleição de Lula de centro esquerda, ou de um candidato de centro-direita. No entanto, divergem quanto se a frente deve ser restrita ou ampla. As convergências e conflitos, como se vê, se dão no campo do reformismo e do centrismo, em última instância, no campo da política de centro-esquerda.

É certo que os partidos oposicionistas de centro-direita não jogaram peso, para que se desfigurassem completamente as manifestações do dia 2. A imprensa contabilizou o apoio formal de 21 partidos, portanto da maioria, aos atos pelo “Fora Bolsonaro e Impeachment”. Por que então não se empenharam na convocação e intervenção? O PT e aliados abriram as portas à frente ampla. Os opositores à ampliação da frente Fora Bolsonaro não têm nenhuma força política de aparato, nem capacidade de mobilização de massa. O conflito com Ciro Gomes no dia 2 poderia e pode ser facilmente administrável. A questão está em que os partidos de centro-direita não conseguiram resolver suas candidaturas, ou uma candidatura da denominada terceira via. Fortalecer a Campanha Nacional do Fora Bolsonaro significa impulsionar a candidatura de Lula. A frente ampla somente tem sentido, se for para potenciar a via do afastamento de Bolsonaro pelo impeachment, via essa que, nem o PT, nem Lula, têm interesse.

Há uma expectativa de que a finalização dos trabalhos da CPI da Covid permitirá uma ofensiva da oposição no terreno do impeachment. Se assim ocorrer, é bem possível que as manifestações previstas para 15 de novembro poderão ter uma fisionomia mais definida de frente ampla. As candidaturas e a preparação para as eleições dividem; o impeachment une o campo da oposição. As esquerdas, quando se dividem ou se unificam nesse campo, estão expressando os impasses da crise de governabilidade. Como não se guiam pela estratégia revolucionária do proletariado, expressam os embates no campo de poder da burguesia, ora caminhando mais para a esquerda, ora mais para a direita. A política centrista, por ser pequeno-burguesa, é mais suscetível a essas oscilações. Sob a bandeira burguesa do “Fora Bolsonaro e do Impeachment”, as correntes centristas vão de um lado a outro, desorientando a vanguarda. Esse é o ponto principal do balanço das manifestações de 2 de outubro.

Há um aspecto particular que decorre da essência desse ponto, que contribui para confundir e desorientar. De todas as manifestações, essa foi a em que mais se propagandearam os problemas dos explorados. Discursos, cartazes, balões, faixas, etc. expressaram a carestia, a alta do preço dos alimentos, o desemprego, o aumento das “desigualdades”, e o avanço da fome. As centrais, sindicatos e partidos da Campanha Nacional do Fora Bolsonaro viram que era preciso refletir os notici-

Manifestações de 2 de outubro de 2021

ários da crise social. Com que objetivo? O de mudar a diretriz do movimento? O de unir os explorados para exigir, imediatamente, do governo e da burguesia, o atendimento das reivindicações concretas? Não! O objetivo foi o de colar em Bolsonaro a responsabilidade da bancarrota do capitalismo, como se o governo da ultradireita não fosse uma criatura da própria burguesia. Como se o problema da inflação, do desemprego e da fome pudesse ser resolvido, mudando um governo burguês por outro, e, assim, mudando a política econômica e social. Está claro que o objetivo foi estritamente eleitoral.

Os reformistas e seu renque de burocratas sindicais jamais levantaram e não levantarão as massas em defesa de um programa próprio de reivindicações. Os centristas ficaram exultantes, porque, no interior do movimento pelo “Fora Bolsonaro”, até que enfim, todos se uniram para papagaiar e propagandear contra o aumento do gás de cozinha, do diesel, do arroz, etc. Uma frente ampla oposicionista, que possibilitasse a intervenção independente dos explorados com suas reivindicações, é um sonho típico dos filisteus esquerdistas. O espetáculo da defesa das condições de vida dos explorados foi bem talhado nos moldes do reformismo, que promete soluções, desde que Bolsonaro não esteja mais no poder. Em outras palavras, desde que as massas ajudem os reformistas a derrotar Bolsonaro nas eleições. Escondem que o poder econômico dos banqueiros, credores da dívida pública, monopolistas e latifundiários continuarão a reproduzir a concentração de riqueza, por cima da pobreza e a miséria estruturais. É típico de toda política burguesa, mas em especial da política reformista, subordinar as necessidades dos explorados às condições ditadas pela administração do capitalismo.

A política do proletariado é oposta à farsa burguesa, manejada em momentos eleitorais. A brutal exploração capitalista do trabalho, o desemprego, o subemprego, a miséria e a fome ditam o programa próprio de reivindicações, e este, por sua vez, dita os métodos, as táticas e a organização da luta. E, obrigatoriamente, o desenvolvimento da luta de classes contra os exploradores e seus governos dita a estratégia revolucionária, encarnada pela vanguarda com consciência de classe. Uma frente de oposição burguesa é incompatível com as necessidades das massas, com o seu programa, sua tática e sua organização próprios do proletariado.

As contradições do dia 2 se explicitaram completamente. Quanto mais se amplia a frente para os partidos da burguesia, mais se nega o programa de reivindicações e as formas de luta das massas. O próprio formato do ato na Av. Paulista, com a distribuição dos carros de som e dos blocos, bem como a decisão de não realizar a marcha, demonstraram um compromisso com a disciplina exigida pela Polícia Militar, ou seja, pelo governador Doria. O formato de aparatos, como se fossem corporações estanques, contrapõe-se à manifestação coletiva, regida pela democracia proletária. Essa disciplina burocrática se acentou, depois da manifestação de 3 de julho. Trata-se de mais uma evidência de que a sujeição das manifestações à estratégia burguesa do “Fora Bolsonaro e Impeachment” se choca com a política proletária, que parte do programa de reivindicações dos explorados para se contrapor à política do governo Bolsonaro e à ofensiva dos capitalistas sobre os empregos, salários e direitos.

Esse balanço explica por que as esquerdas se mantiveram e se mantêm subordinadas à direção dos reformistas e da burocracia sindical. Dividem-se confusamente, em torno à tática. Negam-se a lutar por uma frente única classista no interior do movimento do “Fora Bolsonaro”. Desconhecem a bandeira defendida pelo POR de convocação de um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, para combater por uma Carta de Reivindicações, que una os trabalhadores, e prepare as condi-

ções para a greve geral.

O POR interveio em defesa do programa de reivindicações, da estratégia e da tática próprios da classe operária. Certamente, resistiu na contracorrente da maré impulsionada pela frente ampla. O fundamental, porém, está em que, no dia 2 de outubro, o POR lutou pela independência política dos explorados, em relação à estratégia burguesa do “Fora Bolsonaro, Impeachment e eleições presidenciais”.

XIII Escola de Quadros Litoral Norte

Nos dias 9 e 10 de outubro ocorreu a XIII Escola de Quadros do Litoral Norte. Esse ano, o tema foi a Pandemia, com os textos do Livro “Pandemia Avançam a Fome e a Miséria”. Foi estudado também as Cartas do POR. A dinâmica se deu com apresentações rápidas de cada texto, com as leituras e debates nos grupos, em seguida as plenárias debatiam as sínteses dos grupos. Abaixo expomos uma breve síntese dos debates:

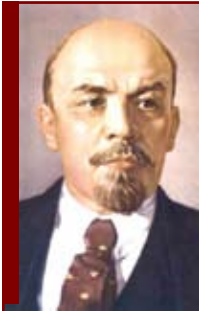
No geral, os textos mostraram o acerto da linha política do partido, que desde o primeiro momento apontou que a pandemia faria piorar a crise econômica e que os governos a descarregaria com mais peso sobre os explorados. Mostrou que a política burguesa do isolamento social era completamente limitada, apontando a incapacidade da burguesia em proteger as massas dos vírus e de seu rastro de morte, sobretudo aos pobres e miseráveis. Sem negar a natureza científica do isolamento social mostrou que este era inaplicável na sociedade de classes. Apontou ainda que era um erro absurdo os partidos e as correntes de esquerdas aderirem a essa política, isolando os explorados da sua única arma, a luta de classes, fazendo com estes fossem capazes de se defenderem do vírus mortal. O POR foi o único partido a separar o fenômeno natural que é o vírus e sua evolução na natureza do caráter de classe da Pandemia, mostrando que o monopólio dos meios de produção sobre a indústria farmacêutica e sobre os hospitais fariam com que as massas padecessem com as mortes por falta de acesso aos medicamentos e ao atendimento. A maioria dos partidos e correntes de esquerda se enfileiraram com a burguesia com a ideia de “Pacto Nacional”, essa política serviu para frear a luta de classes, deixando o caminho aberto para a burguesia agir impondo sua saída para a crise.

Os primeiros textos eram prognósticos que se afirmaram conforme a pandemia foi se desenvolvendo, a releitura nos fez perceber que, o que o Partido apontava como tendência se afirmava concretamente na realidade. Os primeiros textos mostravam que a burguesia dava carta branca para que os Tesouros Nacionais usassem rios de dinheiro para garantir o parasitismo econômico das empresas. Distribuiu migalhas aos pobres para encobrir os trilhões que foram repassados ao grande capital. No caso do Brasil e dos países semicolônias, medidas como o mísero auxílio emergencial foi encoberto pela avalanche do desemprego a partir de medidas como a MP 936, que abriu o caminho para as demissões e rebaixamento salarial e, sobretudo, o fechamento das fábricas e comércios. A militância porista esteve em todas as lutas, defendendo os trabalhadores, denunciando a sanha dos patrões e a inércia das direções que assis-

tiam de camarote as demissões, alguns sindicatos se colocaram em aberta traição, usando as assembleias virtuais para impor as medidas dos governos e patrões. Em todos os momentos contra a política traidora das direções, defendeu as assembleias e comitês presenciais para que os explorados pudessem impor um Programa de Emergência contra as crises pandêmica e econômica.

Na leitura das cartas I, XII e XV, em síntese os grupos e plenárias discutiram que estas marcam a fase da quebra da passividade das direções sindicais e dos movimentos. A carta I por exemplo, critica as direções que no Primeiro de Maio continuou combatendo as lutas presenciais, impondo a essa data um ato virtual, porém em 29 de maio se aproveitam da pressão exercida pela CPI ao governo Bolsonaro para amplificar a polarização fortalecendo o PT e seu caudilho Lula para um possível embate entre os dois nas próximas eleições. No geral, as cartas apontam que apesar de haver uma mudança da política das direções em trocar a inércia para a ação das ruas, na essência, mantêm-se sua política de colaboração de classes, impondo um caráter extremamente eleitoreiro e festivo às manifestações, usam a questão do desemprego, da fome e das mortes apenas como penduricalhos de sua bandeira do “Fora Bolsonaro e Impeachment já”. Na prática, essa bandeira está oposta à necessidade de se erguer o proletariado, os desempregados e os demais trabalhadores, a partir de suas necessidades mais elementares, por meio das assembleias e comitês, para impor a burguesia e aos governos o seu programa próprio de enfrentamento da crise. É necessário retomar as lutas, convocar um Dia Nacional de Lutas para construir a greve geral. Discutiu-se, também, a impostura das demais correntes e partidos que orbitam o PT, partidos como PSOL, PSTU e PCO, apesar de buscarem se diferenciarem do reformismo do PT, acabam caindo no mesmo vala da defesa do impeachment e na estratégia institucional de trocar um governo burguês por outro. Como partidos que carregam uma política pequeno-burguesa só ajuda o PT a canalizar as ilusões democratizantes das massas, que acreditam que o problema é Bolsonaro, trocando ele por Lula, as coisas se resolverão. O debate apontou que isso é um grande erro, uma vez que a crise de decomposição do capitalismo não pode ser administrado por nenhum governo, somente o proletariado em luta contra a burguesia e o capitalismo, com a sua política revolucionária é capaz de dar uma saída para a situação.

A formação política se encerrou com um Viva a Escola de Quadros e Viva a Revolução Proletária!



Apontamentos sobre a história do Partido Bolchevique

No jornal Massas nº 648, expusemos a explicação de Lênin, no IV Congresso da Internacional Comunista, sobre os motivos concretos da Nova Política Econômica e, em particular, a formulação sobre o capitalismo de Estado no marco do Estado Soviético. O partido e as organizações soviéticas tiveram de reconhecer, por força das condições objetivas, que as medidas iniciais, *“puramente socialistas, a distribuição socialista pura, estavam muito além de nossas forças, e que, se não estávamos em condições de realizar um retrocesso para nos limitar a tarefas mais fáceis, enfrentaríamos o desastre”*. Lênin assinala a importante observação de que, sem os recursos econômicos, não havia como atender as necessidades da maioria da população, que era camponesa. Os erros iniciais refletiram o fato de que *“as massas sentiram, por instinto, o que nós não soubemos formular de maneira consciente”*. Essa contradição ditou a Nova Política Econômica, que se mostrava correta, uma vez que os camponeses passaram a reconhecer o esforço do Estado soviético para resolver o problema da produção agrária, miséria e fome.

Eis a conclusão de Lênin: *“Os camponeses sabem que conquistamos o poder para a classe operária, e que nosso objetivo é estabelecer, com a ajuda desse poder, o sistema socialista. Por essa razão, o mais importante para nós era estabelecer a base econômica da economia socialista. Não pudemos realizá-lo de modo direito, e nos vimos obrigados a recorrer a alguns rodeios. O capitalismo de Estado, tal como foi implantado, é um tipo peculiar. Não é compatível com o conceito corrente de capitalismo de Estado. Temos todos os postos fundamentais. Temos a terra, que pertence ao Estado, o que é muito importante, ainda que nossos inimigos o apresentem como carente de importância. Não é exato. O fato de que a terra pertence ao Estado é extraordinariamente importante, e, além disso, tem um grande valor prático, do ponto de vista econômico. Isso temos alcançado, devo dizer que toda nossa atividade futura deve desenvolver-se sucessivamente no interior desse marco. Conseguimos que nossos camponeses estejam satisfeitos, e que a indústria e o comércio se reanimem. Já havia dito que nosso capitalismo de Estado se diferencia do que se entende literalmente por essa expressão, em que nosso Estado proletário possui, não só a terra, mas também os ramos vitais da indústria. Diante do exposto, apenas cedemos na forma de arrendamento algumas fábricas pequenas e médias; o restante permanece em nossas mãos”*.

Concluída a exposição sobre a Nova Política Econômica,

Lênin finaliza seu informe, referindo-se à tarefa da elaboração programática do IV Congresso. Recorda que, no III Congresso, realizado em 1921, foi aprovada uma resolução sobre *“a estrutura orgânica dos partidos comunistas e os métodos e o conteúdo de sua atividade”*. Avalia que as formulações foram corretas, mas que expressaram quase que exclusivamente a experiência do partido bolchevique. Essa colocação indicou que Lênin via distintamente o IV Congresso, do ponto de vista da elaboração coletiva. Vale a pena transcrever a crítica, que traz em seu interior uma autocrítica. Eis:

“A resolução é magnífica, mas quase inteiramente russa, isto é, está baseada nas condições russas. Este é seu aspecto positivo, mas também seu defeito. É seu defeito, porque estou seguro de que nenhum estrangeiro poderá lê-la – e a reli antes de dizer isso. Em primeiro lugar, é demasiadamente longa, consta de 50 ou mais pontos. Em geral, os estrangeiros não conseguem ler coisas desse tipo. Em segundo lugar, inclusive se o fazem, não a compreenderão, devido a que é demasiadamente russa. Não porque esteja escrita em russo (...), mas porque está perpassada completamente pelo espírito russo. E, em terceiro lugar, se excepcionalmente

Lênin assinala a importante observação de que, sem os recursos econômicos, não havia como atender as necessidades da maioria da população, que era camponesa. Os erros iniciais refletiram o fato de que “as massas sentiram, por instinto, o que nós não soubemos formular de maneira consciente”. Essa contradição ditou a Nova Política Econômica, que se mostrava correta, uma vez que os camponeses passaram a reconhecer o esforço do Estado soviético para resolver o problema da produção agrária, miséria e fome.

algum estrangeiro conseguir entendê-la, não poderá colocá-la em prática. Esse é seu terceiro defeito. (...) Minha impressão é de que temos cometido um grande erro com essa resolução, a saber, que nós mesmos temos colocado um obstáculo no caminho de nossos futuros êxitos. (...) Não aprendemos como apresentar nossa experiência aos estrangeiros. (...) se não entendemos assim, não temos como continuar nosso avanço. Acredito que, depois de cinco anos da revolução russa, o mais importante, para todos nós, tanto para os russos como os camaradas estrangeiros, é colocar-nos a estudar. (...) Todo o partido e todas as camadas da população da Rússia demonstram a ânsia pelo saber. Essa necessidade de aprender prova que, hoje, nossa tarefa mais importante é estudar, e estudar com afinco. Também nossos camaradas do exterior devem estudar”.

Lênin, então, retoma o exemplo da resolução sobre o partido, indicando que, enquanto os russos a estudam no sentido geral, os camaradas do exterior devem estudá-la *“no sentido particular, para que compreendam realmente a organização, estrutura, método e conteúdo do trabalho revolucionário”*. É notável como Lênin trouxe para o IV Congresso a imperiosa necessidade da elaboração coletiva, e do método marxista de conhecer a realidade para transformá-la.

(As citações foram extraídas das Obras Completas, Lênin, tomo XXXVI, Akal Editor)